

”

# AFETOS NA PESQUISA ACADÊMICA

Jean-Luc Moriceau

ensaios ”



PPGCOM • UFMG



”

# AFETOS NA PESQUISA ACADÊMICA

Jean-Luc Moriceau

ensaios ”



PPGCOM • UFMG

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida  
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

### **FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis  
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

### **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Coordenador: Bruno Souza Leal  
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

#### **SELO EDITORIAL PPGCOM**

Bruno Souza Leal  
Nísio Teixeira

#### **CONSELHO CIENTÍFICO**

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB   UFBA)	

---

[www.seloppgcom.fafich.ufmg.br](http://www.seloppgcom.fafich.ufmg.br)

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar  
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901  
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M854a Moriceau, Jean-Luc  
Afetos na pesquisa acadêmica [recurso eletrônico] / Jean-  
-Luc Moriceau. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/  
UFMG, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-10-6

1. Comunicação social. 2. Pesquisa acadêmica - Aspectos  
psicológicos. I. Título.

CDD 300

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

## CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

Apoio:



CAPES



FAPEMIG

## CAPA E PROJETO GRÁFICO

Atelier de Publicidade UFMG  
Bruno Guimarães Martins

## COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Melo Ribeiro

## DIAGRAMAÇÃO

Rafael de Amorim Albuquerque  
e Mello

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos  
termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:  
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>



# | Sumário

<b>Agradecimentos</b>	9
<b>Apresentação</b>	11
Ângela Cristina Salgueiro Marques Carlos Magno Camargos Mendonça Sônia Caldas Pessoa	
ENCONTRO 1	23
<b>Afetos e modos de pensar a Comunicação</b>	
ENCONTRO 2	59
<b>Diferenças e vulnerabilidades: hospitalidade e acolhimento</b>	
ENCONTRO 3	91
<b>Dos afetos ao pensamento: mantendo o movimento</b>	
ENCONTRO 4	137
<b>Reflexividade e escrita</b>	
<b>Referências bibliográficas</b>	173



## | Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de uma longa colaboração, que se baseia tanto numa fecunda convergência intelectual, quanto em uma bela amizade. Este livro é polifônico e não pode ser separado do ambiente afetivo em que nasceu. Uma abordagem original tem sido inventada no Departamento de Comunicação Social da UFMG, por meio de encontros entre pesquisadores e alunos - as discussões ao final dos capítulos deste livro atestam a qualidade e densidade dessas trocas. Apresento neste livro, à minha maneira, algumas características dessa abordagem, mas ela deve muito a esses encontros e, em particular, a três colegas e amigos. A colaboração começou com Carlos Mendonça há mais de dez anos, e as suas reflexões, em particular sobre as performances, a corporeidade e as obras de Deleuze, foram centrais neste desenvolvimento. Sônia Pessoa traz suas reflexões engajadas, originais e essenciais, sobretudo acerca de pessoas com deficiência, bem como sua sensibilidade e seus relatos de experiências pessoais. Ângela Marques fervilha de ideias e leituras para desenvolver perspectivas atenciosas e generosas sobre as imagens da vulnerabilidade e sobre a biopotência daqueles que raramente são escutados. Ângela trabalhou muito não só para aprimorar a linguagem do texto, mas principalmente para tornar as interações que tivemos em sala, na UFMG, mais fluidas e coerentes. Eu não saberia enfatizar o quanto

essas páginas são devedoras dessas reuniões e das trocas que realizamos. Sou imensamente grato à Isabela Paes, que me acompanha e me enriquece, que me desafia e que iniciou muitas das ideias aqui registradas.

*Jean-Luc Moriceau*

## Apresentação

ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO MARQUES

CARLOS MAGNO CAMARGOS MENDONÇA

SÔNIA CALDAS PESSOA

Este livro começou a ser escrito em 2017, como desdobramento de um projeto de pesquisa que previa o aprofundamento de uma cooperação bilateral entre o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG (PPGCOM) e a Business School do Institut Mines-Télécom<sup>1</sup>. Os professores Carlos Magno Camargos Mendonça, Sônia Pessoa e Ângela Cristina Salgueiro Marques convidaram o professor Jean-Luc Moriceau para uma missão de trabalho que seria beneficiada com o apoio do edital “Cátedras Franco-Brasileiras”, elaborado pela Diretoria de Relações Internacionais da UFMG.

O contato com o professor Moriceau iniciou-se no ano de 2009, estreitando-se em 2011, quando o professor Carlos Mendonça foi convidado a participar de duas bancas de defesa de doutorado na França, ambas resultantes de trabalhos orientados pelo professor Moriceau. O contato entre eles foi retomado em 2014, com a ida do prof. Carlos Mendonça, como visitante, à Télécom Business School (ação que voltou a se produzir em 2016). Em 2015, o prof. Moriceau esteve no Brasil a

---

1 Para maiores informações ver: < <http://www.imt-bs.eu/>>.

convite do professor Carlos Mendonça para integrar as atividades de pesquisa do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional – NEEPEC/UFMG e ministrar a disciplina “Guerrilhas do Sensível” (entre os meses de fevereiro e junho de 2015) para alunos de mestrado e doutorado do PPGCOM.

A estadia do professor Moriceau em 2015 permitiu também uma interlocução com as professoras Ângela Marques e Sônia Pessoa com base na afinidade teórica com a perspectiva de uma metodologia que privilegia os afetos na construção de uma concepção crítica da comunicação institucional. O professor continuou em contato conosco ao longo de 2016, sendo por nós convidado a proferir uma palestra no “III Seminário Internacional de Comunicação Organizacional” (SICO).

Após esses contatos e, sobretudo, após sua visita à UFMG em 2015 e 2016, o professor Moriceau passou a figurar como interlocutor constante e colaborador em nossas produções acadêmicas, seja na escrita de artigos e capítulos, seja convidando-nos para publicar em revistas francesas e participar de palestras e bancas de mestrado e doutorado no Institut Mines-Télécom.

No ano de 2017, o prof. Moriceau esteve conosco em visita de trabalho com o inestimável apoio das “Cátedras Franco-Brasileiras na UFMG”. Entre as atividades desenvolvidas durante sua estadia, destacamos os inesquecíveis quatro encontros com docentes e discentes de graduação e pós-graduação acerca do tema dos afetos na pesquisa acadêmica. Este livro é resultado das trocas e diálogos que animaram nossas tardes de intenso aprendizado com o prof. Moriceau. Salientamos desde já que ele não teria sido possível sem o auxílio dos integrantes do grupo Afetos, coordenado pelas professoras Sônia Pessoa e Camila Mantovani, em especial Stephanie Boaventura e Karla Eloara, que pacientemente transcreveram as gravações dos encontros, possibilitando-nos recuperar os detalhes e registros de cada uma das intervenções.

A abordagem afetiva da comunicação é desenvolvida por Moriceau de modo a aproximar a experiência comunicacional da experiência estética (momento singular, transformador de nossa subjetividade em contato com as forças do sensível) por meio da valorização de seu caráter experiencial, aproximando o gesto praxeológico do fenomenológico. Ele

afirma que a “virada afetiva” (LETICHE; LIGHTFOOT, 2014) designa, sobretudo, novas possibilidades epistemológicas e novas práticas metodológicas: um modo de pesquisa no qual o pesquisador se deixa guiar pelos afetos, se permite mover pela situação, como ponto de partida da reflexividade. Não se trata de extrair uma representação mais rica dos acontecimentos experienciados, mas de aceitar mergulhar no concreto, no vivido, na porção parcial, local, específica, relacional e estética da experiência.



Figura 1 - Jean-Luc Moriceau em curso ministrado na Fafich em 2017.

A experiência estética, segundo Moriceau, nos lança no desconhecido, no inesperado, em um turbilhão de sensações, *insights* e reações que nos levam a repensar nossos quadros de conhecimento. Ela é uma experiência que vem de fora, mas que se endereça a cada um de nós, nos convidando a um encontro: seu caráter é relacional. Contudo, tratar a experiência e o sensível nas pesquisas que desenvolvemos não é tarefa fácil: podemos perdê-los de vista (ou vê-los transformados em outra coisa) ao desejarmos nos assenhorar de suas características ou mesmo contemplá-las à distância, como objeto oriundo de dispositivos e meios performáticos (MORICEAU; PAES, 2014, 2016).

A pergunta que ele nos dirige durante os quatro encontros ocorridos em 2017 é a seguinte: como construir uma forma de abordagem que possa captar e descrever a experiência estética e ética dos sujeitos nas interações por eles tecidas, e que também possa pensá-la e comunicá-la? Se considerarmos que a experiência estética nos afeta e nos move, não podemos examiná-la à distância: temos que vivê-la, nos deixar tocar e

afetar por ela. Nesse sentido, uma abordagem afetiva tem que considerar o corpo, as impressões, sensações, efeitos de prazer e de incômodo, estranhamento e familiaridade, os espaços e relações de poder que envolvem sua emergência, as capacidades de expressão que ela nos fornece e os movimentos aos quais ela dá origem.

Segundo Moriceau (2016, 2019), na pesquisa acadêmica com sujeitos é preciso pensar em outras formas de deixar o outro falar e de ser afetado por ele que não podem ser contidas nos modos tradicionais da representação do conhecimento e dos resultados de pesquisa. Podemos, por exemplo, alternar entre a descrição dos afetos desencadeados pelo trabalho de campo e momentos de reflexividade, sem procurar representar a cultura estudada ou os sujeitos estudados por meio de seus enunciados. Para Moriceau (2014), a representação apresenta-se como distanciada da experiência, paralisa as dinâmicas, fixa os lugares, as posições, impõe uma perspectiva ou narrativa e atribui papel central ao autor/pesquisador. Nesse caso, há uma reflexão ética por trás da pesquisa que questiona o falar por ou em nome de, tentando construir uma possibilidade de o pesquisador falar com os seus pesquisados. Assim, pode-se construir o sentido de forma partilhada, não hierarquizada. Desloca-se o pesquisado do seu lugar de “objeto” de análise e constitui para ele um lugar de interlocutor, parceiro simétrico na construção da pesquisa (BENCHERKI, 2015; GOLDMAN, 2006; D’ALMEIDA; CARAYOL, 2014).

Nesse deslocamento, o pesquisador e a pesquisa se deixam afetar, transportar e transformar pelo que estudam (STEWART, 2007; FAVRET-SAADA, 1990). Se deixar afetar é deixar entrar em nós aquilo que estudamos e afetá-lo em troca. É provável que não sejamos mais os mesmos depois da pesquisa, pois não podemos nos isolar para examinar à distância os dados coletados. Ter uma experiência como essa não significa indolência do pesquisador, mas um contato autêntico, marcado pela vulnerabilidade e pelo encontro transformador com a alteridade (MACÉ, 2016).

Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria. É preciso conferir aos atores pesquisados a maior parte da responsabilidade de confeccionar

sua representação. O pesquisador deve aproximar-se de uma expressão mais bruta de suas falas e relatos, considerando a justeza de sua própria maneira de se expressarem e contarem a si mesmos, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas. É importante não ficar buscando uma representação mais “adequada”, mas sim visar uma abertura a várias possibilidades de produzir sentido acerca das falas dos pesquisados, compartilhando com os leitores o trabalho de compreensão e de fabricação de seus próprios textos (STEWART, 2007; MORICEAU, 2014).

Uma abordagem afetiva da comunicação, nos diz Moriceau (2017, 2018, 2019), é uma crítica que nos leva ao coração da ambiguidade e da complexidade das situações que pesquisamos, nos exigindo uma postura ética e uma tomada de posição reflexiva e corajosa. Uma ética pessoal e coletiva que afeta nossas convicções ligadas à produção de saber e abala as certezas prefiguradas, nos levando a querer continuar a pensar sobre a pesquisa e seus sujeitos.

Ao falar sobre o tema “Afetos e performances e organizações em uma perspectiva comunicacional”, o prof. Moriceau nos lançou as seguintes indagações: Como considerar, nas pesquisas em comunicação, os afetos, as performances e qualidade estética e política das experiências? Exploramos juntos uma abordagem que tenta articular afetos, performances e práticas de resistência. Enfatizamos, nos quatro encontros e além deles, que pesquisar é uma maneira de se deixar guiar pelos afetos, por aquilo que nos toca, que nos surpreende e nos revolta, enfim, por aquilo que pode nos ensinar uma vez que não se deixa encapsular por um conceito ou uma teoria já conhecida. Aproximar-se e experimentar antes de julgar ou mesmo pretender conhecer é um gesto ético e político na pesquisa em Comunicação. Nesse gesto, pesquisar não é algo que se restringe a produzir conhecimentos e representações sobre objetos, mas sobre o que se apresenta como uma performance, como algo que não é ditado por uma lei geral, mas como algo que retoma um percurso ou um desafio trazendo uma diferença particular.

Abordar a pesquisa como performance é ser capaz de trazer uma carga de ritual e de inovação, rica de um passado e promessas de futuro. Uma pesquisa carregada de imaginários, de expressão de corpos, negociação de sentidos em paisagens e situações habitadas por actantes

humanos e não humanos. Sob esse aspecto, pesquisar é agir sem recortar tudo o que se pode observar em objetos distintos, tentando articulá-los em relações, ressonâncias, revelando com isso a maneira como as coisas e acontecimentos possuem a capacidade de se afetarem, de se ligarem e de produzirem algo inédito.

A noção de performatividade (MORICEAU, 2016), configura-se a partir de uma preocupação com o desenho democrático dos agenciamentos que conduzem as ações políticas dos atores. Um agenciamento, segundo ele, relaciona-se com a produção de novos enunciados em cenas de enunciação geralmente definidas como assimétricas e perpassadas por profundas desigualdades de poder. Ao mesmo tempo em que podemos definir os agenciamentos dos atores (motivações e ações que definem suas escolhas, decisões e práticas), podemos também identificar os agenciamentos dos discursos por eles proferidos. Assim, Moriceau aponta que a performatividade possui uma dimensão crítica quando nos leva a interrogar se esses discursos e proferimentos que constroem, simultaneamente, normas e públicos reproduzem e fortalecem, ou não, posições de autoridade existentes, formas injustas de privilégios e assimetrias.

A pesquisa perpassada pelos afetos atua como comunicação e individuação a partir do convite à elaboração de um percurso teórico-metodológico que deriva não só da vontade de aprender, de compreender e de investigar, mas também do desenvolvimento de uma autopercepção do pesquisador como sujeito que existe em pesquisa. A investigação pode individuar aquele que a concebe e também o próprio campo epistemológico mobilizado. Nesse sentido criar uma metodologia de pesquisa é uma arte e, segundo Moriceau, requer três gestos (comunicacionais, políticos e éticos) interligados: a) Expor-se: permitir o contato e a surpresa, deixar os sentidos abertos para as experiências realizadas, diatanciando-se da necessidade de provar hipóteses e controlar os desdobramentos. Arriscar-se sem deixar de considerar os constringimentos existentes na academia; b) Caminhar: zelar por uma abertura constante a mudanças derivadas do questionamento dos métodos e teorias acionadas na pesquisa; c) Pensar e refletir: não apenas seguir etapas previstas, perse-

guir dados, mas indagar-se sobre as razões de estar-se utilizando determinados autores e teorias.

Além disso, é preciso construir uma escrita capaz de fazer justiça aos acontecimentos, objetos e pessoas encontrados no caminhar da pesquisa. Assim, “ser em pesquisa” envolve aprender, mover-se, pensar, entender o contexto, refazer, individualizar-se e não apenas posicionar-se, modelar, representar. A pesquisa é um processo ético e estético de comunicação e de individuação: ela envolve contatos que vão alterar, deslocar, transformar todos os sujeitos, objetos e teorias envolvidos na investigação. A performatividade da pesquisa envolve uma abertura a modos de propagação de mudanças derivadas da apropriação das performances que, ao reiterarem procedimentos e formatos, encontram aberturas nas quais podem modelar outramente o pensamento e o fazer, sobretudo pela abertura aos afetos e à hospitalidade.

As questões apresentadas por Moriceau são centrais para aprofundar nossa reflexão acerca dos afetos na pesquisa acadêmica enquanto constelação de interações nas quais, e a partir das quais, se elaboram, se estabelecem e se exprimem percepções, representações, performances individuais e coletivas, sistemas de valores, atribuições, construções identitárias, assim como dispositivos comunicacionais com relação às atividades e às mudanças sociotécnicas e culturais. Moriceau compartilha conosco uma compreensão da pesquisa guiada pelos afetos como operações de concepção, difusão e trocas, mas também de confrontos e conflitos de significações individuais e coletivas. Sua visita em 2017 (e depois também em 2019), com o apoio da chamada da DRI, nos permitiu desenvolver o presente livro que traz contribuição inovadora para pensarmos as dimensões éticas e afetivas que emergem em pesquisas qualitativas acerca das narrativas, performances e experiências vivenciadas pelos sujeitos em práticas políticas cotidianas e em contextos institucionais os mais diversos. Além disso, pesquisas concebidas em processos investigativos tecidos e organizados pelas tramas dos afetos são potencialmente mais capazes de considerar e acolher a alteridade, os vulneráveis e os precários, desafiando princípios instituídos a priori e descortinando assimetrias e injustiças que dificultam a fabulação de um mundo comum habitável.

Por fim, as contribuições do professor Moriceau nos encontros realizados junto aos alunos de graduação, de iniciação científica e de pós-graduação em Comunicação Social da UFMG proporcionaram a chance de construirmos abordagens refinadas de percursos metodológicos marcados pela perspectiva dos afetos. Possibilitou ainda a criação de interseções entre a produção de pesquisas e análises teórico-empíricas em Comunicação e experiência estética no Brasil e na França, segundo seus respectivos horizontes culturais. Estreitamos os vínculos de cooperação e de produção coletiva interinstitucional já existentes a partir de um diálogo crítico sobre as pesquisas individuais e coletivas, destacando aspectos das práticas comunicacionais em suas dimensões estética, performática, afetiva, institucional e fenomenológica.

Não poderíamos aqui deixar de registrar nossos agradecimentos aos professores, estudantes e integrantes dos seguintes grupos de pesquisa



Figura 2 - Curso e palestra ministrados pelo prof. Jean-Luc Moriceau na Fafich, 2019.

que estiveram sempre presentes nos encontros: Mobiliza (coordenado pelo prof. Márcio Simeone); Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça - Margem (co-coordenado pelos profs. Ângela Marques e Camilo Aggio), Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional - NEEPEC (coordenado pelos professores Carlos Mendonça e Juarez Guimarães); Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermediáticas/ Grupo de Pesquisa sobre Lesbianidades - GEL/NucCon (representado pela profa. Joana Ziller), Afetos (coordenado pela profa. Sônia Pessoa). Registramos também a presença de pesquisadores do Grupo de Pesquisa

“Comunicação no contexto organizacional: aspectos teórico-conceituais” (PUC-Minas), coordenado pela profa. Ivone de Lourdes Oliveira (pesquisadora colaboradora do PPGCOM-UFMG).

## Referências

BENCHERKI, Nicolas. *Pour une communication organisationnelle affective: une perspective préindividuelle de l'action et de la constitution des organisations*. Communiquer [En ligne], n°15, 2015.

D'ALMEIDA, Nicole; CARAYOL, Valérie. *La communication organisationnelle, une question de communauté*. Revue Française des Sciences de l'information et de la communication, n.4, 2014.

FAVRET-SAADA, Jeanne. *Être Affecté*. In: Gradhiva: Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie, n.8. 1990, p. 3-9.

GOLDMAN, Marcio. *Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica*. Etnográfica [online]. vol.10, n.1, 2006, p.161-173.

LETICHE, H.; LIGHTFOOT, G, *The Relevant PhD*, Rotterdam, Sense, 2014.

MACÉ, Marielle. *Styles: Critiques de nos formes de vie*. Paris, Gallimard, 2016.

MARQUES, A.C.S.; OLIVEIRA, A. K. C. ; MORICEAU, J. *A política da escrita e a performatividade da palavra do homem ordinário no método da igualdade de Jacques Rancière*. Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação, v. 6 n.12, 2018, p. 92-103.

MARQUES, A. C. S.; MORICEAU, J. *Cadrage biopolitique des personnes appauvries par l'image photographique: entre gouvernement des corps et biopuissance des modes de vie*. In: AYOUB, Chafik (ed.). (Org.). *Monde arabe et Amérique latine : confluence des dynamiques sociales*. 1ed. Paris: L'Harmattan, v. 1, 2018, p. 22-39.

MARQUES, A. C. S.; OLIVEIRA, A. K. C.. *L'écriture subversive: la performativité de la parole de l'homme ordinaire dans la méthode de l'égalité de Jacques Rancière*. Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels, v. 24, 2018, p. 113-132.

MARQUES, A.; MORICEAU, J.-L.; THERRIER, D. *Face aux migrantes Haïtiennes au Brésil: la recherche comme communication, hospitalité et considération*”, *Revue française des sciences de l’information et de la communication*, 2019.

MENDONÇA, Carlos. M. C.; FREITAS, F. A. *Le texte et le jeu dans l’écriture académique: une métaphore pour chercher le sensible*. *Revue Internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels*, v. XXIV, 2018, p. 217-229.

MORICEAU, Jean-Luc. *Une approche affective de la communication organisationnelle*, *Revue française des sciences de l’information et de la communication*, n. 9, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *An apprenticeship to pleasure: aesthetics dynamics in organizational learning*, *Society and Business Review*, Vol. 11 n°1, 2016, p. 80-92.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e um lugar ao sensível na construção do sentido*. In: PICADO, B.; MENDONÇA, C.; CARDOSO FILHO, J. *Experiência Estética e Performance*. Salvador, Edufba, 2014, p.107-130.

MORICEAU, Jean-Luc. *Tout contre la représentation*. Et si le but de la recherche n’était pas de représenter?, in *Société de Philosophie des Sciences des Gestion (dir), Les Prêts-à-penser en épistémologie des sciences de gestion*, Paris: L’Harmattan, 2014, p. 61-79.

MORICEAU Jean-Luc, H. Letiche, G. Lightfoot. *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics*, Rotterdam: Sense Publishers, 2016, p. 167-179.

MORICEAU, Jean-Luc. *Dans le tournant vers les affects*, in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale: S’exposer, cheminer, réfléchir ou l’art de composer sa méthode*, Caen, EMS, 2019, p. 83-100.

MORICEAU, Jean-Luc. *Longe da distância representativa: uma pesquisa que comunica e organiza*, in Ângela Cristina Salgueiro Marques, Ivone de Lourdes Oliveira Fábila Pereira Lima, *Comunicação organizacional: Vertentes Conceituais e Metodológicas*, Vol. 2, Belo Horizonte (BR): PPGCOM-UFMG, 2017, p.205-222.

MORICEAU, Jean-Luc. *A comunicação organizacional e os direitos do*

*outro homem*. In: MARQUES, A. C. S.; SILVA, D. R. (Org.) ; LIMA, F. P. (Org.) . Comunicação e direitos humanos (IV SICO). 1. ed. Belo Horizonte: SELO PPGCOM, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. *A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis*. In: PESSOA, Sônia; PRATA, Nair (orgs.). Desigualdades, gênero e comunicação. Livro do Congresso Intercom, 2019, p.41-49.

MORICEAU, Jean-Luc. *Can the researcher learn? Relatedness and the ethics of writing* (Guest editorial), Society and Business Review, Vol. 13, n°3, 2018, p.242-253.

MORICEAU, Jean-Luc. *Imagens-rostos, fotos de alteridade*. In: Ângela Cristina Salgueiro Marques et Frederico Vieira (Org), Imagens e Alteridades, PPGCOM UFMG, 2019, p. 7-12.

PESSOA, Sônia; PAES, Isabela. *Déficiences et capacités : bricoler avec care*, in: MORICEAU, J-L. et R. Soparnot, S'exposer, cheminer, réfléchir: Composer sa méthode de recherche qualitative, Editions Management et société, Cormelles-Le-Royal, 2019.

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*, Durham, Duke University Press, 2007.



## ENCONTRO 1

# Afetos e modos de pensar a Comunicação

Um primeiro pensamento que gostaria de destacar é que os afetos e a Comunicação estão muito próximos, ou seja, os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos. Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos. A perspectiva dos afetos é uma possibilidade de pesquisa na comunicação, uma possibilidade de perspectiva humanista, onde o estético, o ético e o político se juntam para pensar suas questões, principalmente para tentar pensar a Comunicação Organizacional.

É importante destacar que a própria pesquisa é aqui comunicação. A virada afetiva perturba e desafia muitos dos nossos hábitos de pesquisar, justamente porque pesquisar é por em comunicação. Na virada afetiva, a pesquisa não é apenas controlada pela teoria e pelos conceitos, estes são amplificados, questionados e colocados sob tensão pelos afetos e perceptos. É menos uma questão de dissecar e dissertar do que de experimentar o que estamos estudando. Não seguimos um método seguro, mas deixamos que o encontro nos guie (o que, em contrapartida, exige um esforço de reflexividade). A pesquisa começa menos com a teoria

e o pesquisador, e mais com o encontro com o outro, com o mundo e com o evento, com o que está vindo – e assim se volta não para temas previamente identificados, mas para o que no encontro é percebido como estranho, sutil, incompreensível, surpreendente, favorecendo momentos de extrema intensidade e significância. Ademais, a teoria não é apenas uma prerrogativa do pesquisador: os atores encontrados e os leitores contribuem ativamente para sua elaboração. A teoria é menos confirmação do que colocação em movimento, menos busca do geral do que atenção ao singular (que aponta para experiências universais). Antes de qualquer distanciamento, é a proximidade, o tocar, a experiência subjetiva, singular e plural que são privilegiados e que provocam a reflexão. O importante é tanto a presença no campo quanto uma obra de escrita, onde a presença viva e a mais contemporânea são colocadas em ressonância, em comunicação, com o passado e a memória, a cultura, os traumas, o imaginário.

Os afetos nos colocam em comunicação, e muitas vezes é a pesquisa que vem até nós, desde que estejamos prontos para sermos transformados pela experiência do ato de pesquisar, abalados em nossas crenças, nossas teorias, nossa sensibilidade. A pesquisa guiada pelos afetos requer, portanto, ao mesmo tempo, uma grande abertura aos outros e ao contemporâneo e é o trabalho de uma vida. Ela é uma comunicação com a sociedade, a filosofia, os nossos compromissos, as nossas formas de existência. Também se comunica com as outras “viradas”, por exemplo, a virada para a materialidade ou para o espaço, a crítica pós-colonial, feminista, queer. Além disso, muitas vezes é uma crítica, de nossas teorias, de nossas comunicações, do capitalismo e de nós mesmos. Afinal, se a pesquisa é encontro e comunicação, a ética certamente está ali, como propõe Levinas, filosofia primeira. E mais precisamente, como sugere Lingis, uma ética minoritária, uma ética ordenada pela minoria.

Neste primeiro encontro, gostaria de propor um panorama da abordagem, mostrar o projeto, os desafios, as possibilidades, começar a fazer sentir o gosto e o ambiente, apresentar exemplos e alguns dos principais protagonistas. Dedicaremos os próximos três encontros a três de seus momentos ou gestos fortes, o da hospitalidade aos afetos em seus poderes de desfamiliarização, de inquietante estranheza; o de pôr o

pensamento em movimento, de desconstrução e reavivamento; o da escrita para transmitir o movimento, de uma escrita performativa.

## **Afetos**

Eu não vou começar minha apresentação com uma definição dos afetos, porque definir é finalizar, definir é fechar sentidos, e o desafio com os afetos é de adiar a chegada dos conceitos, é de manter os afetos vivos, em vida. E se nós começarmos por definir, os afetos vão morrer imediatamente. Os afetos, vocês sabem, vou mencionar rapidamente aqui, os afetos são diferentes de emoções. A emoção é algo que eu conheço, eu reconheço, eu posso nomear, eu posso dizer que tem uma significação, é familiar. Por exemplo, eu estou vendo uma criança chorando, porque o brinquedo está quebrado, eu a entendo, eu vou ficar triste, mas eu sei o que é. Essa situação está comunicando uma lembrança em mim, é familiar, eu a conheço.

O afeto é algo que é mais estranho, ou estrangeiro, que não sei o que significa imediatamente. É algo que é de fora, não é de dentro de mim, ele vai me obrigar a pensar, a mudar. Muitas vezes o afeto está misturado, atua desfamiliarizando o já conhecido, fazendo com que ele se abra ao devir. O afeto é muitas vezes singular, mas ao mesmo tempo singular e plural (retomando a expressão de Nancy). É singular porque ele acontece numa situação específica, cuja singularidade não queremos apagar. Não é uma situação geral, é um afeto específico numa situação específica sobre o qual vamos tentar pensar. Ao mesmo tempo, o afeto não tem uma dimensão apenas, um sentido certo, ele toma forma, todas às vezes, numa dinâmica plural. Nós não sabemos qual é a significação, pois o afeto escapa à captura por uma palavra, não se pode dizer “os afetos são isso”, senão, vamos perder o poder de mudar, a potência de transformar. Se tem uma definição possível, uma definição muito velha, é aquela oferecida por Spinoza: “o poder de ser afetado e de afetar”. O poder de ser afetado é uma sensibilidade e o poder de afetar é uma responsabilidade. E a questão da performatividade vai estar nas interfaces que se estabelecem entre a sensibilidade e a responsabilidade. Assim, nós não sabemos o que é o afeto, mas ele vai se manifestar por intensidades, velocidades, desejos, abatimentos, de muitas variadas maneiras.

## **Pesquisa com afetos**

Pensar os afetos na pesquisa envolve ter claro que fazemos pesquisa não para testar uma teoria: não vamos usar uma teoria para descrever um caso. A meu ver, a pesquisa tem três momentos, como tentamos mostrar em um livro editado com Richard Soparnot (MORICEAU; SOPARNOT, 2019): o primeiro momento é uma exposição, um contato com o campo, contato com o que você está estudando; e vamos pensar este momento não como coleta de dados, mas como uma abertura, um acolhimento, um encontro. O segundo momento, é o movimento, em que o que você está encontrando vai fazer mudar algumas coisas, mudar o pensamento, mudar sua posição na pesquisa, mudar a teoria, pode até mudar sua vida na pesquisa. E o terceiro momento é o momento de reflexividade e de contrução de um texto. Reflexividade para questionar o método, reflexividade para criar a forma de exposição, mas a reflexividade pode envolver a significação, a importância que o trabalho possui para o âmbito social, para a política, para a situação em que se insere. E os afetos, com o poder de mudar, o poder de afetar e transformar é uma potência importante nos três momentos. Na exposição, ser afetado cria um movimento, os afetos vão mover e transportar a pesquisa, que vai tentar não representar, mas manter vivo e atuando essa força, e nós procuramos um movimento dentro do pensamento, dentro da teoria. Neste caso, as pesquisas não vão ser reduzidas a uma sistematização de teorias e utilização de um caso para ilustra-las. Então, o afeto na pesquisa, de modo breve, é algo estranho, que age colocando em movimento saberes e crenças, que aciona um processo comunicativo. O desafio vai ser guardar, manter essa estranheza, proteger as qualidades do não familiar, do movimento inquietante, não para explicar, mas para pensar, ou repensar, a partir deles.

De modo resumido, os passos que envolvem o gesto de fazer uma pesquisa que abrange os afetos requerem: ser tocado, ser afetado pela experiência, deixar esta experiência abalar e pôr em movimento a teoria, o que sabemos, chamando um reflexividade política e ética e exingindo uma escrita performativa, plural para comunicar esse movimento, essa inquietação, permitir experimentar, repensar, dar a pensar cada um e juntos.

Nós vamos tentar não converter os afetos em variáveis. Tentar, de verdade – não sei o que significa “de verdade” – ser afetado pela pesquisa e, como dizer, manter a sensibilidade, o movimento, a reflexividade, a comunicabilidade dessa experiência. E, assim, a perspectiva dos afetos vai mudar a abordagem do campo, porque o pesquisador permitiu ser afetado. No âmbito da pesquisa acadêmica tradicional, institucionalizada, tudo é feito para não ser afetado: o método utilizado é para evitar o afetar-se, evitar a exposição, a abertura. Você vai seguir o método, quer dizer, você não estará aberto ao que vai acontecer. Tudo em sua pesquisa está empurrando você não para mudar, o objetivo é o de reencontrar a teoria, o objetivo é o de seguir com as instruções prescritivas e roteiros apontados como adequados, não é o de mudar. Habitualmente o objetivo consiste, em outras palavras, em ler bem a teoria e garantir os requisitos presentes no modelo através da qual você vai ser avaliado.

Contudo, as pesquisas não se resumem a ler bem a teoria: precisamos usar a teoria para criar pensamento. O propósito e a abordagem do campo não são de se encaixar, ou ilustrar uma teoria, mas é destacar aqueles aspectos que privilegiam a reflexividade. Por isso, nós vamos tentando mudar a maneira usual de fazer pesquisa, e vamos ver que esse deslocamento em direção aos afetos vai mudar até o tipo de contribuição oferecida para a teoria, o modo de escrita e o próprio objeto da pesquisa – pode até reconfigurar o estilo de vida do pesquisador.

Por que nós falamos em uma virada afetiva? Não é só no sentido de que convidamos os afetos para atuar na prática pesquisa, mas significa que nós somos afetados pelo que pesquisamos e pela trajetória do “pesquisar”. A virada inclui como abordar o campo, como conduzir a pesquisa, o que é observado, as teorias de referência, o tipo de contribuição, os modos de escrever, etc. Há com os afetos algo em movimento, vivo e revitalizante que não deve ser perdido. Sob esse âmbito, a representação é exatamente aquilo de que nós vamos tentar fugir, porque a representação é algo que vai impedir o movimento.

### **Mantendo os afetos vivos**

Se você começa a ler um texto da virada afetiva, imediatamente vai reconhecer que não é um texto usual. A maneira de escrever, a maneira

de usar a teoria, de descrever a situação, desde o início será diferente. Normalmente, o que um professor vai dizer é: “fique à distância, você precisa ser objetivo”, ou “Você vai fazer uma representação da Comunicação Organizacional, da Comunicação no Jornalismo, construir um modelo com variáveis, ou uma descrição, um estudo de caso, você vai descrever à distância”.

Do ponto de vista da virada afetiva, podemos achar que ao contato falta uma dimensão sensível, que lhe falta certa sensibilidade, que lhe falta uma forma de abertura e senso de lugar, pode-se dizer que a descrição é, de alguma forma, insensível. Muitas vezes podemos achar que a descrição não nos transporta à experiência estética de estar ali, no meio de rostos, paisagens e dramas, que lhe falta um trabalho estético para recriá-lo, que ela não toca, que está de alguma forma anestesada, quase morta. Poderíamos talvez dizer: “des-afetada”, cujos afetos tenham sido removidos. Desafetados (*désaffectés*), em francês, quer dizer sem função, sem serventia ou, também, pode ser chamada de desafetada uma parte da cidade onde ninguém vai passar mais, que ninguém vai usar, não havendo mais nenhum afeto que nos prenda a ela. Nesse sentido, a representação é indiferente, no sentido de que isso não faz diferença para nós, não suscita afetos e não nos compromete, provavelmente porque o objetivo da pesquisa não é o de ser diferente, mas de ser o mesmo que a teoria. A representação vai usar as variáveis usuais, repetir a mesma história e não vai estar aberta ao estranho, ao estrangeiro.

Para manter os afetos vivos, e assim tentar ser fiel à experiência de estar ali como um pesquisador, um pesquisador tentando aprender, vamos tentar dois movimentos antes e além da representação: o primeiro movimento é de buscar um contato mais direto, mais bruto, de mergulhar no concreto, no vivido, no parcial, no local específico, no relacional. Por meio desse gesto, vamos descrever os corpos, os rostos, os dramas, as formas de vida, da maneira que vamos encontrá-los. O objetivo é se deixar afetar, dizer, colocar-se em movimento, modificar a experiência. Não é o de olhar tomando uma distância. É difícil, pois usualmente nós não gostamos dessa proximidade na pesquisa. E o segundo movimento requer que nos atentemos para o fato de que é no afeto,

na experiência, que vamos achar rastros do político, do memorial, do ético, do existencial, do efeito das estruturas, da história, do biopolítico, do imaginário. Entrando em contato com um acontecimento, algo nos contagia e produz em nós uma sensação de cólera ou de alegria, ou um medo que nos revela que temos uma sensibilidade, que podemos sentir. Sentir pode não ser sinônimo de ver, mas podemos sentir o político, o memorial, o ético sem ver los. Normalmente para onde estamos indo, não vai ser uma representação, mas um movimento para o local, para a experiência mesma e os pensamentos que nós temos durante a experiência, intensificados e confrontados com uma discussão com as teorias. São colocados lado a lado o aspecto mais direto e a multiplicidade de contextos que colorem essa experiência. Aprendemos com ambos e também com a conexão entre os dois. Passa-se, assim, a uma tentativa de colher os rastros do político, do memorial, do ético e do existencial, ressaltando o efeito das estruturas, da história, da biopolítica, do imaginário, do contágio, enfim, envolvendo reflexivamente o efeito de nossas ações.

### **Pesquisa tocante e contaminante**

Existem alguns autores importantes na virada afetiva e uma delas é Kathleen Stewart. Seu livro mais recente, *Ordinary Affects*, nos convida a desacelerar a rápida passagem ao pensamento representacional quando pesquisamos. Isso porque produzir uma representação é agarrar o objeto à distância, evitando ser afetado, o que é mais fácil e confortável. Assim, o objetivo de Stewart no livro é atrasar a chegada da representação e da crítica avaliativa de modo a oferecer mais tempo ao pesquisador e ao leitor para encontrar caminhos de abordagem para os objetos complexos e incertos que nos fascinam, justamente porque eles nos atingem e nos tocam. Segundo ela, o esforço de pesquisa não deve ser o de finalmente conhecer esses objetos, colecioná-los em uma boa narrativa, mas de elaborar um tipo de aproximação que seja adequado à sua forma, que possa acolhê-los, performando algo de sua intensidade e textura.

Stewart mobiliza um vocabulário que privilegia ações como tocar, produzir impressão, o que permite justamente criar uma zona de contato com os objetos. Assim, pesquisar não é descrever ou nomear, mas fazer

pesquisa, encontrar um modo de acolher ou causar uma impressão. O primeiro momento, pode-se dizer, é o de tocar, não de ver. A teoria, se voltarmos à sua etimologia, é uma questão de ver, é como um espetáculo: queremos que a teoria não filtre completamente a experiência, que antes de ver, de longe, o que está acontecendo, é preciso tocar, sentir a experiência, viver a experiência.

O contato vai ser primeiro marcado pela experiência de tocar e de ser tocado. Tocar possui três sentidos em português. O primeiro refere-se à emoção, à expressão que resulta de estar sensibilizado por uma situação, um comentário, um elogio. O segundo tem a ver com a música, pois é possível tocar instrumentos musicais, tocar uma música (esse é um sentido que não existe em inglês ou francês, um vez que nesses idiomas usa-se a expressão “jogar música” – *play music, jouer un morceau*). A performance é muito importante aqui, pois tocar/jogar música é performar, e vamos notar como a música nos envolve. E o terceiro sentido é o de experimentar, ter experiência sensorial. E os cinco sentidos são importantes aqui, assim como as sensações, os sentimentos, a sensibilidade, a sensorialidade e a sensualidade também. Nancy explica bem que todas essas formas de contato estão no nascimento do sentido. Mais que interpretar, os afetos nos forçam a pensar, criar novos conceitos, a deixar nascer algo, ao mesmo tempo, singular e plural. Interpretar pode ser uma atividade criativa, mas pode ser limitada à tradução para a linguagem teórica, sem que aquilo que encontramos nos afete, nos instigue a pensar. Tem um livro muito bom de Eve Sedgwick, *Touching feeling*, que brinca com essas significações do verbo tocar e sua importância na compreensão do mundo ao nosso redor. Ela mostra o quanto os sentidos, os afetos e o sentido são de um mesmo tecido.

Porém tocar, aproximar-se de rostos, paisagens e acontecimentos, não nos deixa a uma “*safe distance*”. Uma perspectiva da qual muitos discordam é a de que o tipo de saber e conhecimento que buscamos pode ser uma saber “contaminado”, (a expressão vem de um outro livro de Stewart), no sentido de que, ao deixar viver e trabalhar a experiência, vamos nos expor e nos engajar em um processo, e ser afetados. Cabe a nós aceitar ou não “ser contaminado” e, por isso mesmo, “contaminar”, ou seja, ao estar presente em uma situação específica de investigação, o

pesquisador vai afetá-la e, por sua vez, vai se expor, mudar e ser afetado por ela. É importante ressaltar que esse processo promove uma reflexividade e requer uma recusa ao excesso de distanciamento, pois é preciso viver a experiência e deixá-la trabalhar, ou seja, “experimentar a experiência” (MASSUMI, 2015). O sentido dessa experimentação é o de fazer nascer, algo bem distinto de coletar dados, pois o argumento é o de que os afetos vão nos forçar a pensar, a criar novos conceitos, a produzir uma oportunidade de “tornar-se”.

### **Deixar o afeto nos invadir e pensar a partir dele**

Nesse sentido, Isabela e eu gostaríamos de apresentar a vocês um trecho de um texto que escrevemos (juntamente com o prof. Carlos Mendonça) acerca de uma experiência que tivemos em uma batalha ou duelo de Mc's que ocorreu em baixo do Viaduto de Santa Tereza em Belo Horizonte:

Agora é Monge quem fala. Todo mundo se levanta, se junta, como um só corpo. “Vamos fazê barulho!” E os gritos competem com a música e o microfone. O som está subindo, o tom está subindo, a energia está invadindo rapidamente a cena, eletrificando-a. Algo acontece entre todos esses corpos jovens, ritmados pela música, toma os quadris e as vozes em ondulações crescentes. “Tamo de volta! E a gente é mais chato que carrapato quando gruda, é ruim de tirar nós.” Com algumas palavras, pouquíssimas palavras, a unidade desfeita há um ano e meio se recola novamente em todo seu ardor. Os bonés da hora, os ombros tatuados, os cabelos longos, os tênis desamarrados, as cordas vocais, tudo foi colocado em movimento e reconectado, regenerado, em sobrevoltagem, mais animado que revoltado. A festa voltou. E a festa deles me toma. Eu estava apenas esperando, esperando esse momento. E agora eu tô... eu tô excitado, tô dançando. Eu não entendo as palavras, mas eu entendo o que atravessa todos esses que estão presentes, essa energia contagiante, essa seiva da juventude, esse barulho, que toma, que nos toma, independente do sexo, origem, idade, orientação. E também essa fúria. E como explicar que nós estávamos calmos, parados, cada pequeno grupo olhando uns aos outros como estrangeiros e, de repente, nós formamos um só corpo, um só corpo tão cheio de energia.

Esse trecho foi escrito depois da primeira vez que fomos a um duelo. No extrato destacado acima, é evidente que não é só uma questão de lugar, uma questão da ocupação do espaço pelos jovens, pois podemos sentir a excitação, o desejo, a cólera, a onda de raiva, a frustração misturada com tantos desejos e necessidade de expressão, podemos sentir os fantasmas de batalhas passadas e os ciclos de modelos estéticos ou práticas, como nos estádios americanos ou originalmente nos Estados Unidos nos anos 70.

É possível percebermos, na narrativa dessa cena, a vontade de romper, de existir, de seduzir. Um tipo de comunhão, de ritual, de drama social, de criatividade, tudo isso é produzido em um momento específico. Optamos por descrever o momento e, assim, temos material pensar e fazer reviver os afetos que nos tomaram. Certamente, podemos fazer entrevistas, passar mais tempo com esses jovens, ou seja, desenhar uma proposta de pesquisa habitual, mas esses suplementos não devem nos fazer perder aquela bola de sentido, aquela experiência que tem tanto em que pensar. No nosso caso, o recorte metodológico foi pensado para destacar alguns episódios que consideramos importantes pelo modo como nos afetaram. Tentamos pensar esses acontecimentos e partir do pressuposto de que se trata de um contato com o estranho, com aquilo que não é familiar e que não podíamos ter imaginado antes. O objetivo não é repetir o que sabíamos previamente, mas nos expor ao desconhecido e, se tivermos sorte, vamos sentir algo que vai nos empurrar a pensar novamente.

O que acontece nos duelos de MCs é bem diferente do enquadramento conferido por algumas mídias. Se você não se vibrou neste lugar, e se não fez ressoar estas vibrações com outros acontecimentos na cidade, é difícil entender as reivindicações, este engajamento com o lugar, os movimentos de ocupação e as lutas, os reforços vindos de outros movimentos. A experiência foi muito tocante. De alguma forma isso nos obrigou a escrever. Encaixar esta experiência numa teoria distante do que vivenciamos, com a pretensão de explicá-la, seria de alguma forma algo desrespeitoso. Por outro lado, fazer a experiência vibrar e ressoar com uma ou mais teorias para testemunhar e transmitir o que está acontecendo, para realçar a primeira impressão e refletir sobre um signifi-

cado acerca do que encontramos, para propor sentido e não a explicação, já é um objetivo considerável.

Vou pegar um exemplo da vida cotidiana para ilustrar a intuição de Stewart de que os afetos que surgem nas experiências mais comuns que podem instigar a reflexão no mundo contemporâneo. Fomos ao Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos de 2016. No Boulevard Olímpico havia uma grande quantidade de publicidade de diferentes instituições e organizações (nos impressionamos com os balões dirigíveis e com os enormes cartazes de propaganda). Esse parque, muito próximo ao mar, era um lugar muito agradável, e caminhávamos com prazer perto da água do mar, em meio às mensagens dos estandes de várias organizações, que eram em sua maioria discretas, mas algumas eram mais invasivas. Fomos caminhando e, em alguns momentos, fomos surpreendidos pela “estranheza preocupante”, como diz Freud no texto acerca do inquietante. Vou apenas mencionar algumas pistas. Quando Arthur, nosso filho, foi brincar dentro de um carro da polícia militar, havia ao lado alguns policiais com metralhadoras, com suas mãos pousadas sobre essas armas. Todos foram simpáticos com Arthur mas houve algo dissonante com o resto da experiência. Dois dias antes desse episódio, como me contou Isabela, vários tanques haviam bloqueado essa avenida por onde caminhávamos.

Assim, apesar de nosso passeio estar envolto por uma atmosfera prazerosa e calma, o cenário maior – silenciado e, de certa forma, invisibilizado – era de terror, com ameaças de terrorismo e violência à espreita em cada canto. As forças militares estavam lá para garantir que este evento desportivo, mas também comercial, mediático e político, acontecesse sem nada imprevisto. Tudo foi feito para que não pensássemos nisso, para que nossa atenção se prendesse ao consumo, às marcas, aos belos corpos... Outra impressão dissonante, uma mistura de vergonha e raiva quando, atrás das bancadas, nos deparávamos com andaimes e tapumes, fios elétricos por terra, apetrechos de construção cortantes, muitos aspectos perigosos para os trabalhadores, enfim: havia esse outro lado do cenário, o do fosso nas condições sociais, esse lado que o visível tentava acobertar, para não nos afetar, anestesiando-nos com a beleza e a fabulação dos Jogos Olímpicos. E, ao nos deslocarmos

em pequenos passos, houve a sensação de que havia algo que não correspondia, entre essa impressão de calma, sem luta, tudo em seu lugar e o que os Jogos estavam celebrando. Na fantasia que cerca os atletas, tudo nos faz crer na fábula em que, em um minuto, pode surgir um herói que deixa para trás o sofrimento, a dor e o ostracismo. Nos chamou a atenção o fato de que muitas pessoas trabalhavam no Boulevard Olímpico, mas a maioria delas não teria condições de entrar nos estádios para ver os jogos por causa do preço dos ingressos. Ele era mais um espaço aberto todo tomado pelos estandes e anúncios de empresas, onde não se tinha nenhum contato com o que seria de fato uma Olimpíada: não havia no Boulevard uma quadra, uma bola, meninos brincando, atletas se exercitando. O que estava a ser celebrado era mais negócio do que desporto.

É possível argumentar que essa experiência no Boulevard Olímpico nos apresentou uma forma de estetização do mundo (LIPOVETSKI; SERROY, 2013) que torna um espaço em um não-lugar (AUGÉ, 1992), ou seja, um lugar em que todos mantêm sua posição, seus privilégios e sua participação no consumo. Um lugar em que tudo é feito para apagar as feridas, ameaças e causas do terrorismo, produzindo um duplo efeito sobre a subjetividade: a excitação e a retração. Essa mistura complexa e o desafio de olharmos para as interseções dessas dimensões da experiência nos aponta pistas dos contextos, efeitos e desafios da Comunicação Organizacional. Ao mesmo tempo, temos a chance de aproveitar a inquietação provocada por ela e assumirmos nosso quinhão de trabalho reflexivo sobre as realidades que observamos e, nesse gesto, recortamos uma situação singular. Podemos dizer que essa experiência nos inquietou, gerou em nós um estranhamento, um desassossego (para lembrar de um livro do Fernando Pessoa), algo que nos posiciona contra a estetização do mundo, que nos faz acionar conceitos para pensar como, no caso dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, podemos construir uma reflexividade ética capaz de questionar o modo como a cena projetada camuflava várias linhas de força e assimetria. No Boulevard Olímpico tudo é feito para manter todos em seu lugar, celebrando o momento por excelência em que todos os lugares (esportivos) são recolocados em jogo.

Contudo, é muito fácil dizer: “bem, a Comunicação Organizacional é ruim porque é um exercício de poder”. O que nos chama a atenção é modo como, mesmo sabendo disso, há um entranhamento forte entre crítica e naturalização das desigualdades, porque passeando pelo Boulevard achamos essa experiência agradável, segura, sem pedintes ou bandidos para perturbar a tranquilidade de quem caminha. Nós fazemos parte das forças mesmas que criticamos! Essa mistura de prazer e vergonha, de presença e ausência do terror, das desigualdades e, sobretudo, essa impressão de contribuir para um sistema, de estar preso em algo que entendemos e não entendemos, ao mesmo tempo ressoa com e complexifica teorias familiares. Isso nos coloca dentro do mundo e não acima dele para olharmos para ele. Todos esses afetos nos desafiam eticamente e politicamente, mas não de um ponto de vista abstrato, mas a partir da própria experiência dessa estranheza de afetos sentidos. Aqui somente uma reflexividade ética pode ajudar a entender não uma polarização entre dominação e resistência, mas um processo extremamente complexo e sensível, que nos envolve, solicitando-nos que reflitamos e respondamos.

### **Reflexividade ética e política**

Tal reflexividade ética implica uma atitude política e sensível do pesquisador: o ato de incluir-se e sentir-se afetado dentro da pesquisa e pela pesquisa. E mais: implica sentir-se obrigado a engajar-se (VEISSIÈRE, 2009, 2010). Requer posicionar-se à escuta do outro antes de considerar previamente qualquer conhecimento preconfigurado acerca de sua existência (LINGIS, 2016). Assim, estamos tratando de uma reflexão acerca de nosso lugar, do encontro que podemos produzir entre conhecimentos acadêmicos e saberes das ruas, dos gestos e fazeres cotidianos.

Nesse sentido, gostaria de trazer aqui mais um exemplo do que estamos considerando como reflexividade ética (e política). Em um texto recente, Alphonso Lingis (2016) convida-nos a refletir sobre a noção de justiça. Não posso reduzir a complexidade e delicadeza da escrita desse autor à minha narrativa, mas há um exemplo que ele nos oferece que merece ser destacado aqui. Lingis conta uma história que se inicia

com sua ida à Indonésia para um passeio e também para procurar a fêmea de um pássaro raro que pudesse fazer companhia à um pássaro da mesma espécie que possuía em sua casa. Uma vez na cidade de destino, foi ao mercado e, após muito procurar, não encontrou o pássaro que buscava. Então, um senhor se aproxima dele e diz: “eu posso encontrar um para você, mas vai demorar um pouco. Se você não se incomodar em pagar pelo pássaro e pelo frete, posso enviá-lo a você.” Lingis pagou pelo pássaro, retornou aos Estados Unidos e esperou durante muito tempo, sem nunca tê-lo recebido.

Por outro motivo, um ano depois ele retornou àquela cidade e, estava andando pelo mercado, quando avistou o mesmo senhor. Este, nervoso e apreensivo, em vez de fugir foi até Lingis e se ofereceu para ambos irem até a delegacia de polícia. Chegando lá, o oficial escutou a versão de cada um dos dois. O delegado, então, pergunta ao homem do mercado se ele poderia trazer o pássaro pelo qual Lingis já havia pagado. O homem agradece e responde que no dia seguinte retornaria com o pássaro. Contudo, no dia seguinte e no horário combinado, o homem não apareceu. O delegado oferece chá, se desculpa com Lingis manda seus homens procurarem o senhor do mercado. O dia passa e, ao conversar com Lingis o delegado descobre que ele tinha vontade de conhecer um local da cidade onde justamente o oficial tinha uma casa. O policial ofereceu a Lingis a oportunidade de passar alguns dias com sua família nesta casa. Tudo isso pode soar muito estranho. Os personagens são singulares e, acima de tudo, imprevisíveis. Seria apressado demais concluir que estes são apenas episódios insignificantes. E ainda assim sua reflexividade o faz pensar que este é um exemplo de justiça. Mas não num sentido de seguir a regra, mais de configurar um tipo de justiça distributiva. E de mostrar que o professor de filosofia, que certamente ensinava a idéia de justiça, estava recebendo uma lição.

Assim que saí da delegacia pude entender o que aconteceu. Quando o senhor do mercado não compareceu ao local às 9 horas com o pássaro, o delegado enviou um oficial atrás dele para verificar o que havia ocorrido. Ele retornou sem encontrá-lo. Na verdade, o senhor do mercado não havia conseguido encontrar o pássaro raro. Em toda a Indonésia uma pessoa confia na palavra de outro

membro e sua comunidade e acredita que pode contar com ela. O senhor do mercado não tinha sido capaz de enfrentar o delegado que tinha confiado nele. Sem dúvida ele apareceria quando eu não estivesse mais lá, mas o delegado julgou que aquilo não seria suficiente para explicar a mim o ocorrido. Como homem da lei de sua comunidade, ele considerou que seria sua tarefa resolver a discórdia: uma vez que ele não tinha conseguido um pássaro para mim, ele ofereceu-se para me proporcionar o que julgou ser realmente importante para mim: passar um final de semana com uma família indonésia, a sua própria família. Não estou certo se deveria ter aceitado o convite, mas entendi que ainda que essa proposta tivesse a possibilidade de solucionar o problema para o delegado, ela só teria sucesso se não fosse uma imposição e se eu não me sentisse obrigado a aceitar. Uma dádiva não é um presente se for imposto. Penso hoje que o delegado nem sequer suspeita que ele tinha oferecido aquilo que, para um estudante de filosofia, é mais precioso do que o dinheiro gasto com um pássaro exótico: um insight. (LINGIS, 2016, p.92).

No início do texto, Lingis explica que a teoria da justiça nem sempre consegue contemplar as singularidades que não se dissolvem na universalidade da regra e da lei. Ele diz: “um dia, a justiça acontece diante de seus olhos” e, ao se dar conta das sutilezas que envolviam os sujeitos implicados, seus valores e contextos de existência, ele comenta que a dádiva que recebeu nessa experiência foi mais preciosa que ter o pássaro pelo qual pagou: um *insight*. A compreensão da justiça expressa por Lingis foi transformada por esse acontecimento. Mas ele não afirma isso tanto diretamente: ele não nos diz como pensava antes e como devemos definir a justiça ao final. Ele nos dá material para reflexão, nos oferece pistas, indícios, afetos, mas não uma representação. Para ele, inspirado em Lévinas, é importante sentir, ouvir, perceber os apelos que se enunciam a partir do encontro com o rosto<sup>1</sup> do outro. O senhor do mercado

---

1 Na célebre definição de Lévinas, “o rosto fala e me olha, chama por mim, me demanda” (LÉVINAS, 1999, p.163). Assim, o rosto não se reduz à sua manifestação física (a face humana), mas remete à transcendência, ao infinito, contrariando a totalidade presente na tentativa de sua apreensão pelo conceito. O rosto nos lança um apelo que se distancia da hostilidade e se aproxima da hospitalidade que acolhe e, ao mesmo tempo, interroga e demanda uma resposta. Assim, experienciar a face do outro é experienciar um sentido de

provavelmente até tentou achar o pássaro, mas não conseguiu e teve vergonha de voltar e expor seu fracasso. Contudo, o policial ofereceu a possibilidade de reparar o dano cometido.

Na percepção do policial, Lingis se apresentava como turista que tinha muito dinheiro, uma vez que era professor de uma das melhores universidades dos Estados Unidos. Sendo assim, o mais importante para ele seria, na visão do policial: ter a chance de poder encontrar pessoas comuns da ilha, por isso convidou-o para estar com ele e sua família em um final de semana. Lingis, descrevendo esse acontecimento, nos oferece, nas entrelinhas, uma chave para pensar sobre a justiça a partir do pensamento de Lévinas. Alphonso Lingis foi tradutor e organizador, entre outros, de livros tão importantes quanto *Totalidade e Infinito* ou *Outramente que ser*, e do *Philosophical Collected Papers* (1987), e que reúne textos escritos por Levinas a partir dos quais podemos depreender que a justiça emerge não a partir da aplicação cega das leis, mas é gestada no encontro entre a singularidade e a norma. No texto de Lingis, ela não está escrita, está sugerida, precisamos fazer um esforço para compreender, utilizando recursos de sua própria experiência, de uma maneira que você certamente não vai mais se esquecer, pois essa forma de narrar altera sua concepção de justiça. É necessário que o leitor, por sua vez, passe pelo afeto, que ele trabalhe, por sua vez, para receber um *insight*.

A contribuição teórica dessa forma de apropriação ética dos acontecimentos está em não adicionar um novo elemento a um conhecimento já dado, ou em encontrar uma teoria para confirmar ou repetir o que já se sabe, mas colocar o já sabido e colocá-lo em movimento, afetando a própria teoria.

Na reflexividade ética, há uma busca que não só transforma a teoria, mas também o pesquisador: permitir a agência dos afetos nos leva a encontrar algo dentro de nós que pode não ser belo: podemos sentir cólera, vergonha, medo, uma vez que somos instados a estar em contato direto com uma situação em que prevalece o desconhecido, o inquietante (Letiche & Lightfoot, 2014). Isso significa que a pesquisa perpas-

---

responsabilidade diante da vulnerabilidade, permitindo que um indivíduo encontre a si mesmo ao atender ao apelo do outro

sada e guiada pelos afetos deve acolher o “estrangeiro” em nosso pensamento, pois é ele que vai nos obrigar a pensar de novo, de outra maneira.

A contribuição desse percurso está em fazer nascer algo novo por meio de um esforço do pensamento, um esforço de desconstrução. É preciso lembrar que desconstrução não é destruição. É um arranjo que nos permite desarticular pensamentos que se encadeavam sob certa lógica considerada “correta”, nos permite fazer tremer, mudar um pouquinho essa construção, para que outras construções sejam possíveis. Não pode haver certeza de que a segunda construção pode não seja a melhor, mas se temos diferentes possibilidades de pensar a situação, isso pode potencializar nosso gesto reflexivo. Ou seja, quando temos diferentes vocabulários para pensar, podemos ampliar o universo fabulativo e nossas ferramentas criadoras de enunciados. Temos mais de uma linguagem só para pensar o que se manifesta. E para abrir outros horizontes éticos e políticos. A possibilidade de uma ética não majoritária, que vem do outro, do vulnerável, do Sul, da mulher, do queer, do deficiente, do migrante, do singular plural dentro de nós mesmos.

### **Afetos e performances**

Outro elemento que gostaria de destacar neste primeiro encontro é que, se o papel da representação é reduzido, o contrário acontece para a noção de performance. Na virada afetiva, encontramos performances em vários lugares. Pode ser, inclusive, que uma pesquisa seja uma performance. Poderia citar aqui dois exemplos. Um primeiro exemplo se relaciona com a Comunicação Organizacional. Citarei aqui o caso de um teatro parisiense muito famoso que se chama Lucernaire, localizado no centro de Paris (MORICEAU et al., 2018). Há mais de dez anos atrás, o diretor, que foi o fundador do Lucernaire, reclamou publicamente que os patrocínios que garantiam o funcionamento do teatro haviam sido cortados. Para tornar suas reclamações e demandas mais capazes de circularem amplamente e sensibilizarem um maior número de pessoas, ele usou um tipo específico de Comunicação Organizacional: ele criou com um colega e interpretou uma peça de teatro para performar uma situação em que um diretor do teatro faz uma greve de fome para chamar a atenção pública para o estado de precariedade do teatro.

Contudo, a greve de fome não era mera encenação, ela ocorria de verdade, pois o diretor iniciou o jejum no primeiro dia de estréia da peça. Então, ele elaborou duas formas de performance. Uma, um pouco mais comum, se desdobrou na esfera do teatro: fazer uma peça de teatro política, utilizando o teatro e sua linguagem cênica para expor a situação de penúria e oferecer elementos para o público pensar. Outra maneira encontrada foi criar e vivenciar uma performance, porque o diretor, aos 74 anos de idade, experimentou de fato a situação de passar fome. Não foi uma decisão fácil, na mesma época a esposa dele enfrentava um câncer em estágio terminal. Uma situação gravemente trágica. Assim, fazer a greve de fome não só mostrou a importância do que estava em causa, mas produziu um acontecimento, uma vivência, uma articulação entre a performance ficcional na peça e a performance real da greve de fome como protesto (ver SCHECHNER, 1995). Dito de outro modo, o diretor mostrou a situação quando criou-a através dessas duas performances. Como fazer uma pesquisa sobre isso?

Diante desse caso, você pode fazer uma representação, explicar os elementos que compõem a situação, derivados majoritariamente da ausência de dinheiro para a arte. Essa é uma explicação que preserva a distância entre quem enuncia e quem interpreta. Pode ser interessante produzir essa representação, não tenho nada contra isso, mas é provável que esta representação seja recebida pelo leitor intelectualmente, perdendo alguma da força da mensagem que você recebe quando assiste à peça, quando você se depara com a cara emaciada do diretor engajando sua vida. Se o objetivo é manter os afetos vivos, seria necessário trazer a situação, tornar possível ao público senti-la, vivenciá-la. Fazer uma greve de fome é uma possibilidade, mas outra possibilidade seria escrever um texto que permitisse ao público ser afetado pela situação, pela nudez do corpo emagrecido, pela sensação de penúria, pela dor, pelo padecimento do corpo sendo extenuado pela greve de fome, o rosto emaciado. É preciso sentir esse trauma para compreender o contexto, e também o texto, da experiência. Não é só uma questão de repartição orçamentária, na qual os poderes institucionalizados definem e redefinem as destinações (cada vez mais desiguais) de verbas. Se o objetivo é fazer com que outras pessoas compreendam a situação, é necessário

elaborar uma performance, ou seja, o texto deve ser uma performance, porque assim o leitor tem maiores chances de perceber e de compreender a situação.

Se conseguirmos escrever um texto que funcione como uma performance, e não como uma explicação ou uma simples representação, então seremos fiéis à comunicação do diretor, a algo que é comunicado na sua mensagem que, de outra forma, correria o risco de ser distorcido. Se o texto pudesse reproduzir esse grito que invoca a ameaça de morte do teatro, de presença viva e reflexividade sobre a sociedade, então ele teria assegurado a espessura da transformação colocada em cena. A morte deste teatro, que é o da audácia criativa, criado em 1968 com uma idéia de liberdade, criado por amor a um “ser” que está morrendo. Tudo isso está sendo dito, gritado, afectando, mas você sente que quando eu os nomeio, esses gritos perdem muito de suas forças em comparação com o que foi expresso sob a forma de um grito por um corpo em greve de fome, um corpo em performance, um corpo performático. Se o texto consegue transmitir um pouco desse grito, mostrar um pouco desse corpo-rostro, então a narrativa não só é mais fiel como mais performativa. A pesquisa não explica, não julga, mas transmite e oferece material para pensar. Ela pode propor uma reflexão, que não se dá como o sentido a ser retirado, mas a proposta de um sentido, para compartilhar com o leitor o pensamento.

Na virada afetiva, partiremos da convicção de que não se pode pesquisar seriamente tal caso sem primeiro ouvir esse grito com sensibilidade, sem se expor ao corpo-rostro em greve de fome, sem se deixar afetar. Que uma descrição distante e sem afetos, anestesiada, perderá algo essencial e poderá até repetir a violência ou a indiferença de certa surdez que este diretor denuncia. E que nos deixarmos afetar pode nos levar a uma aventura de pesquisa que ainda não destino definido, mas sentimos que nos levará a pensamentos nascentes que vão além de um quadro teórico explicativo isolado. Assim, o leitor não será ele mesmo exposto à situação, a menos que consigamos produzir um texto performativo, um texto que consiga transmitir os afetos e a atmosfera e, então, nosso papel não será explicar-lhe o que ele precisa entender, mas levá-lo a refletir conosco.

É possível pensar aqui em outro exemplo sobre as conexões entre afetos, movimento e performance. A companhia de teatro *Luna Lunera* fez uma peça que se chama “Prazer”, inspirada na escritora Clarice Lispector – inspirada porque o objetivo não era ser exatamente fiel ao texto, mas evidenciar como o texto afetou os atores. O espetáculo deu origem a um conjunto de processos acerca da aprendizagem da vida, do prazer, do viver. Ao invés de interpretar o texto, os atores improvisaram a partir do que uma passagem do livro ressoava com sua própria experiência de vida. As improvisações deram origem não a um receituário ou prescrição acerca de como aprender a viver, mas almejou dar corpo à experiência de aprender, à experiência da aprendizagem. Não se tratava de falar sobre aprendizagem ou imitá-la, mas de transmitir o gesto, de tornar a aprendizagem sensível. É como se nada fosse dado, pois tudo requeria aprendizagem. Aprendizagem do viver dos atores, do fazer um espetáculo, dos modos de inventar um jeito para transmitir a aprendizagem ao público, ao mesmo tempo em que ele dela participa. Nada era dado, tudo estava em movimento. E, nesse momento, todos estavam em movimento, porque uma aprendizagem é um movimento. Havia esforços difíceis para manter o movimento.

Aprender é movimento, então se o movimento parou, a aprendizagem torna-se representação e não movimento, força, processo que busca a si mesmo. E a peça mudava constantemente, a cada encenação, a cada interação dos atores, senão a aprendizagem poderia ser bloqueada. Assim, a ideia seria a de permitir um movimento contínuo, de construir uma performance que não almejasse explicar o movimento, mas manter as forças, as linhas de força, manter a intensidade das mutações, manter um texto para o leitor viver, sentir sua carne e sua intensidade, a partir do lugar e da perspectiva singular de cada um. O intuito era o de tentar colocar em cena exatamente o movimento interno, o movimento humano que aquele texto provocava nos atores. Não de traduzir para o público o que Clarice Lispector queria dizer, mas de acionar forças capazes de provocar e movimentar sensações, impressões e movimentos inesperados nos atores e no público.

É mais ou menos a mesma lógica que queremos seguir em nossas pesquisas. Para que a pesquisa nos permita aprender algo a cada vez,

deveríamos deixar que o que encontramos coloque em xeque nossa abordagem, nossas expectativas, impulsionando nossos conceitos em movimento. Além disso, ao invés de explicar, dissecar, representar, deveríamos tentar “performar” o movimento, fazê-lo à nossa maneira a fim de comunicar seu poder desestabilizador e de aprendizagem. Em cada projeto de pesquisa, tenho a impressão de que o tema é muito grande, muito importante para mim e que devo reaprender a ser um pesquisador.

### **A escrita performativa**

Podemos parecer estranho dizer que um texto, especialmente se for escrito e por isso fixo, pode comunicar movimento, performar, agir. Stephen Linstead (2017) afirma que em vez de representar a experiência do outro, ou expressar o sentimento do encontro com o outro, o que pode ser caracterizado como uma etnografia muito usual, um texto pode procurar envolver o leitor evocando elementos afetivos dessas experiências ou encontros, imergindo-os na abertura do texto, ampliando a ideia de “*scriptibility*”, de Barthes. Segundo ele, na escrita performativa não há representação: a relação com o leitor não é uma relação de explicação, mas sim de imersão, na qual se busca fazer algo ao leitor. Voltaremos nos próximos encontros à sua proposta de escrever “textos-performances críticos afetivos”, porque a escrita é essencial e não possui a mesma função do relato.

De modo muito breve, pode ser uma escrita crítica e clínica. Vou dar um passo adiante no estranhamento, falando sobre a clínica aqui, palavra que tomei emprestada de Deleuze. Há muitos textos que podemos chamar de clínicos, nos quais o outro ou o autor vai explicar os afetos considerados muito importantes em sua vida: vinculados à perda de uma criança, o acontecimento de um acidente, uma doença grave, enfim, algo muito pessoal e muito importante. Nesse sentido, o texto não vai buscar dizer “oh, é muito difícil”, mas tentar permitir que as pessoas, que os leitores compreendam a situação, os milhões de afetos, de sentimentos, e angústias que permeiam essa e sua existência naquele momento. Também pode ser clínico no sentido de mostrar desvios em relação ao normal, ao maioritário. Mostrar os lados obscuros e ocultos,

os afetos tristes e os pensamentos inabaláveis, mas também apontar os devires, os inventos, o que ainda não está normalizado, o que resiste ou que inventa novas possibilidades de vida. Pode ser até uma clínica para a sociedade, por exemplo, como os trabalhos de Žižek, que faz textos que vão empurrar-nos, mover-nos para uma terapia da sociedade como Hugo Letiche mostrou. Pode ser um crítico que vai criticar a crítica, fazendo “tremar” os textos críticos, discutindo com eles. Aqui não é o pesquisador que explica, que sabe e tenta fazer os outros compreenderem. O pesquisador vai elaborar algo e partilhar a reflexão com o leitor ou com o público. Não se trata de enfraquecer a crítica apontando certas falhas, mas de mantê-la viva, comovente, eficaz, na vanguarda da contemporaneidade, de impedir que ela se feche em um sistema.

E podemos nos aproximar ainda mais da performance, lançando mão das performances acadêmicas, como faz Alphonso Lingis. Lingis não propõe apenas um texto, sua apresentação é uma performance. Ele nos traz imagens, sons, palavras, e a voz dele nessas apresentações não é a voz de um professor, é a voz de um performer. Assim, sua forma de ensinar reconfigura uma partilha do sensível na construção do conhecimento que é pautada pelos três movimentos que vimos. Ele reconfigura a partilha do sensível, porque não se apresenta como o professor que conhece e dá explicações. Ele testemunha o que aprendeu através de um encontro e tenta recriar essa experiência para que o leitor, ou melhor, o espectador, tenha a chance de viver um pouco essa experiência, uma vez que ele é bombardeado pelos afetos que ela provoca. E esta configuração permite os três movimentos: a) a exposição e a abertura (como imergir o leitor no texto, para fazê-lo reviver a situação, seu contexto, sua atmosfera, seus afetos); b) o caminhar, colocar-se em movimento e colocar a pesquisa em movimento (lembrando que o movimento não é positivo em si mesmo, pois podem ser autoritários ou emancipatórios); e c) a reflexividade (confrontado com a experiência, o leitor é convidado a refletir sobre a experiência, sem julgar as explicações).

### **Menos método do que atitude**

Entende-se que a virada para os afetos constitui menos um método do que uma atitude, uma forma de apreender a pesquisa. As três dimen-

sões da pesquisa permeada pelos afetos têm que ser reconstruídos e repensados a cada vez e evitar ser um método a seguir. A questão da exposição, por exemplo, de se expor na pesquisa, do acolhimento do outro nos demanda um refreamento do impulso de explicar o outro, de classificá-lo, reduzindo-o ao mesmo via representação. Acolher não é escolher uma estrutura teórico-metodológica primeiro, para depois “inserir” nela o outro, alterando poucas coisas de nossas premissas. Isso me faz pensar em Lévinas, em como ele argumenta que o “rosto” deve vir primeiro, o chamado da alteridade incapturável, radical, precede nosso agir, define nosso agenciamento. O rosto é a emergência contextual das singularidades dos sujeitos, provocando em nós um espanto, uma inquietação diante de nossas certezas e pretensos saberes. É preciso estar constantemente “em pesquisa” (não somente pesquisar), construindo interlocuções assimétricas, porém não hierárquicas, a partir de posições permeadas pelos afetos e afetações.

Estamos conseguindo nos manter em movimento? A pesquisa que é movida pelos afetos requer que o outro seja aquele que pode abalar nosso lugar estável, fazê-lo tremer, movendo nossas categorias e quadros de saber. Especificamente, quando o outro é atravessado por um conjunto de vulnerabilidades, temos também que tematizar a questão da hospitalidade e os perigos relacionados ao acolhimento do outro (desposseção, violência, desrespeito, representação estereotipada), o que requer uma reflexão acerca de uma ética da responsabilidade pelo outro.

É importante termos em mente que podemos compreender a noção de representação como descrição de algo ou alguém e como representação política (esta foi mais discutida nos anos 1980 na etnografia e na sociologia). Se tomarmos o gesto etnográfico, veremos que os dois sentidos estão misturados. Se um pesquisador vai falar de um grupo, uma comunidade, ele precisa descrever, contar a maneira como eles pensam, vivem, agem. Mas aqui temos um problema muito difícil: quem escreve é o pesquisador e não as pessoas que estão sendo observadas. O pesquisador confere uma voz a eles, de certa forma roubando a voz delas. É claro, pode haver casos nos quais certas pessoas e grupos não têm condições de falar, e aí se o pesquisador não se posiciona, elas difi-

almente serão consideradas (os “subalternos”). Isto aponta mais um desafio: como falar do outro, com o outro, sem falar pelo outro?

Por enquanto, diremos que uma das possibilidades abertas pela virada afetiva é falar do encontro com o outro (não de representar o outro ou explicar o que ele diz). E que os afetos, se conseguirmos manter seus aspectos estranhos e estrangeiros, possibilitem não incluir esse encontro em nosso enquadramento só, para dar hospitalidade, além ao que ele diz, a uma parte de seu dizer e seu viver. E que, em vez de representar, é melhor performar. De novo, performar não é representar, mas apresentar: sobretudo apresentar a voz, os sentimentos, os gestos e dramas das pessoas sobre as quais falamos. Apresentar e recriar os afetos. E isso traz um elemento de reflexividade em relação ao que estamos estudando. Quando estudamos uma performance, nos interessamos pelo modo como ela é construída, e esse modo já é político. A questão de definir quem vai falar, onde, de que maneira é central para os estudos sobre comunicação e poder, gestão e controle dos corpos, dos discursos, dos fluxos. No caso da pesquisa acadêmica, mais um dos problemas éticos que se apresentam diante de nós é como fazer para que as pessoas que estudamos possam participar do processo de construção da pesquisa, para codefini-la, para fazer com que percamos o controle sobre o texto, as teorias, a escritura. Como produzir um texto que efetivamente permita o acolhimento do outro, de suas próprias palavras e modos de existência? Como fazer com que o pesquisador abra mão, seja despojado de seu statur de autoridade, de controle sobre os enunciados?

Acredito que permitir que os afetos se avizinhem do gesto de pesquisa é uma forma não só de “dar uma voz”, mas também dar um corpo, dar um rosto, dar uma presença àqueles que elaboram conosco o conhecimento. Assim, o que esse tipo de pesquisa pode trazer é um encontro com as pessoas, que têm afetos, que têm corpo, que têm rosto, que têm uma existência, que têm problemas de família, que têm trajetórias e espessuras que são muito mais que uma voz. De certa forma, por exemplo, em entrevistas, nossos interlocutores estão mais fazendo um “performance”, mas desta vez num sentido mais problemático, do que quando os encontramos, às vezes, por acaso. É mais difícil, em termos

políticos, de ouvir um rosto, um corpo, um gesto. Mas “ser afetado” é uma possibilidade, uma inquietação que deve sempre estar presente nos modos como nossa escritura funciona, nos modos como nos colocamos constantemente “em pesquisa”. Essa abertura, esse escolha da maneira de escrever, é muito difícil porque, na academia, a escrita é formatada pelas revistas científicas. Como é possível escrever um texto de formato diferente se você quer vê-lo publicado? Mas se há um compromisso ético de respeitar as pessoas que com você compartilharam seus relatos e narrativas, é preciso encontrar uma maneira de oferecer essa resposta. Não tenho a boa maneira, mas carrego comigo uma inquietação que me mantém alerta às performances dos sujeitos, que me permite entrelaçar, na performance da escrita de um texto, a minha agência vulnerável de pesquisador à agência de quem pesquisa comigo. Porque outros provavelmente estão buscando, pesquisando, assim como nossos leitores. Vamos manter esta dimensão de pesquisa mais que de solução em nosso trabalho, vamos manter alerta e animada nossa sede de aprender e entender.

\*\*\*\*\*

## Debate

**Sônia Pessoa:** Gostaria que você falasse um pouco mais a respeito de como a representação afeta nossa experiência de apreensão dos fenômenos e acontecimentos com os quais temos contato na pesquisa.

**Isabela Paes:** Aproveito a pergunta de Sônia para te pedir para explicar como a representação pode atralhar a emergência da dimensão afetiva e performativa de uma pesquisa.

**Jean-Luc Moriceau:** A representação cristaliza as dinâmicas, bloqueia os devires e impõe uma ordem, um poder sobre o que ela descreve. Acredito que Deleuze deixou isso claro para nós. Trata-se, como conversamos hoje, de reintroduzir o movimento, seja entre o autor e sua representação, seja entre a representação e o leitor. Um primeiro movimento pode ser introduzido por um esforço constante de reflexividade acerca

da representação construída. É preciso refletir sobre o que produzimos e criticar seu processo de construção, de considerar a pesquisa em andamento somente como uma etapa em um percurso de pensamento. Em seguida, devemos nos inquietar acerca de nosso modo de interpretar essas interpretações. Vamos nos perguntar de que maneira o que interpretamos é influenciado por nossa comunidade de pesquisa, pelas tradições intelectuais e culturais, pelas formas de modelizações ou de narrativas esperadas. Reconheceremos as circunstâncias cognitivas, afetivas, intertextuais, ou políticas de seus surgimentos. Pensaremos em nossa própria posição em termos de classe, de gênero, de etnia, de geração, etc. Todos esses elementos que, sem explicá-los, permitirão ao leitor e a nós mesmos de refletir sobre nossas interpretações, de colocá-las em perspectiva, de suscitar novas reflexões, de cruzar e contrastar as representações e de conduzir a pesquisa não em direção à finura do espelho, mas em direção à espessura do pensamento. É um trabalho no qual aprendemos muito. A representação não é vista apenas como o reflexo de uma suposta realidade, mas como fonte de efeitos. Ela suscita reações, afetos, empatias e antipatias, convida a reflexões e a outras interpretações. As representações induzem, comandam, convocam, suscitam a imaginação, formam comunidades, criam amizades e inimizades, condenam, fazem esquecer ou perdoar, acrescentam o que estava omissa, retiram o que estava sobrando, desvelam segredos, suscitam vocações ou fins de carreira (Rancière tem argumentos convincentes sobre isso). Certas demandam respostas, outras censuras, certas desalojam injustiças, outras permitem manter o sistema. A representação pode ser criada não para imitar o que existe, mas intencionalmente para colocar em movimento, para iniciar efeitos. Ela ajuda o processo de pesquisa quando produz gestos, desdobramentos, abre novos caminhos. Ela atrapalha enormemente quando visa somente a mímese, a reprodução de um acontecimento ou fenômeno na escrita apenas para comprovar hipóteses ou ilustrar argumentos teóricos.

**Sônia Pessoa:** Jean-Luc, sobre essa questão do acolhimento dos sujeitos pesquisados, eu estava pensando aqui em duas questões. Uma, uma questão mais organizacional, que é, por exemplo, quando nós

estamos lidando com os sujeitos que compoem as organizações, as instituições, as empresas. E, muitas vezes, as organizações tomam suas decisões, ou definem suas estratégias sem contemplar essas pessoas que são, nos discursos, tidas – no Brasil se usa a palavra “colaboradores”, mas que nas instâncias decisórias, eles raramente têm essa voz e essa participação. E quando se trata de grupos vulneráveis, os sujeitos são pesquisados, são observados, e raramente são contemplados nos resultados da pesquisa de um ponto de vista de uma voz, de uma participação, de uma visibilidade que não seja apenas para tirá-los daquele lugar onde eles são pouco visíveis, mas para dar a eles voz. E eu me pergunto sempre se essa dificuldade, tanto nas organizações, quanto para nós, pesquisadores, está ligada a uma questão que, para mim, diz muito do afeto e do ser afetado, do ponto de vista do status de quem faz essa pesquisa, sabe? Se pesquisadores se consideram em um status tão superior fica difícil despir-se desse status para garantir voz, visibilidade, participação efetiva dessas pessoas, sejam elas colaboradoras em empresas, sejam elas sujeitos vulneráveis pesquisados. Não sei, é uma inquietação permanente que se apresenta para mim e queria te ouvir um pouco.

**Jean-Luc Moriceau:** Na pesquisa, a autoridade daquele que concebe a representação é cada vez mais discutida. Ele aparece em um lugar muito autoritário, com uma escrita muito segura e uma voz monolinguê e monológica. É ele que escreve, que toma a palavra e sua descrição se fecha sobre a representação sem que ela seja atravessada pela voz dos outros, sem permitir o mínimo de polifonia e de dialogismo (para retomar os termos de Bakhtin) que tornariam a representação mais credível e justa. A autoridade do sujeito criador da representação é posta em questão. O que procurei mostrar aqui é que, em todo o processo de pesquisa, em vez do distanciamento representativo, a pesquisa passa a multiplicar suas possibilidades de comunicação, de criar vínculos, de entrecruzar-se com a empiria do campo, os diferentes contextos, os leitores, a própria experiência do pesquisador. Precisar haver um distanciamento, ele vem em um segundo momento, sob a forma de uma reflexividade sobre os agenciamentos organizacionais. Por meio dessa comunicação de proximidade, o pesquisador/a e a pesquisa se deixam afetar, transportar e

transformar pelo que estudam. Trata-se de uma abordagem, de deixar-se tocar e depois, a partir do movimento nascido do contato, produzir uma reflexividade política e ética. A pesquisa assim informada (no sentido forte da tomada de forma) pode tornar-se performativa, ou seja, assumir uma distância em relação à representação e ter um efeito sobre o mundo estudado. Com outras modalidades além da distância representativa, novas possibilidades de criação de sentido e de sentido da pesquisa estão se abrindo.

**Carlos Mendonça:** A organização é uma grande produtora de rostos. A caracterização de público é uma grande produtora de rostos. Eu falo que “meu produto é para as mulheres com mais de 30, classe A e B, brancas, etc.” A publicidade tem produzido grandes erros a partir disso. É um sistema vencido, uma classificação que apaga completamente a alteridade e as intersecções entre todas as mediações possíveis a partir de gênero, classe e raça. E as pessoas que lidam com isso como produto, como resultado, têm muita dificuldade de ouvir o outro. Tem um termo na resposta de Jean-Luc que é fundamental, que é pensar a ideia da performance, porque dentro da rostidade, dentro do rosto, dentro do conjunto expressivo que você vive e é regulado, algo tem que aparecer. Aí o que surge na dimensão da escrita, do registro escrito de uma pesquisa acadêmica seria uma diferença entre a ideia da representação desse sujeito e a ideia da performance. E, grosso modo, se a gente olha lá a questão que o Deleuze estava apontando para a ideia da representação, ele olhava para uma filosofia do século XVIII e XIX, em que o que produzia incômodo era produzir a descrição da operação do conceito. E ele dizia que isso era impossível, porque conceitos são formas de vida. Nesse momento, é que há a reivindicação da performance, ou seja, em que medida, performativamente, esse sujeito pesquisado emerge no texto? Assim, o outro tem a insuportável mania de ser o outro. O outro não é o eu, não somos nós. Por mais que a gente queira, ele não será a gente. Então meu texto é incapaz de descrever o outro, porque a cada vez que eu retorno a ele, ele performativamente se transforma, então ele não é um sujeito teatralizado. Se o teatro se relaciona com um tempo que é do passado, em que eu recupero vivências, a performance é puramente

presente. Ela nem é passado, nem é futuro, ela se inscreve como ação presente. Ela é inapreensível, mas ela pode se presentificar na performance. Entende? Porque fica parecendo um pouco que essa ideia de uma escrita afetiva se torna impossível diante do trabalho institucional de ter que fazer uma tese. Mas a performance não vai ser colocada por mim, ela vem do outro. Qual é a minha capacidade de ouvir o outro? A gente está falando da escrita como produto, e ela não é. A escrita não é resultado, a escrita é ação performática, feita no momento em que aquilo que eu sei conversa com o que o outro me diz e essa fricção produz o texto. É nesse lugar que o texto se faz. Senão a única coisa que eu vou fazer é saltar de um lugar para o outro. Saltar de um conjunto de técnicas para outro. Então eu teria que ser alguém muito envolvido naquele lugar para pesquisar isso, porque eu começo a produzir cerceamentos na pesquisa, em que apenas sujeitos iguais falarão de temas iguais. Não é essa a ideia. Então me parece que a gente tem que, neste momento, inclusive para saber o quanto a gente pode se movimentar, tentar entender quem são os sujeitos do texto e qual é a noção de escritura que eu posso trabalhar para dar conta disso.

**Jean-Luc Moriceau:** Sim, essa questão da escritura é muito importante e nós falaremos dela nos demais encontros. Mas já posso dizer que acolher a voz do outro na descrição qualitativa realizada em pesquisas empíricas é tanto do ponto de vista ético como político a ser buscado, mas cada vez um desafio tremendo, nunca alcançado de forma totalmente satisfatória. Escrever um texto acadêmico é tecer as narrativas elaboradas a partir de uma trama que o pesquisador constrói, dispondo os indícios segundo o drama que deseja dar a ver. O pesquisador interpreta, conduz, aponta o que é preciso pensar: ele é o intérprete, a testemunha, o porta voz, o tradutor, o produtor. A questão não é só adotar uma posição enunciativa em função dos efeitos retóricos desejados, mas é uma questão epistemológica (MORICEAU, 2018). É também uma questão política, pois podemos sempre nos indagar sobre quais vozes são escutadas e consideradas como legítimas; como são representadas; se foram acolhidas ou extraídas à força; se foram fabricadas. Enfim, uma questão política que se entrelaça com uma questão ética, que diz da

responsabilidade do pesquisador diante do rosto do outro; dos efeitos de nossa escrita sobre as subjetividades e posições sociais dos atores escutados. Que parte da voz do outro ainda permanece na voz imperativa do autor? Como tornar legítima a voz do outro na pesquisa (e levar a sério seu próprio trabalho teórico)? As interpretações repousam sobre uma exposição suficiente da voz do outro? Os pressupostos do pesquisador foram colocados em questão no encontro com os outros?

**Sônia Pessoa:** Na verdade, a minha preocupação quando do aparecer dos sujeitos, da presença dos sujeitos está muito mais relacionada aos sujeitos vulneráveis. Essas preocupações estão como inquietações permanentes. A questão é dar conta disso em deixar-se afetar, dar conta de deixar transparecer no texto, visibilizar isso no texto, mas ao mesmo tempo sem perder esse caminhar da pesquisa, sem perder a cientificidade, sem perder a produção do texto que vai para a revista, porque ele é igualmente importante, né, ele não é secundário e não pode ser desfeito. Não há como a gente fingir que não vai assumir isso em uma carreira acadêmica, mas ao mesmo tempo dar um pouco mais de, talvez, sair um pouco da concessão de espaço, da exemplificação, do estudo de caso, acho que esse é um grande desafio. De que esses sujeitos não apareçam simplesmente como exemplos, como estudos de caso, como uma citação.

**Jean-Luc Moriceau:** Entendo sua preocupação. Deixar falar o outro e, ao mesmo tempo, seguir os modelos que a academia nos propõe é mesmo um desafio. Uma direção possível seria de permanecer mais próximo do real, de seu nascimento, de sua presença, antes que ele seja capturado e traduzido em representação. É o que tentamos fazer ao citar os enunciados dos sujeitos de modo de direto, ao acrescentar fotografias, descrições fenomenológicas de nosso contato de campo, procurando reencontrar as experiências, as emoções que despertaram os dizeres ou os comportamentos. Dizemos que tentamos, porque enunciados, fotos ou descrições são desde sempre representações e distanciamentos. Contudo, elas podem ter como objetivo recriar ou restituir uma presença mais originária, uma presença que difere do distanciamento e que o faz

diferir (no sentido de Derrida). Experimentar um contato mais bruto com a pesquisa de campo, mostrar os elementos dispersos, tais como nós os encontramos, antes de colocá-los em ordem, mostrar nossas reações primeiras antes do distanciamento objetivo, são estratégias para reencontrar um contato mais imediato, frequentemente mais impactante, mas desfamiliarizante e desviante, mais singular, com o que estudamos para evitar de substituir muito cedo as experiências em um lugar muito tranquilo de nossos modelos e categorias. Seria interessante retomar, por exemplo, essa experiência que visa a fenomenologia. Descrever, em toda a espessura do vivido, esse mundo de sensações, de reflexões e de afetos que vivemos no presente da experiência em uma autoetnografia que só será recuperada em um segundo tempo pela atuação da representação. Outra direção, de sentido contrário, consiste em fazer com que os elementos da representação não se refiram somente ao terreno estudado, mas também à outras referências, textos ou descrições. Que o sentido da representação não resida em sua adequação ao terreno, mas em suas remissões a outros textos: intertexto e hipertexto. Essa direção está presente em toda representação da comunicação organizacional, mas aqui, em vez de ser negada ou ocultada, ela se torna o que produz o sentido. Em vez de procurar um suplemento de presença, o sentido é aqui reenviado, e é o leitor que deve acrescentar um suplemento. A representação se torna um conjunto de remissões a outras representações, o texto se torna uma remissão a outros textos, em um jogo de referências e de diferenças infinitas, tensada entre a presença viva bruta e este conjunto de referências reverberantes. Dito de outro modo, o texto pode ser perpassado por referências implícitas, subtextos, duplo entendimentos que conferem à representação vários níveis de leitura, permitindo-lhe produzir mais de um sentido, tornando-se fonte de futuras e diferentes reflexões e por vezes mais capaz de refletir a complexidade, o equívoco e a riqueza dos terrenos e campos pesquisados.

**Carlos Mendonça:** A preocupação, nesse momento, é: a própria academia já não dá mais conta da produção formal tal como ela é feita, basta você olhar os vários métodos que são, hoje, investigados, sejam eles quantitativos ou qualitativos. Hoje, quando a gente olha para as

revistas preocupadas com o fator de impacto e menos com o volume de pesquisadores qualificados que estão ali, sabemos que isso não dá conta dessa proposta de escrita da qual Jean-Luc nos fala. O sistema em si da produção acadêmica não dá conta, isso foi muito legal, há cem anos, pois estava funcionando, hoje em dia não dá. Agora, se a gente faz essa proposição, como é que a gente confere materialidade para esse modo de fazer? A Antropologia já vem falando há muito tempo: é preciso ouvir o outro, é preciso deixar que o texto emergja, é preciso, nesses contatos, você ter outro tipo de relação com o que não é descrição, que não é representação. Mas a representação vai desaparecer? É claro que não, pois tirar a representação é impedir a comunicação.

**Isabela Paes:** Mas então seria preciso pensar, talvez, sobre o lugar que a gente coloca a representação. Porque eu acho que quando o Jean-Luc traz essa proposta de “se colocar em pesquisa”, mais do que pesquisar, é preciso tentar não assumir o lugar do pesquisador que tem a verdade em seu poder... Se eu estou “em pesquisa”, eu também estou aprendendo, então tem um meu lugar que aí vai chegar em uma representação em algum momento, tem que chegar para eu entregar isso de alguma forma, vai ganhar uma materialidade de alguma forma, seja em uma revista, seja uma apresentação, seja em uma sala de aula, seja mesmo em um bate-papo, se eu estou usando palavras, está ganhando vida, apesar de eu estar reduzindo isso de alguma forma. Mas, pelo menos, você se coloca humanamente também nessa pesquisa e não como um conhecimento que reproduz uma verdade já dada. E o outro, quando você se coloca, quando você está dentro da pesquisa, então o outro vem não como “o outro”, ameaçador, pois você está assumindo contar qual foi e como foi o contato com o outro, dizendo quem ele é e como ele é em situação, no encontro, em temporalidades e espacialidades marcadas.

**Jean-Luc Moriceau:** Vocês trazem questões muito importantes... Nesse momento, o que posso arriscar dizer é que o exercício da escrita, daquela escritura que traz a alteridade como rosto (no sentido de Lévinas e não de Deleuze), implica relatar, descrever, apropriar-se de uma experiência subjetiva por uma linguagem que nem sempre coincide

com aquela do relato. Assim, o relato implica perda. O problema, então, não é a escrita em si, mas como manejá-la. Não é transpor o inenarrável para um texto, mas criá-lo mesmo no gesto da escrita. A escrita não é um relatório do vivido, mas sua fabricação, sua fabulação. A escritura pode, assim, ser pensada como criação fabuladora do vivido, pois evita conduzir o leitor por caminhos discursivos já conhecidos, preserva o inaudito e o espaço do livre jogo no qual brinca o espectador emancipado. A escritura não é só a parte final da pesquisa qualitativa, a transposição em palavras da experiência vivenciada quando ela chega ao fim. Ela está no coração da pesquisa, persegue o pesquisador e constitui o trabalho parte por parte. Uma escritura fina, sensível, densa, precisa, alegre, criativa, permitindo as mais ricas descrições, as mais inventivas análises, as melhores compreensões e comunicações seria o melhor remédio contra a standardização da pesquisa acadêmica. A elaboração de uma escrita reflexiva requer adotar um ponto de vista não para reencontrar o já sabido, mas para questionar o que é comumente aceito. A descrição não é a ilustração de uma teoria, e a teoria, por sua vez, não oferece o vocabulário para contrastar o que descobrimos. Descrever é pesquisar, buscar. Questionar a si mesmo e às experiências a serem descritas é um gesto que está no centro da análise. Com sua escritura, o pesquisador cria um mundo, organiza, constroi, fabrica, promove a ordenação das temporalidades experimentadas com o tempo da escrita. Trata-se menos de dizer a verdade e mais de construir um questionamento, propor conjecturas, submeter a narrativa, o relato elaborado ao debate permanente, pois o pesquisador constrói, duvida, caminha, reconta. Escrever nos torna responsáveis: criar um mundo no qual vivemos, que possa ser habitado, mas que altere a norma que define os mecanismos de legibilidade, apreensão e reconhecimento do outro. Escrever desta forma não é apenas a descrição de alguém exterior, de um outro, que vem, nem a pura criação de um autor, mas um lugar de encontro (afetivo) entre os dois. Não o justo meio, mas o confronto, cada um provocando e enriquecendo o outro.

**Sônia Pessoa:** Acho que tem uma fronteira também que é preciso a gente estar atento, para que a pesquisa não seja um mero relato de

experiência, ou seja, simplesmente dizer o que eu vivi, mas que seja uma problematização sobre o fazer-se pesquisador, durante o estar ali, durante o ser pesquisador, em todo esse percurso, e também problematizando as dimensões do afetar-se nesses duplos sentidos, ou vários sentidos, talvez muito mais do que duplos, o afetar-se também no que diz respeito ao emocionar-se durante pesquisar, mas não só isso. Não só para dizer se eu senti cólera, compaixão, repulsa, enfim, mas a problematização disso como uma epistemologia mesmo do que se está pesquisando. Discutir a dimensão do afetar-se como pesquisador, é pensar-se como ser humano e não como pesquisador distante, cientificista, totalmente isolado. Creio que precisamos correlacionar esse afetar-se com a própria pesquisa e com a própria materialidade dos seus produtos. Então, é claro que a gente não tem respostas prontas, mas eu fico na expectativa de que a gente consiga dar conta desse exercício.

**Jean-Luc Moriceau:** Também eu desejo dar conta dessa difícil articulação do afetar-se na pesquisa acadêmica. E acredito que isso se relaciona com o fato de que os atores pesquisados raramente têm oportunidade de falar; suas vozes foram selecionadas, interpretadas, traduzidas, re-territorializadas na representação que modela sua imagem e fala por eles. Por sua vez, os leitores ou receptores avaliam ou discutem a representação em bloco, sem poder, na maioria das vezes, ter influência sobre ela. Para conter os perigos de um excesso de autoridade, é possível, de um lado, deixar aos atores pesquisados uma maior responsabilidade na elaboração da representação (nos dois sentidos do termo). Aproximar-se de uma expressão mais bruta de seus enunciados, se atrelar à justiça e à justeza de seu modo de se representarem, escutar suas opiniões e suas exigências a respeito da representação, sem necessariamente buscar revelar os paradoxos ou as contradições nela presentes. É possível, de outro lado, deixar uma maior parte aos destinatários da representação, sem buscar fechar ou esgotar o sentido. Em vez de buscar a “boa” representação, é mais importante esforçar-se intencionalmente para conduzir os receptores a coproduzir o sentido, almejar uma obra aberta a várias interpretações. Ao dirigir a eles não o sentido pronto, mas propostas de sentido, inícios de explicação e compreensão, expressões produtivas e

poéticas, uma representação inacabada, repleta de vários acabamentos possíveis, trata-se de conduzir o espectador a partilhar o trabalho de compreensão, a multiplicar e entrelaçar as representações, a fazer seu próprio “poema” como diz Rancière. Assim, é importante buscar formas de escrita nas quais os narrador onisciente é desafiado, em que a ironia, a colagem, o pastiche, a poética, etc. descrevem o real de outra maneira que não seja sob a forma de *mimesis*.



## ENCONTRO 2

# Diferenças e vulnerabilidades: hospitalidade e acolhimento

Gostaria de iniciar o encontro de hoje relembrando os três momentos de elaboração de uma pesquisa atravessada pelos afetos: o primeiro momento é o de exposição, abertura e acolhimento. O segundo é marcado pela ação de caminhar, de trilhar um caminho, de se deixar deslocado pelos afetos. E o terceiro momento é marcado pela reflexividade e pela construção de uma escritura que acolha os acontecimentos e os afetos que compõem a pesquisa: por isso mesmo há uma performatividade dessa escritura. Esse primeiro momento pode ser mais estranho, mais estrangeiro do que o jeito usual de pensar a pesquisa. A ideia hoje é salientar a importância de um gesto de hospitalidade na pesquisa, explorando esse conceito tão central no pensamento de Derrida. Em seguida, tomaremos quatro exemplos de pesquisas onde há hospitalidade ao que vem, mas onde o papel central exercido pelos efeitos foi, por um lado, problemático, mas por outro, permitiu que entendimentos, deslocamentos ou reflexões únicas fossem alcançados.

Tentaremos pensar em como abrir eticamente as pesquisas que realizamos aos afetos. Ser afetado requer hospitalidade ao que está por vir e

afetar cria uma responsabilidade para o frágil, o vulnerável, o diferente. Geralmente não é dessa forma que procedemos na pesquisa acadêmica: agindo por meio da hospitalidade, nos tornando vulneráveis diante dos outros, colocando em dúvida e em risco as certezas já sedimentadas, permitindo que o inquietante nos mobilize constantemente. Como afirmou Winner, citado por Linstead (2008), “para muitas pessoas, quando confrontadas com o misterioso, o outro, o instinto de matá-lo. Então poderá ser examinado”. Portanto, antes de querer explicar ou entender, trata-se de se aproximar, acolher outra forma de vida, descobri-la, possivelmente experimentá-la. É uma questão de frear nossa prontidão para categorizar, representar, teorizar, julgar e querer sinceramente aprender, acompanhar, surpreender-se ou celebrar o jeito e o universo de uma pessoa, de um grupo, de uma condição.

Fenômenos, experiências, outros mundos, pessoas que encontramos não são para ser dissecadas, mas antes para ser acolhidas, e os afetos nos permitem acolhê-las o máximo possível em suas diferenças, suas estranhezas, suas multiplicidades e duplicidades, e é justamente assim que aprendemos. Contudo, não há método para acolher, é mais uma sensibilidade, uma atitude, uma ética. A reflexão de Derrida aqui é esclarecedora, e exigente. Eu gostaria de começar com tal desvio.

### **Derrida: a hospitalidade que transtorna nossos quadros**

Na reflexão proposta por Derrida acerca da hospitalidade e do estrangeiro (DERRIDA, 2003), nos deparamos com uma proposição que pode ser transportada para o âmbito da pesquisa afetiva: acolher o estrangeiro, ou seja, o que é diferente e incomum, implica o imperativo de responder e se deixar enredar por outros universos. Ser hospitaleiro com relação a algo que não coincide com o que pensamos ou acreditamos requer esse compromisso ético, uma vez que a posição autoritária, a certeza, a centralidade, o julgamento e até a iniciativa do pesquisador são questionadas e desestabilizadas.

Assim, o “estrangeiro” na pesquisa pode ser a vulnerabilidade, a deficiência, a territorialidade, o gênero – pode ser qualquer forma de diferença. Tal abordagem requer pensar o mundo como alteridade, como o que não cabe em nossas categorias majoritárias. E a hospitalidade não se

refere apenas a uma tentativa de citar a fala ou descrever a maneira de pensar dos sujeitos que participam de nossas pesquisas. Muito menos a uma tentativa de “traduzir” essa fala em um jargão acadêmico. Fazer isso não é realmente entender a questão do estrangeiro, mas produzir uma representação. E geralmente construímos uma representação “explicando” a fala do outro, eliminando assim a sua estranheza, a sua “estrangeiridade”. A representação preserva a distância entre os sujeitos, quase nunca permitindo a fluidez das fronteiras, os avizinhamentos e as trocas. Não há comunicação, não há individuação, todos permanecem iguais, ninguém é afetado, não somos obrigados a (re)pensar.

Mas não basta entrar em contato com o que se está estudado, ou melhor, o que encontramos, é preciso se deixar afetar, aceitar acolhê-lo, dar-lhe hospitalidade. A maneira como definirmos o acolhimento não se configura sob a forma de uma “inclusão” do outro em nossas categorias, mas envolve a tentativa e o compromisso de fazer com que essas categorias, de fato, recebam o outro e todas as instabilidades que o acompanham, convidando-nos a nos distanciar de nós mesmos e dos centros de certezas que nos organizam como sujeitos.

O estrangeiro nos interpela, é ele que nos apresenta questões e nos posiciona no cruzamento de indagações para as quais não temos respostas e diante das quais estamos vulneráveis. De modo muito frequente somos nós, pesquisadores, que fazemos perguntas e exigimos respostas e informações de acordo com nossos roteiros prévios em acordo com objetivos a serem cumpridos. Se nos inspirarmos na abordagem de Derrida acerca da hospitalidade, teremos que abrir esses roteiros à dúvida e nos questionarmos sobre nossa própria conduta. Derrida traça uma distinção entre a existência de estrangeiros e a existência de outros sujeitos, sobretudo quando se trata de responder a uma questão que estabelece um diálogo entre ambos. Uma pergunta feita pelo estrangeiro pode ser pensada e respondida a partir de nossos próprios quadros e pensamentos, ou pode gerar uma resposta que seja pensada por nós na própria “língua” por ele utilizada, ou seja, a partir de seus próprios quadros de sentido. Dito de outro modo, a hospitalidade exige resposta a esta pergunta vinda de um mundo estrangeiro, e não apenas que ele responda a nossa pergunta. O imperativo de responder, de elaborar uma resposta aos estrangeiros que

nos interpelam é o que configura a responsabilidade ética na pesquisa. Nós falamos ontem sobre a postura do pesquisador autoritário. Mas o encontro no qual a hospitalidade impera requer outro tipo de relação, de construção de uma cena na qual exista a possibilidade concreta de abertura e de exposição à diferença radical da alteridade. Existe um momento na pesquisa com os sujeitos que é aquele de estar frente ao rosto de um outro que nós consideramos como completamente estranho, que não podemos forçar em nossos quadros sem a violência de não ouvir a pergunta que este rosto nos dirige. Em outras palavras, este encontro nos pede para desconstruir em parte nossas convicções, nossos pensamentos, nossos hábitos, a fim de acolher este acontecimento ou aquele ou aquela que está por vir.

O rosto do outro nos exige uma resposta, ele pede uma abertura, uma reconfiguração antes de pretendermos entender sua demanda. A pesquisa não é apenas coleta de dados, mas pede que uma abertura ao convite para sermos afetados, à possibilidade de um momento liminar. Em vez de começarmos fortes a partir de uma base sólida de conhecimentos, começamos fracos a partir de algo que não podíamos saber de antemão, abertos para o inesperado, para o novo. nos permitisse acesso à diversidade e à infinidade de mundos que nos são estrangeiros. Abrir mundos, colocá-los em comunicação e proporcionar a chance de elaboração de uma linguagem comum, creolizados ou multilíngues, implica dar lugar aos estrangeiros, sem pretender entendê-los completamente, sem pretender falar por eles, definindo gestos que devem guiar a pesquisa acolhedora.

Essa perspectiva parece ser muito positiva, parece uma oportunidade extraordinária, uma proposta epistemológica na qual o estético, o político e o ontológico vão na mesma direção: o sentido de produzir uma abertura epistemologicamente interessada na configuração de uma hospitalidade possível. Porém Derrida nos alerta para as armadilhas de uma hospitalidade interessada, ou seja, uma aproximação do estrangeiro que deseja forçá-lo a comunicar-se e a comportar-se dentro das normas daquele que o acolhe. Na verdade, Derrida nos propõe um tipo de hospitalidade irrestrita, na qual não se deseja reduzir o outro à lei do mesmo, mas que se esforça para criar temporalidades, espacialidades e vocabu-

lários produzidos em comum, livres de imposições e hierarquias. A dificuldade é que se impomos as “regras de hospitalidade”, por exemplo, definindo os passos de um método para acolher, ainda são os nossos quadros que constroem o encontro. Seria realmente um encontro, ou estaríamos usando o estrangeiro para servir ao nosso propósito de pesquisa?

Assim, a hospitalidade não deveria ser econômica, ou seja, não deveria ser baseada em cálculos ou busca de maximizar trocas ou relações, de maximizar o conhecimento que vamos ganhar. É preciso sempre inventar, criar, trazer algo novo para acolher os sujeitos em uma dada situação: e esse algo novo a ser criado talvez fosse impossível no pensamento anterior, tornando-se possível agora que o pesquisador se engaja em fazer uma pesquisa que ainda não está constrangida pelo nosso interesse, pelos resultados que desejamos produzir (por mais difícil que isso possa ser). Primeiro acontece o encontro, e a pesquisa vai tentar (re) construir-se a partir deste evento. É muitas vezes por termos encontrado uma situação, um evento, uma pessoa, que a pesquisa começa. Ou pode ser, porque há um tema sobre o qual queremos escrever, porque vamos nos lembrar de um encontro anterior – mas de certa forma isso significa que a pesquisa começou no momento do encontro.

Uma abertura irrestrita ao outro, esse gesto incondicional requerido por Derrida produz vários riscos aos campos sensíveis: risco de atingir a intimidade, de colocar em perigo, estigmatizar, categorizar, objetivar, enfim de produzir violências de diversos tipos sobre os sujeitos que conosco produzem a pesquisa. Dizer sim ao estrangeiro de modo irrestrito é algo, no limite, quase impossível, e que traz uma questão intrigante para nós: o que acontece quando o outro é perigoso? O que acontece quando a pesquisa nos leva a ter que enveredar pela extrema direta, a termos que nos colocar em situação que nos expõe a perigos, recusando-nos a livre expressão e obrigando-nos até ao silenciamento? Será preciso, em algum momento, colocar limites. Como se abrir a uma pessoa que recua diante de todas as tentativas de comunicação? Como fazer para dialogar se nosso interlocutor não pode falar por qualquer razão? Derrida aponta que essa parece ser uma tarefa impossível, mas insiste também que devemos inventar, que devemos criar uma maneira

de tornar a hospitalidade possível. Ainda assim, sabemos dos riscos que a pesquisa pode trazer à alteridade e a nós mesmos: ela pode machucar, ofender, injuriar, pode ser perigosa para o outro e nos colocar sob ameaça.

Assim, um primeiro momento do gesto de colocar-se em pesquisa exige um gesto de abertura que pode ser problemático. Por isso mesmo, testemunhar, afetar, ser afetado não é algo que ocorre sem riscos para os campos sensíveis: há o risco de ferir a sensibilidade, de revelar segredos, de romper a intimidade, pôr em perigo, estigmatizar, categorizar, tornar o outro um objeto de pertencimento, objetivá-lo por meio de uma violência simbólica que categoriza e controla. Além disso, há para os pesquisadores uma sobrecarga emocional, dilemas éticos e sofrimentos morais. O afeto não é neutro, não é uma variável ou apenas um conceito, ele coloca em comunicação, abala, toca ou atinge. Ele produz uma experiência. Por um lado, derivamos uma reflexão, novos conhecimentos, mas, por outro lado, ele faz parte do mundo real, produz consequências sobre os outros e sobre nós.

Abrir-se à alteridade não é um gesto fácil e acarreta um grande compromisso em relação à proteção da dignidade daqueles que nos demandam escuta. Derrida menciona a necessidade de “leis da hospitalidade”, o que expressa uma contradição, pois as leis são sempre elaboradas de acordo com os princípios daquele que acolhe o estrangeiro, e não deste último. Nesse caso, já não se trataria mais da hospitalidade, porque as normas existiriam independentemente do outro, de suas necessidades e demandas. No caso da realização de uma pesquisa, essa ideia se expressa quando tentamos verificar nossas hipóteses e impor nossas teorias sobre os sujeitos, em vez de permitir avizinhamentos e partilhas. A hospitalidade é contrária ao movimento de um pesquisador que deseja apenas explorar e confirmar o que pensa ser interessante e relevante. Se o “inesperado” passa a ser esperado por meio de leis e normas, a relação deixa de ser hospitaleira e passa a ser de controle e submissão. Na pesquisa, não há surpresa alguma se fazemos os estrangeiros de “reféns”, impondo-lhes nossas regras, nossa pesquisa, nossas hipóteses, nosso método, e nossa abordagem de campo.

Não há, portanto, leis da hospitalidade na pesquisa, é preciso que saibamos vai que cada caso é um caso especial, e que temos que inventar o jeito e o gesto de acolher os sujeitos em nossa escritura. Gostaria de apresentar a seguir seis exemplos. A maioria deles nos mostra o que não podemos ou não queremos ver; ou o que os sujeitos não podem dizer, mas em sua forma de expressar é possível captar ambiguidades, nuances. Trata-se de ser responsável diante daquele que viveu o que nós nunca pudemos experimentar e de nos deixar afetar na pesquisa.

### **Tsai: o difícil acolhimento do estrangeiro**

O primeiro exemplo que gostaria de trabalhar é a tese de Kim Tsai, doutoranda que orientei junto com Hugo Letiche e que trata das experiências de refugiados e demandantes de asilo nos Países Baixos. A tese foi publicada em livro, com o título *Affect Matters*, e traz uma reflexão profunda dessa pesquisadora acerca de vários anos de trabalho etnográfico junto a essas pessoas em situação de vulnerabilidade. Ela examina como instituições e sistemas responsáveis por acolher refugiados podem tanto promover cuidado e amparo, quanto se transformarem em vetores de ódio, aversão e desumanização. Centros de atendimento são acusados de não prestarem atendimentos hospitalares, contrariando uma ética do cuidado que prevê a recomposição das redes de amparo para aqueles que perderam suas casas, suas referências culturais, que tiveram que se separar de suas famílias e amigos, caindo em uma vida de incertezas e medos. Tsai sugere que, dada a complexidade do sistema de demanda de asilo e as múltiplas redes que operam através dele, é preciso considerar o papel desempenhado pelos afetos positivos e negativos, incluindo a capacidade que estes últimos possuem de causar enormes danos às pessoas. A pesquisadora argumenta que, nos Países Baixos, o sistema de atendimento aos refugiados e demandantes de asilo está traumatizando e é permeado de afetos negativos, resultando em relações violentas que reforçam a desconfiança, a frustração e o não reconhecimento.

De maneira enfática e crítica, Tsai argumenta que, como pesquisadora e trabalhando com grupos vulneráveis, ela não acredita que deve se manter como mera testemunha do sofrimento dos outros, mas que tem o dever moral de construir relações de cuidado e ações práticas que

possam aliviar ou mesmo eliminar as injustiças por eles tematizadas e narradas. Há as regras, a lei, mas também os afetos, e é difícil entender o que acontece se não nos abirmos a eles. Ela narra em sua tese a situação de calamidade que encontra diante de si: jovens refugiados cometem suicídio; pessoas humilhadas, silenciadas, constantemente sob suspeita, algumas mães e seus filhos são enviados para centros de detenção, ficando atrás de grades; menores desacompanhados dormem pelas ruas; jovens traumatizados são deslocados de um centro de asilo para outro por causarem problemas (sendo que seus traumas permanecem sem diagnóstico e sem o tratamento adequado). Uma vez que os procedimentos dos centros de abrigo e de asilo são realizados, as pessoas são compelidas a buscarem outro espaço que os acolha, ou mesmo a viver nas ruas, sem quaisquer direitos a acomodações ou auxílio financeiro. Isso é o que se pode chamar de cuidado? Não se tratava apenas de entrevistar pessoas, mas de se envolver com elas.

Ainda assim, Tsai mostra, por um lado, os afetos, muitas vezes negativos e poderosos, que regem o sistema e as relações, mas ela também está atenta aos seus próprios afetos, como uma fonte de compreensão que permitirá um melhor entendimento da complexidade das situações, evitando uma separação entre os bons e os maus, os violentos e as vítimas. Ela nos mostra que mesmo com grandes intenções de auxiliar os vulneráveis, os agentes institucionais da assistência social podiam se encontrar em situação de angústia diante do volume de trabalho e da falta de subsídios. Estressados perante a tragicidade das situações, eles se deixavam vencer pela desesperança e ficavam desapontados quando não percebiam o que consideravam como “gratidão suficiente” por parte daqueles a quem tentavam ajudar. Além disso, se sentiam derrotados pela burocracia e pela crescente demanda de preenchimento de protocolos por parte dos sistemas de cuidado. No trabalho feito por Tsai, ela reconhece a ambivalência dos sentimentos e afetos que perpassam as vidas de “cuidadores” e “cuidados”, revelando como a responsabilidade ética é marcada, ao mesmo tempo, por grande compaixão, solidariedade, ódio e crueldade. Aprender a lidar com essa ambiguidade e a equilibrar os afetos que nos conectam com os outros seria, segundo ela, um inves-

timento difícil e necessário para conseguirmos alcançar a dignidade, o mútuo respeito e o reconhecimento social.

Mas houve uma dificuldade adicional em termos de pesquisa. Tsai nos mostra em detalhes que a pesquisa que envolve o testemunho dos refugiados lida com palavras fugidias, ocultação de determinados fatos e experiências, o que requer do pesquisador grande sensibilidade e habilidade de não falar do estrangeiro a partir de nosso próprio universo intelectual. Para ela, reconhecer que os afetos fazem parte da pesquisa e mediam as trocas, significa perceber como eles atuam como linhas de fuga desse sistema autoritário que define uma forma de pesquisa acadêmica que busca o traço representacional do objeto. Ela torna evidente como os refugiados e demandantes de asilo encobrem a verdade, porque muitas vezes precisam construir uma narrativa credível e que tenha legitimidade segundo as normas da administração e dos juízes. É quase que como uma tática: dizer não o que se viveu de fato, mas o que o aparato burocrático deseja ouvir, da forma como estabeleceram. Nesse sentido, Tsai sabe que, entre aqueles com os quais conversa todos os dias, existem pessoas perseguidas politicamente, mas também assassinos e bandidos. Aquele ou aquela que sai de seu país pode tanto ser vítima, quanto antigo perseguidor, mas cada um vai alterar sua história, uma vez que sabem que existem narrativas que fazem com que você atravesse a fronteira e aquelas que te enviam direto para a prisão. Ou seja, existem narrativas que se adequam aos moldes burocráticos e morais e são, assim, “aceitáveis”; e existem aquelas narrativas que os órgãos administrativos e os gerentes de projetos sociais repudiam e classificam como “inaceitáveis”. A grande maioria dos refugiados sabe perfeitamente qual versão devem apresentar, mas existem momentos em que traem seus discursos e caem em contradição.

Como pesquisadora, Tsai observa que a pesquisa perpassada pelos afetos, sobretudo quando feita junto a grupos vulneráveis, sofre com as mesmas oscilações que marcam a sua rotina. Ou seja, têm compromissos cancelados, longas horas ou meses de espera, sem certezas, correndo sempre riscos e temores. Nas entrevistas, a pesquisadora tinha que se manter alerta para não perder detalhes das histórias compartilhadas, pois temia não compreender direito ou mesmo demonstrar incom-

prensão diante de seus interlocutores. Ao mesmo tempo, Tsai percebia que muitos fragmentos não se conectavam e, todas as vezes que solicitava esclarecimentos, a história variava. Ela conta também que o testemunho das mulheres acentuava o machismo, o racismo, o tom fatalista das experiências e do próprio atendimento institucional. Nesse caso, ela evidencia o quanto se sentia angustiada por não poder fazer grande coisa para alterar os quadros de injustiça que se desenhavam através dos depoimentos.

Assim, a pesquisa enfrentou questões metodológicas muito difíceis. Em primeiro lugar, ainda mais do que em outras situações, não era possível tomar como verdadeiras as declarações dos interlocutores (tanto dos refugiados quanto do pessoal administrativo – e pode-se imaginar os limites de alguns outros métodos). Há muita “performance” no que dizem os interlocutores, mas essa performance é vital nessa situação: não é um relato externo e distorcido da condição vivida, está no cerne da mesma. Afetos, impressões, atmosferas são um dos elementos-chave neste universo onde a fala pode ser suspeita, e para o pesquisador, pode oferecer pistas não menos confiáveis que os testemunhos. E como falar em nome de pessoas cujas narrativas conhecemos, mas cuja “voz” não nos é familiar? Segundo, o que é escrito ou revelado sobre estas pessoas pode ser perigoso para as suas situações de grande vulnerabilidade.

Escrever sobre os afetos que nascem no encontro é, assim, epistemologicamente e eticamente menos perigoso, menos problemático. Pode-se dizer que há um desejo de reconhecimento em suas palavras, mas certo medo do conhecimento. Em terceiro lugar, estamos falando de identidades feridas que são maltratadas, de pessoas a quem é negada ou condicionada a hospitalidade, e a quem é constantemente exigida uma narrativa de si. As pesquisas podem replicar ou mesmo acentuar as próprias coisas que são denunciadas ou documentadas. Exigir mais uma narrativa de si, vestido nas roupas da pesquisadora, mesmo tentando ao máximo suspender qualquer julgamento moral, seria, para o pesquisador, participar do sistema. Acentuaria também o desequilíbrio de condições.

Neste caso, como não começar por conceder o máximo de hospitalidade possível, criando um encontro onde os afetos, e não o julgamento, estão no centro, não tentando trancar o outro numa identidade, mas ajudando a cuidar dela, a reconstruí-la? Acima de tudo, era uma questão de acolhimento, de dar hospitalidade a quem e o que vem, aceitando que sempre haverá uma parte do estranho e do estrangeiro, e que essa alteridade não deveria ser julgada, classificada, padronizada, mas antes de tudo acolhida, e que a urgência é menos de colocar em uma caixa ou em um lugar, do que de acompanhar uma passagem. Por tudo isso, uma abordagem baseada em afetos parecia preferível.

Um aspecto muito importante a ser destacado aqui é que a tese retrata o encontro com os refugiados e demandantes de asilo em várias ocasiões sob a forma de poema. Os poemas elaboram retratos que se definem a partir do momento que a pesquisadora tenta entrar no universo das pessoas, apreender suas confidências e, sobretudo, processar a raiva que sente com relação ao modo como alguns funcionários os tratam. Em nossos encontros de orientação ela admitia que estava brava e, ao mesmo tempo, com medo de alguns refugiados, das ações que eles confienciavam ter cometido, daquilo que estava registrado em suas fichas. Quando eu li todo o material que ela nos apresentou foi bem complicado. De um lado, tínhamos a reflexão de Derrida sobre a hospitalidade, a defesa do estrangeiro e a valorização de sua história e daqueles que se vinculam a ele por meio da solidariedade e do apoio. Mas era visível no texto de Tsai uma indignação, um rancor com relação ao modo como eram tratados. Nosso conselho foi alterar um pouco a forma como ela estava tratando os afetos em jogo no atendimento aos estrangeiros, explicitando essas ambiguidades. Foi difícil para ela reconhecer a necessidade de mudar a pesquisa, tendo que escolher entre duas direções possíveis.

A primeira direção indicava que a tese poderia mostrar, finalmente, o processo doloroso que obriga os gestores administrativos a se tornarem insensíveis diante da dor do outro. Para Tsai, era importante dizer algo sobre os afetos que alteravam o modo como os trabalhadores dos serviços sociais lidavam com os refugiados: ela queria mostrar a situação liminar na qual se encontravam, os processos que os levavam à

insensibilidade, as dificuldades que enfrentavam e seus dilemas morais. Ela também queria mostrar que não se tratava de retratar pessoas essencialmente desumanas e insensíveis, mas que as dificuldades e barreiras enfrentadas ao tentarem acolher os refugiados podem limitar a manifestação dos afetos positivos. A segunda direção era mostrar que uma pesquisa com os afetos não pode estar totalmente aberta aos afetos. Assim, o acolhimento ilimitado proposto por Derrida encontra limites muito claros. Certamente esse enfoque da tese foi o contrário do que Tsai queria dizer inicialmente, mas foi a abordagem que melhor pôde evidenciar os limites da hospitalidade. Dito de outro modo, a tese levou Tsai a perceber que é preciso reconhecer que dentro da hospitalidade há uma parte estrangeira, que muitas vezes evitamos conhecer. A tese voltou-se para uma reflexão metodológica, sobre métodos baseados sobre afetos, mas essa reflexão foi paralela (e talvez indispensável para abordar) a situação que sua etnografia descreveu. Isto levanta muitas questões sobre nossas próprias pesquisas, sobre nossa capacidade de oferecer hospitalidade.

No caso deste trabalho de tese, a questão ética está apresentada de uma forma diferente: evidenciado as restrições impostas ao acolhimento à alteridade radical. Não no sentido de mostrar como podem existir pessoas acolhedoras ou hostis aos refugiados, mas de evidenciar que os afetos do pesquisador e da pesquisadora, do trabalhador ou trabalhadora do campo dos serviços sociais são presos em espirais de múltiplas facetas e é preciso olhar com cuidado para o modo como a hospitalidade se consitui em situações comunicacionais marcadas, ao mesmo tempo, pela necessidade de aproximação e distanciamento. Ao fim, Tsai considera que não podemos estar sempre abertos aos afetos, pois seria, de fato, insuportável.

### **Guérillot: os afetos que desafiam o discurso**

O segundo exemplo que gostaria de apresentar a vocês diz respeito à tese de doutorado de uma orientada, Géraldine Guérillot, intitulada “A recepção dos discursos de desenvolvimento durável e ações de responsabilidade social das empresas nos países do Sul. O caso de uma doação de computadores no Senegal no quadro de um projeto tripartite de soli-

dariedade digital”. Trata-se de uma tese em comunicação e em administração, que abordou práticas de responsabilidades sociais corporativas, sobretudo salientando as tensões entre países do norte e do sul. Nesse caso, a questão do ponto de vista do autor é importante: construir um lugar de fala para traçar distinções entre economias “desenvolvidas” e “em desenvolvimento”. Para Guérillot, no início, a responsabilidade social corporativa era uma coisa boa, que precisava ser ampliada uma vez que refletiria uma “generosidade” do norte em relação ao sul. Então, no início da pesquisa ela tinha uma imagem e uma narrativa positiva acerca da ação tida como generosa da doação de computadores. Havia uma imagem idealizada de que o norte se faz presente junto aos povos do sul através da dádiva “interessada”, mas ainda assim configurando um ato de generosidade.

As várias pessoas com as quais ela conversou no Senegal no começo da pesquisa apresentavam exatamente a mesma narrativa e a mesma história de que era muito bom ganhar trinta mil computadores de uma empresa, mesmo sendo máquinas usadas e já gastas, elas seriam úteis no Senegal. Com isso, a empresa se torna “responsável” socialmente e recebeu prêmios por “zelar” pela qualidade de vida de populações de países “pobres”. A tese se encaminhava para referendar a responsabilidade ética da empresa. Contudo, algum tempo depois do início da pesquisa de campo, começam a aparecer pistas estranhas: Guérillot percebe que tinha nas mãos um quebra cabeça e várias peças não se encaixavam no desenho. Por exemplo, um dos primeiros passos que ela fez no campo foi ir a um despejo muito grande, um local do Senegal em que se descartavam toda a espécie de dejetos, incluindo resíduos eletrônicos perigosos. E o que ela estava vendo, e o que algumas pessoas que deram depoimento a ela disseram, foi que lá viviam sob condições insalubres de sol muito forte, doenças e precariedades. Ela sabia que vários dos computadores que haviam sido doados foram imediatamente para o despejo.

Ao mesmo tempo, a empresa enviou grande parte dos computadores para uma ONG e o Senegal fez um grande esforço para consertar os computadores e fazer com que chegassem às escolas. A questão é que uma parte das pessoas que participaram da recuperação dos computa-

dores eram pessoas com deficiência. As condições de trabalho dessas pessoas eram extremamente insalubres: elas precisavam acordar muito cedo, pegar ônibus por mais de duas ou três horas, onde não havia espaço para cadeiras de rodas, no local de trabalho havia uma divisória que os impedia de se deslocarem de um lugar para outro, e trabalhavam oito, nove horas por dia, ganhando um salário muito baixo. Isso é responsabilidade social?

Guérillot foi descobrindo que a maioria das escolas equipadas com estes computadores não puderam usar os computadores, por diferentes razões. E em vários momentos, em meio a discursos bem falados esses tipos de testemunhos foram escapando da boca das pessoas. A pesquisadora começou então a tomar nota das narrativas e dos momentos nos quais seus entrevistados definiam como percebiam a situação. Ela começou a se interessar pelo que não estava de acordo com o discurso da RSE, com o discurso majoritário, por tudo o que soava estranho em sua enunciação. Ela começou não a interrogar, mas a experimentar estar lá, conviver, encontrar e registrar o que era diferente das suas expectativas. Ela também deu mais atenção ao que estava sentindo, o que era estranho, o que a chocava, o que a excitava. Ao invés de procurar por estes ou aqueles dados ou evidências, ela acolheu o que estava acontecendo. No meio do discurso ideológico da benevolência do norte era frases como “o Norte não deveria pensar a África como lixeira”. Pequenas experiências e narrativas simples passaram a ser importantes na tese, porque revelavam que não podemos falar do outro a partir de nossa própria sintaxe: era preciso encontrar outra gramática para escrever acerca da diferença de sentidos que a palavra “doação” possui no Senegal e na França. Para a empresa francesa, a doação é um presente: uma ação que desobriga o doador de qualquer outra responsabilidade. Para os senegaleses, uma doação é uma forma de partilha, de compartilhamento que une os dois lados em uma coresponsabilidade ética.

Ao perceber um enorme hiato entre o gesto político das duas partes envolvidas, Guérillot foi desconstruindo a narrativa empresarial de “solidariedade digital”, evidenciando que seu trabalho não queria apenas discutir a doação dos computadores, mas também argumentar que a linguagem, as narrativas e o quadro semântico que envolvem esse

gesto político estratégico podem tanto conferir legibilidade às injustiças quando ocultá-las. Tudo depende de como se lê a história, a partir de qual ponto de vista ela é construída e interpretada. Pode-se dizer que a empresa francesa é uma heroína benemérita, ou que ela continua a perpetuar a opressão e a subalternidade entre os povos do sul.

Quero salientar que, para Guérillot, o momento mais difícil do processo de pesquisa foi conseguir que um dos orientadores aceitasse que este era um caso altamente questionável de responsabilidade social corporativa. Um dos coorientadores do trabalho se recusou a escutar aspectos negativos acerca da ação da empresa e isso dificultou a construção da tese. Contudo, a tese que ela pretendia escrever deveria ser um gesto de resistência e não uma confirmação do colonialismo que apaga traços de protagonismo, agência e resistência dos povos do sul. A pesquisa é sempre, em parte, uma aventura em conjunto, e acolher o que vem é também um trabalho coletivo.

Tanto no caso de Tsai, quanto na trajetória de Guérillot foi muito difícil admitir que era preciso mudar os rumos da pesquisa, seguir novas pistas, na contramão das pressões administrativas e institucionais. No caso de Guérillot, a ambição da tese era investigar as representações do desenvolvimento sustentável no Senegal. Passar dois meses no Senegal não era suficiente para oferecer a ela uma visão ampla do universo habitado pelo outro, mas isso foi suficiente, como ela estava disposta a ouvi-los, para ser confrontada com um conjunto de impressões, afetos e experiências. Suficiente para refletir acerca de seu posicionamento e questionar seu universo intelectual, incluindo a de certos membros do laboratório. Mais uma vez é importante mostrar como os afetos funcionam como pistas, linhas de fuga que apontam para fora dos sistemas de normas, convenções e formalismos. Os afetos não fazem uma representação do outro, mas ajudam a fazer tremer a narrativa do pesquisador, a abalar suas certezas e preconceitos, para que ele possa começar a entender alguma outra coisa, seguir outro caminho. Na maioria das vezes, os afetos não são um “resultado de pesquisa”, um “achado”, mas sim um re-coloque em movimento. Eles não são a resposta. São pistas de que algo não soa adequado com nossas convicções, nossas teorias – que ainda precisamos ouvir, tocar, ser guiados pelo

que vem, ainda precisamos nos aproximar e experimentar antes de catalogar ou enquadrar nossos achados em uma teoria.

### **Veissière: afetos que desafiam o pesquisador**

Um terceiro exemplo que quero comentar se refere à pesquisa etnográfica desenvolvida pelo canadense Samuel Veissière no Brasil, mais especificamente em Salvador (BA). Veissière trabalha com prostitutas, com menores que vivem nas ruas e com povos vulneráveis da capital baiana. De modo breve, é possível destacarmos o depoimento que ele oferece acerca do momento em que sente-se envergonhado de estar construindo seu trabalho em cima da pobreza e vulnerabilidade das pessoas. A atuação dos afetos ativa aqui uma reflexividade ética que coloca em questão os métodos e a própria conduta do pesquisador. Atuando em uma universidade financeiramente bem amparada no Canadá e levando uma vida confortável, Veissière começou a se sentir, e aqui uso as palavras dele, um “cafetão”, capaz de enriquecer através da exploração e subjugo dos menos favorecidos. A partir de então, ele decide não mais continuar a conduzir sua intervenção da mesma forma e começa a trabalhar em uma ONG de Salvador, tentando ajudar as crianças de rua a retornarem para suas casas.

Mas este não foi o único afeto e a única evolução do caminho! Ele narra em detalhe sua transformação e a crise ética que o leva a descrever suas atividades na ONG pregressas como a pior coisa que um ser humano poderia fazer, uma vez que muitas das crianças em situação de rua em Salvador estavam fugindo das favelas, porque descreviam os perigos existentes em seus próprios lares. Veissière repudia sua visão “do norte” sobre a situação por elas experimentada e questiona por que estaria “obrigando” crianças a retornarem para um ambiente possivelmente muito mais letal que a rua. Era preciso entender melhor o contexto, os testemunhos das crianças, para que a ajuda não fosse cega, mal feita ou mal direcionada.

Nesse sentido, Veissière percebeu que o hábito acadêmico da distância pode criar perigos para pessoas vulneráveis. Quando o pesquisador insiste em olhar à distância, é possível que ele tenha muitas dificuldades em entender o universo habitado por aqueles com quem constrói

a pesquisa. E a visão que o pesquisador vai ter é geralmente destituída de afeto, de contato com o rosto do outro. É bem provável que ele não entenda que gera um problema ao insistir em adotar suas posições e olhares autoritários.

Há aqui outro ponto importante e delicado para nossas pesquisas sobre os afetos. É claro que podemos refletir sobre a situação ética ligada aos rostos de Levinas, mas também podemos retomar o que dissemos com Derrida sobre a hospitalidade interessada. Pensar a pesquisa apenas como a aquisição de informações, de material para nossa abordagem, ou mesmo como algo que tem o potencial de mudar nossa posição coloca um problema tanto ético quanto epistemológico e político. A hospitalidade interessada não é tão hospitaleira, mas, além disso, limita o que pode ser visto e projetado, e faz de conta ignorar o fato de que há um elemento político na situação da pesquisa, especialmente com pessoas vulneráveis. A idéia de hospitalidade aqui apela para abrir a pesquisa ao que vem, a encontros e eventos, considerando que essa abertura pode desfazer o projeto e o processo de pesquisa inicialmente postos. Em suma, a hospitalidade é um convite para quebrar a fronteira entre a pesquisa e o mundo.

Esse caso também se assemelha à pesquisa de Guérillot, pois ambos tiveram um momento de afeto, um momento em que descobriram que tinha algo na pesquisa que desenvolviam que precisava mudar radicalmente: essa performatividade da pesquisa alcançada pelos afetos permite uma abertura à responsabilidade ética e política. A reflexão sobre o contexto no qual a pesquisa se desenvolve mostra que sua estrutura pode ser reconstruída sob outro ponto de vista, e que isso é permitido por não colocar a teoria em primeiro plano, filtrando ou traduzindo tudo de acordo com ela. Mas a mudança implica convencer muitas pessoas, alterar o curso da institucionalidade e enfrentar as oposições que certamente aparecerão. Seguir os afetos é uma tarefa difícil, mas a mudança de direção da pesquisa pode ser gratificante. Há nesta capacidade de ser afetado uma ética de vida, ou talvez um estilo de vida. Como afirma Marielle Macé em seu livro *Styles: critiques de nos formes de vie*, uma forma de vida é vivida apenas sob o tipo de engajamento onde toda existência, pessoal ou coletiva, arrisca suas ideias e projetos.

## Lingis: os afetos como presente do outro

Aquele que ampliou o entendimento do encontro afetivo com o outro como uma ética de vida foi, sem dúvida, Alphonso Lingis. O quarto exemplo que trouxe para apresentar a vocês deriva de um texto de Lingis, intitulado “*Cause choice chance*”. Gostaria de destacar o seguinte trecho do texto, no qual ele descreve, diante dos participantes da décima quinta Conferência da *Association for Medical Humanities*, como uma mulher se descobriu como tal:

Ela tira a bata do hospital; por baixo, ela usava outra bata de hospital, mas decorada com fitas e camadas de tule vermelhas, como uma saia de dançarina francesa de Cancan. Ela diz, arrepiada: “Tive a primeira cicatriz e perdi o cabelo, perdi o seio esquerdo. O seio direito também se foi. Meus ovários são os próximos da lista. Foi assim que esqueci como ser uma mulher”. Ela faz uma dança provocante com as anáguas vermelhas, peruca e maquiagem. Ela dança com uma foto de Patrick Swayze representando a personagem Johnny Castle no filme *Dirty Dancing*, imbuída da força de trazê-lo à vida. Ela sai, depois volta, agora sem a fantasia, senta-se conosco para nos ouvir. Para responder uma pergunta, ela conta que, quando estava grávida do primeiro filho, descobriu um nódulo no seio esquerdo. Ela não fez uma mastectomia completa, pois o anestésico seria muito forte para o bebê, mas um ano depois ela teve uma recorrência e a mastectomia teve que ser realizada. Um ano depois, eles descobriram que ela possuía uma variante do gene “bracha 1” que exigia a segunda mastectomia e uma ooforectomia, a fim de prevenir o câncer de ovário ou outro câncer de mama. “Quem sou eu?” ela se perguntava. “Meu corpo não é mais o de uma mulher”, ela dizia. “Eu não sou mais mulher”. Ela mencionou que nunca considerou uma reconstrução mamária, pois não deseja tornar seu câncer invisível ou sofrer mais cirurgias. Ela afirmou que acha suas cicatrizes muito bonitas.

Fazer uma reflexão sobre esse testemunho não é simples. Esta passagem merece antes de tudo de ser acolhida, em toda a força de um momento como este. Qualquer enquadramento demasiado direto em uma teoria só poderia enfraquecê-la. O primeiro momento, então,

implica deixar esta experiência atuar em ele, deixar este texto atuar em nós. Aceitar os efeitos que então nascem. E, justamente, o que afeta tão intensamente esta vida não pode ser totalmente compreendido do ponto de vista das causas médicas: isto também vai além de qualquer decisão, de qualquer orientação voluntária. Lingis conclui o texto dizendo que estamos acostumados a ver a vida em termos de causas ou escolhas, mas quando você está realizando a probabilidade de nascer, de vencer dificuldades e de construir maneiras de existir, passamos a acolher a vida como sorte, como chance de florescer, de produzir alternativas, caminhos outros do que aqueles apontados como determinados ou únicos. A apresentação de Lingis terminou com um belíssimo agradecimento pela existência. Acho que prefiro não adicionar nada a essa reflexão, exceto que é uma das mais belas hospitalidades à vida.

Quero terminar lembrando novamente do livro de Marielle Macé: ela afirma que os movimentos de resistência e insurgência atuais, como o Occupy Wall Street, o Indignados (na Espanha), o Nuits Debouts (na França) configuram formas de vida que unificam muitas das nossas expectativas, das nossas demandas, e especialmente dos nossos julgamentos. É sempre com essas demandas e expectativas que vamos para o debate, que produzimos ideias complexas da vida que defendemos como digna ou como desprezável. O estilo nesse caso é estético, político, ético; é estilo como afirmação em grande parte de uma forma de vida. Acredito que a correspondência com o que acabamos de ver é grande: quando o pesquisador é atravessado pelos afetos, isso pode significar entrar em outro estilo de vida, certamente bem mais difícil. Os afetos podem ser uma estratégia de individuação, mas pesquisar é um estilo de vida que merece ser defendido. Sobretudo porque o estilo de pesquisa no qual as universidades são empurradas para trabalhos sem afetos, sem reflexão, com uma crítica restrita a certos pontos de vista, é um estilo que causa infelicidade.

É importante defender uma variedade de estilos e formas de individuação, de transformações profundas pelos afetos, de crescimento individual e coletivo através da ampliação das possibilidades que um pesquisador tem de compreender e de acolher o outro com o qual trabalha e fabula. Eu gostaria de encerrar com uma convicção: a pesquisa com

afetos não é só um método de pesquisa, é uma forma de vida. Uma chance de desterritorializar, de curto-circuitar o modelo de investigação que torna as pessoas incapazes de perceber a alteridade, de responder ao seu chamado e de construir na academia um espaço único de produção do comum.

\*\*\*\*\*

## Debate

**Isabella Paes:** Gostaria aqui de retomar uma questão que você abordou quando mencionou o exemplo da tese da Kim Tsai. Ela tentou ajudar os refugiados, mesmo se sentindo incapaz de solucionar completamente o drama por eles vivido. Mesmo quando o pesquisador vai ajudar, ele acaba por ensinar ao outro como ele “deveria agir” e acaba passando por cima da experiência do próprio sujeito vulnerável. Não porque o projeto ou a intenção não fosse boa, mas porque muitas vezes o pesquisador não consegue dialogar...

**Jean-Luc Moriceau:** Sim, muitas vezes o pesquisador não consegue entender um outro universo, um que se apresenta radicalmente estranho, como nesse exemplo. Como promover a hospitalidade nesse caso? Os afetos não nos fazem compreender o universo do outro, apenas cruzá-lo, encontrá-lo – mas suficientemente para que nosso próprio pensamento, talvez nosso próprio universo, não permaneça inalterado, que tenhamos aprendido algo, como através de uma experiência de vida.

**Carlos Mendonça:** Quando você mencionou a pesquisa de Guérillot, é importante termos cuidado com a oposição “norte” e “sul”, de modo a evitar uma dupla interpretação. Essa realidade, a realidade vivida é muito nossa, do sul. Gente do sul é que sai para fazer o trabalho de campo e lida rotineiramente com essa situação, do encontro com o outro e a hospitalidade. Mas a nossa preocupação com gente do sul é exatamente inversa àquela do coorientador de Guérillot, que mantém uma postura de defesa da “bondade” da gente do norte. Nós, do sul, olhamos para essas questões e falamos: “sim, existe mais uma estratégia

colonizadora”. E pior, nós olhamos para isso e sabemos que a estratégia colonizadora significa deixar que a gente permaneça no sul, como que se a sobra e o que viesse do norte fosse o suficiente para nos fixar no sul, apaziguados e gratos. Nesse caso, acho que há uma grande virada na perspectiva dos afetos, porque me parece que haveria uma questão que é reconhecer-se como sujeito, como fenômeno e como objeto da pesquisa. Quer dizer, quando nós pensamos que a proposta da construção da pesquisa pode sair de uma lógica que confere destaque ao sul e não apenas ao tensionamento norte-sul já é um primeiro lugar de afecção para o pesquisador. E o segundo movimento que se faz é que, a partir do momento que nos reconhecemos sul-sul, para qual bloco de afetos caminhamos? Estamos indo em direção a Deleuze? Qual é o bloco de afetos que vem em nossa direção quando nós, sujeitos do sul, observamos não a imigração síria, mas pensamos na escravização andina como mão de obra barata em São Paulo? Qual é o afeto que surge quando a gente observa que essa população andina não tem sequer o direito de uma festividade no domingo, em uma praça pública paulista, porque são chamados de perturbadores da ordem? E eles não cabem no espaço do baile da comunidade, e também não cabem na esfera pública que repudia as populações periféricas das grandes cidades? Então, há uma virada nos afetos nessa possibilidade de produção de uma linha de fuga. Nesse caso, a minha implicância é com a palavra pista. No caso da nossa vivência sul-sul não se trata de considerá-la uma pista, mas de pensá-la como um grande bloco de concreto que salta em nossa direção. Às vezes, concreto mesmo, duro. Às vezes, um bloco de afetos. O termo colonialista, quando ele aparece diante de um quadro de afetos, ele altera de uma maneira a pesquisa para uma pessoa do norte, inclusive para o tipo de descoberta que o pesquisador do norte faria, mas ele opera de uma maneira diferente para o pesquisador sul-sul, até para aquilo que poderia ser um motivador sob o risco de nós, na pesquisa, sermos colonizados por esse pensamento norte-sul.

**Jean-Luc Moriceau:** Acho que é muito importante sua observação e temos que enfatizar que o contexto a partir do qual a pesquisadora e o pesquisador vão construir sua reflexão é definidor de um percurso

de individuação, de transformação da abordagem da investigação e do próprio sujeito que investiga. O contexto de produção, de endereçamento e de recepção de um trabalho acadêmico sempre nos mostra que uma pesquisa é um emaranhado de múltiplos lugares de fala, de muitas experiências diferentes e de muitos vocabulários. O problema da questão do vocabulário e até da questão sul-sul é que já é um vocabulário que você pode questionar (E você pode ver que eu não respondo diretamente, porque correria o risco de ficar preso no relacionamento Norte-Sul). Se você faz uma pesquisa suficiente apenas para mostrar um bloco de afetos (considerando essa visão que não reduz os afetos a uma pista), ela vai atingir você de maneira forte, e é o que você vai descrever. Mas pode ser difícil que você se fazer entender, porque o que afeta você nem sempre é legível para quem está fora de seu universo. Assim, esse bloco de afetos já preso em muitas relações que são bem difíceis de serem apreendidas por você, pesquisador, e mais ainda por aquele ou aquela que vai entrar em contato apenas com o texto da pesquisa e pode não entender o que está acontecendo. No caso estudado por Guérillot, doar um computador sem entender a história, sem entender a geografia das relações e das culturas no Senegal é negar justamente a capacidade dos afetos se produzirem em bloco e seguir apenas as pistas. Mas é justamente porque é tão difícil esse tipo de pesquisa, é que ela se faz tão necessária. Ela é mais difícil de fazer, de escrever e de apresentar, porque você não vai ter uma representação simples, mas todo um estilo que envolve sobretudo a transformação e a individuação do pesquisador.

**Isabela Paes:** Esse exemplo me fez voltar à questão do outro, do estrangeiro, e como a demanda que ele vai apresentar também coloca em xeque o pesquisador. Geraldine Guérillot é justamente o contrário de uma pesquisadora com uma visão do norte, e tem uma postura hospitaleira, capaz de se avizinhar do outro. Mas entendo o que Carlos pontua acerca de nossa dificuldade de, mesmo com uma abordagem sul-sul, de dialogar e acolher minorias que estão perto da gente. Achamos que entendemos as pessoas que sofrem, mas existe essa avalanche na qual podemos ser pegos.

**Carlos Mendonça:** Vou continuar a minha reflexão. Eu fico pensando, falei isso no primeiro dia, falo agora e repito sempre: eu não conheço outro, porque o outro tem a insuportável mania de ser outro. O outro não é o que eu quero, não corresponde à minha expectativa, não se adequa ao meu discurso. O outro é o outro, e não existe um sem o outro. Mas tem uma experiência bastante interessante que foi o da sua tese, Isabela, quando você mostra que os exercícios impostos aos atores no *Odin Teatret* trabalham com a suspensão das características locais e, ao mesmo tempo, com um traço hiperbólico. Então, você chegava, as funções eram estabelecidas, o espaço de treino com a equipe, o espaço geral de projeto e como essas coisas iriam acontecer. Esse exercício intenso de relaxar acontece ao mesmo tempo em que você encontra com o Odin e suas técnicas que revelam a dificuldade da alteridade: o grupo desmascara um pouco essa ideia do “eu é o outro”, porque aquele lugar é “eu em relação ao outro”, “eu para o outro” o “outro para mim” e como eu lido com essas perspectivas. Eu gosto do exemplo da sua tese e gosto da tese exatamente nesse lugar, quando funciona essa operação em que você, pesquisadora, estava imersa, sendo afetada e, ao mesmo tempo, tinha que dar conta da força que se colocava ali, que era o “outro se fazendo presente em você”. Isso, porque ao mesmo tempo em que você deveria manter suas condições – a artista que chega, mas também a doutoranda que está estudando no programa francês – chegando de madrugada para treinar, alguém te recebeu, você estava desvestida de suas condições e ingressa no grupo como se estivesse olhando e falando assim: “deixa o rosto do lado de fora, porque do lado de dentro tem que construir outro”. Ali não tem sul-sul, não tem norte-sul, não tem nada disso, tem esse lugar onde não existe neutralidade, porque isso é impossível. Mas outro plano emerge, entende? Sobretudo quando estou trabalho um pouco essa ideia da desconstrução.

**Tamires Coêlho:** Eu queria agradecer pelas partilhas, especialmente porque estou em um processo de escrever a tese, e a minha pesquisa, mesmo que não intencionalmente, está perpassada pelos afetos, sempre. E eu tomei consciência disso nessa reta final. Então foi uma grata surpresa, porque quando eu estava tentando terminar um pedacinho da tese que

falava justamente dos afetos, foi anunciado o minicurso, e eu precisei de um tempo para perceber como os problemas que eu tive em campo afetaram a minha percepção das pessoas. Sobre como, às vezes, chegar para fazer uma entrevista, não ser recebida para essa entrevista por uma pessoa aberta, mas pelo silêncio, pela dificuldade. E fui me dando conta que o choro, que o olhar arredio pode ser muito mais significativo do que o conteúdo verbal da entrevista. Então, é um momento que eu tento amarrar, que tentei escrever a partir de uma linguagem mais poética, no sentido de trazer uma dimensão da poesia oral dessa região do sertão brasileiro, para tentar falar de um retrato, uma paisagem que eu não consigo atingir, plenamente eu jamais conseguirei, mas que não consigo atingir somente com a linguagem acadêmica. Mas a minha dificuldade tem sido tentar fazer isso. Eu estou buscando essa ideia da performance da escrita, mas é muito difícil, pois estamos acostumados a escrever sob o registro do acadêmico, mesmo tendo consciência de que é um artesanato intelectual, como alguns falam, que temos que mobilizar as experiências da gente, e que geralmente o processo do encontro é mais importante do que o conteúdo que vamos apreender e registrar. Mas, a minha dificuldade é que às vezes acho que estou no auge da performance, mas estou é caindo de novo no mainstream do acadêmico. A gente está se esforçando para fazer outra *mise-en-scène*, mas está caindo no comum. Estou angustiada.

**Sônia Pessoa:** Bem vinda ao mundo dos angustiados. Mas qual é o tema de sua pesquisa?

**Tamires Coêlho:** A minha pesquisa aborda as narrativas de si e a exposição em imagens de mulheres do sertão do Piauí, por meio do Facebook. É um lugar que tem um dos piores índices de desenvolvimento humano do Brasil, que é relativamente isolado geograficamente, e que os contextos do patriarcado são muito mais do que estou acostumada a ver, mesmo estando próximo da região onde eu nasci.

**Jean-Luc Moriceau:** Seu depoimento é muito importante e agradeço por nos falar sobre seus dilemas na pesquisa. Lembrei-me aqui do texto

do professor Gustavo Ribeiro (FALE/UFGM), que fala sobre Graciliano Ramos. Esse livro dialoga com Derrida e as noções de hospitalidade e acolhimento, mostrando o modo como Graciliano Ramos cria a figura do Fabiano e das personagens de *Vidas Secas*. Ribeiro mostra que Graciliano Ramos é uma figura intelectual que poderia elaborar o Fabiano com uma linguagem acadêmica, contudo ele constrói todo um universo, toda uma sintaxe, que mostra como ele acolheu o Fabiano e não impôs sobre ele sua própria linguagem acadêmica. A questão da língua é bem importante para ele, por isso posso dar o mesmo conselho a você: tenta escrever na linguagem da mulher sertaneja. E também, porque a posição do intelectual das humanidades nesse momento do Brasil é bem difícil, afastada do poder. Mulheres sertanejas não são um “bom assunto”. Geram muitos complicadores e obstáculos. Tudo depende também da maneira como você vai construir o texto e arrebatá-lo ao leitor. Estou me lembrando aqui de um exemplo que preparei para falar desse assunto. Há um livro de Chris Kuiper que se chama *The eventmaker: the hybrid art of performing professionals, work-setting rehabilitation*, sobre terapia ocupacional com pessoas que precisavam voltar ao trabalho, mas que apresentavam dificuldade para isso. Traumas, estigmas anteriores e certas dificuldades ainda presentes tornavam muito doloroso falar em entrevistas. O que poderia ser dito permaneceu muito limitado. Nessas condições não se pode fazer uma entrevista formal, ignorando as vulnerabilidades das pessoas. O pesquisador realizou então cinco entrevistas, tão livres quanto possível, e selecionou os momentos mais sensíveis, o que ele chamou de “momentos poéticos”, onde era palpável que os afetos fortes eram expressos em torno das palavras limitadas, que apontavam potencial nível de reflexividade e individuação. Tais momentos poéticos foram levados a um pintor. Esse artista então escolheu um desses momentos e fez uma pintura abstrata a partir de cada uma das entrevistas. Na sequência, ele mostrou a pintura para cada pessoa. Descobrir as pinturas a eles dirigidas, feitas a partir da atmosfera e de um momento poético de sua entrevista, o que por sua vez gerou afetos impactantes. Eles começaram a falar ininterruptamente. O ato de falar foi exatamente o que o processo normal de entrevista estava impedindo e inibindo as pessoas a retornarem à sociedade, a serem percebidas como sujeitos dignos. A

entrevista formal foi marcada pela ausência de vontade, de confiança, de empatia. Mas quando esses momentos foram traduzidos em uma pintura, as pessoas sentiram que poderiam falar sobre suas experiências e esse foi um momento na terapia em que a fala começou a desabrochar. O mesmo vale provavelmente para pesquisas com mulheres empobrecidas, não é só apontar o microfone e esperar que elas façam discursos perfeitos e testemunhos eloquentes. É muito difícil e constrangedor falar em público, sobretudo em situação de pesquisa, porque o pesquisador já se impõe como autoridade acadêmica e cerceia as trocas e os testemunhos.

**Tamires Coêlho:** Um momento para compartilhar, transformador para mim, foi quando eu comecei a conversar com as mulheres sertanejas. Fui diluindo alguns conceitos dentro de situações da vida, e buscando entender o que elas consideravam ser mulher naquele lugar, o que é ser mulher para mim. O interessante é que teve um momento em que uma delas falou: agora você desliga o gravador. E ela começou a refazer as perguntas para mim... me desestabilizou completamente. Como não reagir a isso? É óbvio que reage, e não está previsto. Então, percebi que tenho que aproveitar esses momentos de irrupção que não estão previstos no roteiro da entrevista, momentos poéticos, como você disse. Eu virei a entrevistada e foi assim, inesperado. Permitiu-me vê-la com outros olhos. Ela está ali, na minha frente e não precisa me apresentar uma argumentação formal sobre o que é ser mulher, sobre essas dificuldades de ser mulher, mas ela pode partilhar comigo aqueles momentos, as dificuldades que a gente tem, mesmo em contextos bem diferentes.

**Jean-Luc Moriceau:** A meu ver, é tal momento que importa. A questão é saber se você pode aprender e compreender o que é ser uma mulher nesse contexto, nesse momento do contato... E é importante entender como você está respondendo a esse momento. Os afetos nos convidam a nos colocarmos mais do lado do outro. É difícil, porque você nunca vai ser o outro, mas ser se aproximando dele. Além disso, você pode refletir sobre os seus afetos, sobre as mudanças que operam

em você. Mas o perigo é não entender mais o outro, porque você pode correr o risco de estar falando de modo distanciado ou autocentrado, sem alcançar uma justa posição, esquecendo-se de ouvir o rosto do outro. Há certo equilíbrio a ser encontrado na posição, na voz, na escrita. De alguma forma, a escolha pela perspectiva dos afetos te permite mudar e alcançar, cientificamente, outra perspectiva: se você considerar os sujeitos importantes, será preciso construir o texto de um ponto de vista ético, porque você vai sentir que está se reconstruindo como pessoa. Como tornar isso científico? Eu uso de propósito a palavra ciência aqui, o que costumo evitar, mas que dá confiança para escrever a tese. Ciência não é só racionalidade, mas envolve a capacidade de justificar suas escolhas e opções que te conduziram ao lugar aonde chegou. É vital descrever esse caminho, essas escolhas e todos os elementos sutis que te levaram a mudar seu caminho, a acolher outras formas de palavras, de encontro, porque o que estava acontecendo então te pareceu mais fiel à experiência de ser mulher no Sertão, finalmente mostrar um espírito mais científico do que seguir um método padronizado no qual você sente faltar elementos essenciais. É preciso adequar o que você sente ao que vai dizer, senão corre o risco de não proporcionar aos leitores de seu trabalho uma chance de também mudarem com você. Entendo quando você fica preocupada em como trazer isso para o texto acadêmico... não há fórmula correta para isso.

**Tamires Coêlho:** Eu sei, são os desafios de termos medo de trazer uma abordagem reducionista, de simplificar uma coisa que foi tão intensa e que, às vezes, faltam palavras para descrever.

**Sônia Pessoa:** Mas, a dimensão do texto pode ser também uma reflexão sobre o próprio exercício da pesquisa. O pesquisador pode ser afetado no momento da pesquisa e essa reflexão ser importante para a constituição da escritura e da análise dos resultados. Eu não penso que isso deve ser abandonado ou colocado apenas nas discussões de bastidores ou dos relatos pessoais. Narre com intensidade, promova a intensidade no seu texto. Acho que é a riqueza do seu trabalho e o que o diferencia dos demais. Porque se permitir vivenciar isso, essas transfor-

mações, mas não narrar na tese, vai descartar uma parte que é riquíssima e que foi única. Outro trabalho pode não ter, e se tiver vai ser diferente.

**Jean-Luc Moriceau:** Quero adicionar que tem quatro dificuldades maiores na pesquisa com afetos. Uma nós vimos hoje, que é a abertura ao outro. A segunda é o que vocês acabaram de mencionar: traduzir no texto o que foi vivenciado. É possível, mas há uma série de dificuldades. A terceira é a teorização. Qual teoria usar e como usá-la? E a quarta seria deixar trabalhar isso em você e não chegar imediatamente nos conceitos, deixando o tempo agir. Não trazer imediatamente uma teoria para conduzir sua reflexão. Pesquisar não é somente traduzir numa teoria e exemplificá-la. Como vocês mesmas disseram, é muito importante esse momento de compartilhar, de olhar com olhos abertos, de individualizar. A tese não é somente a tradução de algo que você vai fazer, já previamente traçado como roteiro.

**Isabela Paes:** Respondendo um pouco ao Carlos, e instigada por vocês, eu queria falar da minha tese. Foi muito importante para mim conseguir pensar no meu caminho para a construção de um aprendizado, porque quando estamos no doutorado, temos a angústia de chegar na tese, de elaborar um problema e dizer “essa é a minha tese”. E se eu não tivesse prestado a atenção neste caminho do aprendizado, o que ele foi me revelando, o que me foi fazendo aprender, os momentos de aprendizado sucessivos que vão te levando à transformação, dando consciência de que saímos de um dado ponto, e fomos reconfigurando tudo a partir de tal encontro, de tal teoria, de tal momento... você vai construindo um caminho único, mas poderia ter ido na direção oposta. Então, tudo o que aconteceu foi te levando para outro trajeto, e ter consciência dele é muito importante, pois ao pensar sobre ele, eu tive clareza que já estava em um lento e laborioso processo de aprendizado. Então, se eu pudesse dar um conselho do que foi importante para mim, quando eu não sabia tratar de como construir o texto, eu diria que o tempo, com certeza, é importante. Mas uma reflexão também acerca das mudanças que foram se processando no texto e em mim mesma era vital. Cada mudança de percurso teve um motivo que é fonte de um aprendizado científico. Parte

do trabalho da tese consiste em indicar e pensar criticamente acerca dos fatores que te levam a assumir o risco de mudar de direção. Científico nesse sentido, não é chegar em uma fórmula capaz de ser reproduzida, mas é conseguir reconstruir a trajetória do que aconteceu com você, construindo justificativas organizadas pelo trabalho de tessitura dos afetos. Argumento aqui não é elaboração racional de um proferimento a ser apresentado e defendido como válido. Argumento aqui é a tentativa de encontrar uma gramática capaz de abranger a experiência estética e torná-la compartilhável, e de uma maneira que permite o desdobramento da individuação da pesquisa. Então, te convido a fazer essa análise retroativa, para entender o aprendizado que já está em processo. Cada vez que você muda de caminho é também um aprendizado.

**Carlos Mendonça:** Acredito que os afetos promovem desestabilização. E aqui também é importante mencionar a desestabilização da base conceitual sobre a qual você olha para o fenômeno. Quando eu olho para aquilo ali e falo que é fenômeno mesmo e que não é um objeto, não está recortado, não está fechado, não é algo pronto, porque o pesquisador escolheu e determinou como é que é. O objeto é fenomenológico porque ele chega e te alcança nesse lugar. Então, assim, o que acontece quando o outro te convida e te desestabiliza? Tem alguns eventos na tese que são colocados em questão e que te colocam em xeque. Mas como o afeto aparece na tese? Não dá para transformar a pesquisa afetiva em método. Aí estraga tudo, joga a pesquisa afetiva no chão. Fica a mesma coisa de você estudar outras coisas.

**Camila Mantovani:** Acho que outro perigo na pesquisa com afetos é o rigor, o método científico ser tão forte que não permita ser possível ter essa abertura para o afeto humano. Então, por exemplo, a construção da ideia da empatia está no mesmo lugar da *self recognition*, da identificação. Para gerar empatia, dizem alguns neurocientistas, seria primeiro preciso gerar um processo de identificação, e mesmo que a gente alcance a empatia nos seus níveis mais elevados, há uma restrição biológica de adaptabilidade. Eles afirmam que a gente nunca alcança mais do que 50 por cento, do potencial de identificação com o outro. O máximo é 35

por cento, porque senão a gente se desmancha no outro... quando somos totalmente empáticos. Então, essa resistência mostra que não se trata de um distanciamento científico do lado que a gente já conhece, mas algo mesmo biológico. Quando é muito baixo esse índice de empatia, o outro não se move, certo? E essa dificuldade da identificação, quando você lida com algo que é muito distante, realmente você não consegue ser nenhum pouco empático àquela situação, porque você não se reconhece ali.

**Jean-Luc Moriceau:** Outra coisa que eu queria adicionar, nesse tipo de pesquisa, é a importância de reconhecer os afetos negativos que nos atravessam diante daqueles que são “estrangeiros” e que nos demandam mais do que podemos oferecer. Os afetos não são sempre bons, ao contrário, as pesquisas em ciências humanas lidam com a raiva, o poder, a depressão, o ódio... e com muitos outros elementos negativos que, apesar de tudo, também desestabilizam, desterritorializam e promovem linhas de fuga. Nem todo rosto promove respostas hospitalares e nem todo encontro promove individuação, transformação.

**Ettore Medeiros:** Eu fiquei pensando no caso do pesquisador canadense sentiu vergonha do modo como estava conduzindo sua pesquisa de campo junto a pessoas vulneráveis. Mas e quando a vulnerabilidade vem do próprio pesquisador? Um exemplo é o caso de pesquisadoras de gênero na Bahia que foram ameaçadas recentemente, e como podemos lidar quando o gênero do pesquisador se apresenta como fator de repúdio da sociedade... Quem estuda crimes de ódio com cunho homofóbico, no contexto político que hoje vivemos pode também sofrer violência. Isso me sensibilizou e acho que o seu curso vai me fazer pensar nisso durante a pesquisa.

**Jean-Luc Moriceau:** Os afetos são uma abertura e podem ser bem perigosos para o pesquisador mesmo. É uma questão difícil, porque envolve uma responsabilidade do pesquisador, mas também há um limite no qual ele esbarra: o preconceito social e a violência. A performatividade da escrita pode contribuir a lutar contra uma autocensura

que pode manter o pesquisador insensível, distante. Seria preciso achar um meio termo, que permita o testemunho sem colocar em risco a sua integridade e a integridade das pessoas com as quais você trabalha em campo. Mas não temos uma boa maneira de responder a esse dilema. Certamente é uma questão mais de responsabilidade do que de método. Pode ser que sua tese de doutorado seja justamente uma reflexão sobre essa questão, que já tão complexa e espinhosa em si mesma. Nesse caso é importante pensar também que a tese pode alterar quadros de legibilidade e julgamento das formas de vida. Essa é uma questão de vida e de morte. Lidar com a intolerância, com as ameaças e com a agressividade dos outros pode também ser uma oportunidade de construir um texto que revela o valor das vidas e as injustiças cometidas pelo poder institucional ou pelos arranjos comunicacionais. Traz uma questão bem prática para o pesquisador: eu posso ou não posso falar isso? A pesquisa afetiva vai provocar deslocamentos e requer responsabilidade. Meu conselho é não buscar uma resposta, mas enumerar todos os dilemas éticos enfrentados, refletir sobre eles, mostrar como as dificuldades fizeram com que a trajetória da pesquisa fosse alterada. Garanto que não irá se arrepender!



### ENCONTRO 3

## Dos afetos ao pensamento: mantendo o movimento

Nos encontros anteriores salientamos a importância de considerarmos três etapas importantes da pesquisa que é conduzida pelos afetos: o primeiro movimento envolve a exposição, a abertura e o acolhimento. Diz respeito à disponibilidade do pesquisador para permitir ser deslocado de seus posicionamentos e crenças iniciais a partir de um avizinhamo hospitalero com os sujeitos ou temas que fazem parte de sua investigação. O segundo gesto é a construção de um percurso que valorize e procure a variação constante, o movimento constante, as transformações e reavaliações, pois uma pesquisa não pode contentar-se apenas em representar teorias e conflitos já estabelecidos e normalizados, ela deve procurar os fluxos que permitam alimentar a reflexividade, a desconfiança do que acreditamos saber e a revisão de pontos de vista. O terceiro gesto, conectado aos anteriores, é o trabalho dos afetos e da reflexão, também um desafio à escritura do trabalho de pesquisa, uma vez que é preciso aproximar a escritura da performatividade que transforma o texto não em uma síntese de percurso, ou num relatório (fruto da sistematização de dados organizados segundo a autoridade do

pesquisador) que expõe conclusões sem permitir que o leitor, por sua vez, tenha a chance de elaborar reflexivamente suas interpretações. A escrita performativa tenta preservar o movimento e a variação conquistados na segunda etapa do percurso, convidando o leitor a participar do processo da pesquisa e perpetuando sua potencialidade ética e política.

Essas três etapas intimamente interligadas do processo da pesquisa (do percurso que requer muitas vezes o abandono de certos pontos de referência e da determinação requerida pelo investimento de “estar em pesquisa”) nos revelam como os afetos são importantes para que os pesquisadores sejam afetados, para que possibilitem uma abertura para a autotransformação e para a transformação de todos aqueles que entrarem em contato com as múltiplas fases de elaboração do trabalho. O afeto é acima de tudo aquilo que nos é estrangeiro, misto, indeterminado, irreduzível a um sentimento ou um conceito já identificado e catalogado, e que nos invade, nos inquieta, nos move. Sob esse aspecto, como mencionamos, o pesquisador não deve alimentar o objetivo de procurar reencontrar o conhecimento já estabelecido e sedimentado, negando ou desprezando os mistérios, paradoxos, controvérsias e experiências criativas que emergem em cada fase do trabalho de desenho de sua pesquisa. Uma atenção ao universal é importante, mas não se pode deixar de lado as singularidades. Ao mesmo tempo, o pesquisador deve procurar posicionar-se no limiar, na soleira da porta que separa o que é claro para ele, do que ainda é obscuro, intuitivo, potencial, emergente, contingente, misturado, flutuante, transitório. Para posicionar-se no limiar, ele deve, ao mesmo tempo, preservar distâncias e investir na proximidade, no acolhimento, na escuta, fortalecendo uma responsabilidade ética como base do engajamento na pesquisa.

A questão de hoje está ligada ao segundo movimento, e ele é essencial: como manter vivo, presente, afetando, efetivo o movimento do estranhamento, esse surgimento de um singular toquante e desconcertante, seu potencial transformador do já conhecido, seu mistério desafiando o pensamento, desafiando nossas concepções éticas e políticas? E de uma forma que pode parecer surpreendente - já que o movimento é chave e seu impacto é, a cada vez, singular e sempre um novo desafio próprio - vamos falar do seu oposto: dos bloqueios, freios, encerra-

mentos, enquadramentos, daquilo que bloqueia, pára, ou domestica o movimento demasiado rapidamente.

Se vamos deixar tal lugar ao movimento é porque trata-se de aprender e assim colocar em movimento o que pensávamos saber, pois os afetos têm precisamente tal poder de movimento, de deslocamento e de acolher o desconhecido. Pôr o pensamento em movimento não ocorre porque não há teoria que valha a pena (algumas nos dão certa razão para viver ou para lutar), mas porque nossas teorias, nossas abordagens, nossos conceitos são frequentemente bloqueados em representações ou categorizações familiares. Colocá-los em movimento é deixar espaço e possibilidades para novas construções por vir. Vejo certa afinidade entre a virada afetiva e a desconstrução. Desconstruir, para abrir-se à ética minoritária como menciona Lingis; para criar novos conceitos que envolvem outros modos de existência como aparece em Deleuze; para nos tornarmos sensíveis a certos arranjos que regem nossas existências comuns na globalização e no capitalismo como sugere Stewart; para seguir as múltiplas dobras do mundo e dos seres que, como diz Nancy, são sempre singulares e plurais etc.

### **A crise da representação**

Mas antes disso, e diretamente relacionado com essa questão, gostaria de voltar a um ponto relacionado com as nossas discussões sobre a representação. Já mencionamos anteriormente que a escrita performativa tenta adiar ao máximo o encontro com a representação. Isso deriva em particular de uma origem importante quando a representação, sobretudo na década de 1980, representou um perigo para aqueles que se dedicavam à etnografia: pesquisar a alteridade poderia ser entendido como descrever os hábitos e a cultura de outros povos e comunidades, resultando em uma investigação que “fala em nome de” outros que, supostamente, não podem falar por si mesmos. Tinha ficado muito claro para os etnógrafos que criticam a representação, inspirados pelo pós-estruturalismo, que a representação é elaborada em um contexto cultural, histórico, social e político específico, e que há outras dimensões que atravessam sua produção, como questões de gênero, raça, classe e

até mesmo constrangimentos acadêmicos e institucionais. Eles queriam acessar o “ponto de vista nativo”, mas percebemos que, através da representação, este ponto de vista era amplamente controlado pelo mundo etnográfico (majoritário).

Isso nos leva a indagar: quem tem o direito de falar em nome de quem? Pode o pesquisador assumir uma voz autoritária e monológica, desconsiderando a sintaxe própria e os conceitos daqueles que participam de seu percurso de observação e estudo? O etnógrafo não pode ser visto como apenas um autor, um narrador que evoca e ressoa os “dados recolhidos” em campo. Afinal, ele está envolvido em um gesto de inventar maneiras de envolver participantes e leitores, procurando entender os processos e transformações que vivencia. Dito de outro modo, ele opera mais pela *poiesis* do que pela *mimesis*. Tais reflexões estão diretamente ligadas ao modo como o próprio pesquisador se posiciona acerca do efeito político e ético de suas representações.

Considerando esse pano de fundo brevemente apresentado, retomo aqui a ideia de que a escrita performativa é uma alternativa à representação elaborada de forma hierárquica, trazendo para o centro das atividades do pesquisador a reflexividade e os afetos. Ontem mencionamos a possibilidade de iniciarmos o encontro de hoje com a apresentação de dois textos que tomaram esse modo de escrita como guia para a construção de um relato político-afetivo. Agradeço à professora Sônia Pessoa e ao Gabriel, estudante de pós-graduação em educação que integra o Observatório da Juventude da FAE, que se dispuseram a fazer uma apresentação de seus trabalhos e discuti-los conosco. Não se poderia falar em hospitalidade sem acolher em nossos encontros outras vozes e outros rostos.

### **Acolhimento 1: cuidado, diferenças, deficiências**

**Sônia Pessoa:** O texto que apresentarei a seguir mostra um pouco das pesquisas e das experiências que estamos desenvolvendo no Grupo de Pesquisa Afetos e no programa de rádio que nós fizemos recentemente para a Rádio Terceiro Andar. Não é um texto teórico, mas está

permeado de algumas questões que vêm sendo discutidas nos encontros anteriores. Espero ter fôlego para chegar até o final dele.

Entreí correndo no quarto para ver meu pai passar os últimos meses internado em um hospital, em Brasília. Com múltiplas fraturas na perna, após ter pulado em um rio para salvar uma vaca que estava presa e morreria afogada. A vaca foi salva. A perna esfacelou-se ao colidir com uma pedra enorme. Tinha sido estranho ficar tantos meses sem vê-lo. Paracatu é uma cidade do noroeste de Minas que fica a pouco mais de 200 km de Brasília, e não tinha hospitais capacitados para atender o caso dele. Mas estranhamento mesmo eu tive, quando o vi engessado até a cintura, imóvel na cama. Rapidamente, tentei desfazer a cara de espanto, de tristeza, de sem graça, de medo. Eu tinha sete anos. Todos os movimentos audaciosos que tinha aprendido e dos quais me orgulhava, porque nenhum irmão sabia fazer igual, tinham sido ensinados por ele: subir em árvore, pular muro, saltar de cachoeiras enormes, galopar no cavalo, correr atrás das galinhas e dos irmãos, obviamente. Era difícil pra mim naquele momento, vê-lo daquele jeito. Não sabia direito o que fazer. A melhor ideia que me ocorreu naquele momento era pensar: “como é que vou fazer para me tornar útil ao meu pai?” A resposta que encontrei foi que eu podia ser o movimento do meu pai. E assim foi: nos meses seguintes eu emprestava meus dedos, bem pequeninhos, fininhos, a ele. Os dedinhos entravam dentro dos gessos e coçavam os dedos dele. Eu corria para buscar água, comida, o cigarro... e me desdobrava para alcançar cada objeto que ele não conseguia. Quase trinta anos depois, meu filho, ainda bebê, diagnosticado com tumor cerebral e hidrocefalia, tinha musculatura bem frágil, chamada hipotonia. O cérebro não reconhecia determinados movimentos, a menos que tivesse uma repetição e uma imitação por incontáveis vezes. Era preciso fazer junto, colar, literalmente, um corpo no outro. E juntos, colados, nos arrastamos pelo chão, engatinhamos, sentamos, levantamos, caímos, aprendemos a andar, a correr, a nos mover. Às vezes, o cérebro dele tinha lapsos, esquecia como fazer. Recomeçávamos tudo de novo. Foi assim durante muitos anos, como se parte do meu corpo, emprestada ao corpo do meu filho, fosse também o movimento dele... ou a inspiração do movimento, ou o ensinamento, ou o aprendizado do movimento, ou tudo isso junto. Ou talvez

nada disso, porque essa era a minha sensação e eu não sei se era a dele. É como, talvez, assim... o modo como eu fui afetada por esse movimentos que não eram meus, mas tampouco eram só do outro. Nesse percurso de mãe de criança com deficiência, de blogueira, de professora, caminhei para uma tese que tinha como foco os discursos das pessoas com deficiência em redes sociais. Eu não tinha leitura sobre o tema dos afetos e suas configurações teóricas, mas, de algum modo, algumas inquietações me diziam o tempo todo que eu precisava trazer os afetos para a tese, eu precisava trazer as minhas narrativas de vida para a tese e, ao mesmo tempo, eu precisava problematizar, como epistemologia, tudo isso. Mas eu não tinha certeza de nada. Na verdade, eu tinha muitas dúvidas, muitas inquietações. A única certeza que eu tinha era a de que pessoas com deficiência precisavam estar na tese, não como sujeitos recortados, não como sujeitos retirados de seus ambientes, seja digitais ou físicos. Mas precisavam estar ali numa parte que chamei de colaborativa, em que essas pessoas com deficiência se fotografaram, e escreveram sobre seus próprios imaginários sobre a deficiência. Era uma tentativa mínima de respeitar o lema das pessoas com deficiência que é: “nada sobre nós, sem nós”. Em 2017, a professora Camila Alves Mantovani, eu e a nossa colega Regiane Lucas Garcês, fundamos o Afetos, grupo de pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Mobilidade. Esse foi um movimento de engajamento acadêmico, mas também político, certamente. Mas um movimento também para que a presença das pessoas com deficiência seja voz, rosto corpo. Seja tudo isso. Mais do que isso, seja o que a gente não consegue definir e categorizar nas nossas pesquisas. Nós não desejamos apenas sujeitos a serem pesquisados, recortados, analisados. Desejamos que nos ajudem, construam junto conosco pensamentos que nos sacudam, e que tragam visadas que nos provoquem. E os afetos se movem rapidamente, não é? Espalham-se, estão entre nós, encham essa sala, encheram o auditório outro dia, trouxeram o Jean-Luc lá da França, e a gente, junto, caminha com discussões diversas. E, nesse caminhar, a Camila trouxe estudos de mobilidade para as reuniões do Afetos, onde as pessoas com deficiência participam das discussões, são parte efetiva do processo. Em um desses encontros, um participante com deficiência visual nos provocou. Ele disse assim: “Mas, afinal, essas reflexões estão muito centradas no discurso. Quando é que elas vão dar

conta da vida real, do mundo da vida?” E aí, tudo isso mexeu muito conosco. Chegava a última reunião da pauta da disciplina que produz conteúdo para a Rádio Terceiro Andar e nós já havíamos tratado de temáticas sensíveis (como o suicídio e a cura gay), na perspectiva de pessoas que já tinham sido afetadas por esse tema. Mas eu gostaria de falar sobre pessoas com deficiência na Rádio. Ou melhor, eu gostaria que pessoas com deficiência falassem, assim como experimentamos com pessoas LGBT. Naquele momento, Camila estava em Lancaster, na Inglaterra, em uma conferência sobre mobilidade. E o movimento de comunicação que nós conseguimos fazer era entrecortado pelo whatsapp para articular uma participação no livro *Brazilian Mobilities*, a ser publicado em 2019. A partir da noção de “mobile utopia” refletimos sobre valores humanos, mobilidade e empatia, assumindo o desejo de um mundo com uma mobilidade que seja para todos, que seja possível, em que todos se movam de forma livre. A ideia era a de que os estudantes daquela disciplina que eu ministrava experimentassem a deficiência, ou a vivência de pessoas com deficiência, a partir do conhecimento dessas pessoas, da troca, da conversa e, principalmente, do ouvir e do perceber como essas pessoas se movimentam cotidianamente. Então, sempre discutindo com os estudantes, decidimo escutar essas pessoas e perceber o que elas gostariam de partilhar conosco. E muitos movimentos foram necessários para que isso se concretizasse. Primeiro, tínhamos que identificar essas pessoas com deficiência em sua rotina pelo campus, para nos aproximarmos de algumas delas de modo a explicar o projeto e convidá-las a participar. Não é uma abordagem como outra qualquer. Foram vários tipos de aproximação, de tentativa, de recusa, de timidez, de encontro com pessoas que não se reconhecem como pessoas com deficiência, pessoas que não exercem a deficiência como questão a ser considerada cotidianamente no âmbito do direito, e pessoas que se recusaram a dar entrevistas. Foram várias tentativas de aproximação, de convencimento, a partir da abordagem das propostas das entrevistas, de convencê-las a participar, de convencê-las a gravar, a gravar em áudio, a gravar em vídeo, a gravar em foto, a possibilitar que a gente conhecesse a experiência dela do modo como elas gostariam que nós conhecêssemos, e também que elas se deixassem mostrar, e que deixassem mostrar a sua própria deficiência. Algumas não quiseram ser fotografadas ou filmadas,

apenas gravadas em áudio. No teaser do programa, alguns estão falando sobre a própria deficiência, e outros estão falando sobre os movimentos, sobre o deslocar-se com deficiência. Nosso intuito era produzir uma reflexão, para pensarmos essa experiência a partir das discussões dos Afetos, mas também para pensarmos na vida cotidiana, nas nossas pesquisas, independentemente das temáticas com as quais trabalhamos. Para uma sociedade que é majoritariamente formada por pessoas sem deficiência, perceber que a mobilidade dos cerca de quase 46 milhões de brasileiros, ou seja, 24 por cento da população brasileira que tem deficiência, merece um olhar acolhedor nos seus deslocamentos, têm direito à liberdade, à autonomia, e à felicidade, como Camila Mantovani destaca em seu trabalho sobre a utopia. É preciso que a hospitalidade e o acolhimento estejam em nossas ações ordinárias, mas também em mundos pensados para o outro, que é estranho a nós, por ser diferente de nós, por ter talvez um corpo que escape àquelas dimensões estetizadas, idealizadas para transitar sem barreiras e que nos desperta afetos apenas positivos. Pelo contrário: esse outro diferente nos desperta afetos diversos, mas muitas vezes não quereremos reconhecer. Por isso, nós, como pesquisadores, especialmente nós, do Grupo de Pesquisa Afetos, entendemos que o reconhecimento e o assumir de uma dimensão afetiva na pesquisa, faz diferença para o tipo de pesquisa que, se não dá conta de problemáticas tão desafiadoras como essa, pelo menos nos oferece pistas, certo alento, para garantir que o nosso engajamento continue e que a gente pense em modos mais afetuosos de pesquisar.

Obrigada!

**Jean-Luc Moriceau:** Não sei bem o que dizer depois dessa apresentação. Não posso comentar, porque não posso reduzir o que foi performado com tanta intensidade. Como traduzir em linguagem teórica o que acabamos de presenciar? Esse é o problema sobre o qual discutiremos depois. Não posso deixar de mencionar, contudo, que o que experimentamos aqui se refere à reflexão de Derrida acerca da tradução. A tradução, segundo ele, não se resume a trazer o sentido de uma língua até outra língua, mas de elaborar um jogo de palavras que funciona como

a invenção de um intervalo no qual duas línguas se encontram. Trazer linguagens para habitar um “entre linguagens” não equivale a somente a estabelecer uma equivalência entre uma língua e outra. Mesmo porque há equívocos inevitáveis nesse jogo. Um equívoco não é um erro, uma inaptidão a encontrar significados adequados a significantes desconhecidos, mas a reiteração de que compreensões do mundo não são necessariamente as mesmas, e que mundos reais que estão sendo vistos sempre a partir de lugares distintos. Como Deleuze, gosto de pensar acerca do que se passa nos intervalos, nas brechas e linhas de fuga que atravessam e costuram, sem suturá-los, diferentes jogos de linguagem.

A linguagem dos afetos e a linguagem da teoria não têm que dizer a mesma coisa, mas sim realçar um ao outro, acrescentando mais sabor, profundidade e multiplicidade. Não é uma questão de recodificação de um sistema para o outro, mas que as correspondências e confrontos entre os dois produzem efeitos de significação e novas questões, um entendimento adicional ou um movimento em nosso entendimento comum. Por isso, a tradução é algo que se inventa “entre”. No âmbito da pesquisa, a tradução é necessária, mas a articulação entre o experienciado e a escritura, como vimos, é bem difícil de achar. No segundo momento de nosso encontro de hoje, vou retomar a relação entre reflexividade e estrutura. Contudo, estou interessado agora em pensar com vocês acerca de como garantir que aprendemos algo ao realizar uma pesquisa centrada na experiência dos afetos, de um movimento de “estar em pesquisa” que desafia formas mais simples de narrar o vivido, impulsionando mudanças de pensamento e de caminhos a serem trilhados.

Vamos acolher, na sequência, a apresentação do Gabriel.

## **Acolhimento 2: Experimentar diversidades e saberes locais**

**Gabriel Santos:** Pessoal, boa tarde! Então, deixa eu apresentar esse corpo estranho que está aqui no meio de vocês, já familiarizado. Eu sou Gabriel, estudante de mestrado da Faculdade de Educação (FAE), do primeiro ano. Sou formado em Filosofia, atualmente eu estou envolvido com os estudos de Juventude. Sou professor também de Filosofia, e especificamente estudo a relação entre a juventude do ensino médio, ciência e afetividade, especialmente na procura por entender o modo como a

juventude da contemporaneidade produz saberes locais e como afetos são gerados nas relações múltiplas de jovens com as múltiplas formas de conhecer também. E hoje, sob esse recorte, eu vim partilhar brevemente uma experiência que a gente tem desenvolvido em um programa de extensão do qual eu faço parte, o Observatório da Juventude. Muitos de vocês, provavelmente, já ouviram falar, pois o Observatório é um programa que existe há mais de 10 anos na Faculdade de Educação, nasceu, foi gestado, a partir das pesquisas do professor Juarez Dayrell, das Ciências Sociais. O Observatório é um programa de pesquisa ensino e extensão, mais focado nos estudos sobre as múltiplas práticas de jovens na contemporaneidade. Um dos objetivos é saber de que modo podemos nos relacionar com essas práticas, de forma a entendê-las, e pensar em novas possibilidades para o currículo educacional e para as múltiplas maneiras de promover educação não formal também. E o que eu vim partilhar com vocês aqui hoje, pegando o gancho da contribuição, que muito me tocou, da professora Sônia – pois acho que tem ressonâncias também no que a gente tem feito lá – é uma experiência que foi resignificada este ano, no grupo de estudo de juventudes e culturas. Nesse grupo temos um modo um pouquinho diferente de pensar diante dos outros grupos da universidade. Trata-se de um grupo aberto, não só à comunidade acadêmica, mas também a coletivos e movimentos sociais da juventude de Belo Horizonte e de outras partes do país. Esse encontro é mensal, acontece geralmente, em espaços diferenciados: fora na FAE, quando a gente precisa de alguns recursos e, se na Fae, ocorre fora das salas de aula, ou no jardim de mandala, ou no jardim externo da FAE. Acontece também em lugares significativos para a juventude de Belo Horizonte, como o Centro de Referência da Juventude, ou alguma ocupação urbana, ou mesmo um teatro. Fazendo um recorte para essa discussão de afetos, posso dizer que, em agosto, nós realizamos um encontro formativo, reunindo lideranças de coletivos de Belo Horizonte, região metropolitana, para discutirmos as relações entre participação política juvenil, afetividade e educação. E o tema desse encontro, vamos dizer assim, foi “circuitos de afetos, espaço público e educação”. Pensamos a cidade como currículo e seus modos de atuação na produção de corpos políticos e saberes potentes. Essa imagem do difusor é proposital, é de

um ativista muito importante, o Ed Marte, que já é parte da cultura de ativismo queer de Belo Horizonte. Dando prosseguimento, eu queria só destacar que, nesse encontro, a gente levou duas pistas para mobilizar o pensamento, dois disparos, vamos dizer assim. Primeiro, foi uma noção um pouco mais alargada de currículo. Os estudos curriculares no Brasil começaram na década de 1990, com duas pessoas importantes - Sandra Corado e, mais tarde, o Tomaz Tadeu da Silva. Lá no Observatório a gente tem tentado pensar o currículo não apenas como grade curricular ou conjuntos de conteúdos escolares com os quais a lidamos no nosso cotidiano como professoras e professores, mas, com a ajuda da perspectiva pós estruturalista e dos estudos culturais, pensamos o currículo de uma forma um pouco mais ampliada. Abordamos o currículo como artefato cultural que produz saberes, ideias, práticas coletivas e culturais, sujeitos que existem, vivem, afetam-se por toda uma sorte de acontecimentos, no lugar em que os sujeitos sofrem, alegram-se, em um mundo que se estrutura por uma complexa rede de relações de poder. Então tentamos pensar o currículo como um artefato e, nesse sentido, podemos pensar em múltiplas práticas que realizamos em nossa militância, práticas acadêmicas, que são “curricularizáveis”, vamos dizer assim. E lá temos pensado no facebook e nas redes sociais como currículos. Temos pensado plataformas como o Youtube enquanto currículo, enfim, temos pensado, por exemplo, a própria nudez de jovens que fazem self, por exemplo, como currículo. Temos pensado, inclusive, a própria cidade como currículo, porque cidades são artefatos, são criações humanas que ensinam, que demandam certo tipo de sujeitos, certo tipo de saberes, certo tipo de espaço. Então, queremos pensar o currículo como um artefato cultural, que produz uma série de efeitos sobre os sujeitos e, especialmente, um currículo como algo que demanda e que ensina certo tipo de sujeito. Um outro disparo, para terminar essas pistas breves, é um conceito que perpassa aqui as nossas discussões, que é o conceito de experiência e, particularmente, de experiência de si. Lá, com as lideranças, tentamos pensar a partir dos relatos de experiências desses sujeitos que estão em diferentes práticas de políticas juvenis. Queríamos ver como seria possível alargar e ressignificar o conceito de experiência a partir de nossas praticas políticas e coletivas, seja em relação ao gênero,

ou a reivindicação pública por ocupação urbana, ou a reivindicação por políticas da juventude. Então, que pistas para entender a experiência a gente disparou lá? Fizemos o que chamamos de transa conceitual, entre Benjamin, Jorge La Rosa, e Foucault. Não podemos nos esquecer de que, mesmo indiretamente, Foucault pensou a experiência partindo da valorização do presente e dos nossos modos de nos relacionarmos com o presente, entendendo como aquilo que nos perpassa, atravessa – e que muitas vezes é irrepetível – configura incertezas, ou seja, a abertura para o devir, para afetações possíveis. Pensar experiências também como uma forma de possibilidades de não sermos mais as mesmas e os mesmos, a partir do deslocamento da subjetividade que outrora a gente forjava sobre nós. Ou seja, a partir do deslocamento de um modo de vida que assumíamos. Então, a partir dessas duas pistas, realizamos esse encontro em dois dias, em duas tardes. Em uma delas a gente sempre produz fotos, divulga nas redes sociais. Especificamente nesse encontro, escolhemos como material, além das questões teóricas, uma experiência coletiva concreta, que foi a experiência do Coletivo Toda Deseo e, de modo mais amplo, a produção cultural da Gaymada, tendo como participação o Rafael, que estava conosco, relatando suas experiências, e problematizando como o nosso espaço público é – pegando o gancho do que a Sônia nos trouxe –, um lugar de normalização corporal, e também da distribuição de corpos que importam, em detrimento de corpos que não importam, de acordo com os padrões dessa normalização. Então, quando tomamos como objeto específico os sujeitos LGBT e a discussão de gênero, tentamos mostrar, através dos relatos, e do vídeo que nós vamos ver agora, como essa produção cultural da Gaymada, as afetações que foram produzidas lá, o modo como os saberes foram fabricados entre os sujeitos, constituíram a Gaymada como um currículo. Um currículo que fazia com que pessoas de diferentes lugares, de diferentes originalidades de geografias, aprendessem sobre seus corpos, sobre seus direitos. Aprendessem que seus corpos enquanto gays, lésbicas, trans, travestis, ou queers, têm uma importância e que a afirmação ou o simples fato de estarem na praça jogando bola, já é uma afirmação de si, e a defesa de um estilo de vida que afronta um padrão de normalização. Então, não vou falar muito, vou deixar que eles mesmos falem de si, vou mostrar

então, primeiro, o vídeo que nós produzimos, para o Festival de Verão da UFMG.<sup>1</sup>

Bom, quando assistimos a esse vídeo, ficamos sabendo, pelo Rafael, que a partir da experiência de Belo Horizonte, que começou ali, há pelo menos dois anos atrás, São Paulo também comemorou em 2017 um ano de Gaymada. No vídeo que elas produziram, que está no Youtube assim com esse, elas começam falando que a Gaymada foi fruto da afetação a partir da participação no carnaval aqui de BH, pois houve, no bloco da Devassa, um episódio de Gaymada. Assim, é importante ver como essas reverberações das práticas culturais desses sujeitos multiplicam outras práticas, com outros sujeitos, outras histórias, e isso também faz parte desse circuito de afetos que o espaço urbano é capaz de produzir. E aí, nessas partilhas todas, tentamos guardar algum tipo de registro dos nossos encontros formativos. E lá, tínhamos o pessoal do Sarau de rua, o pessoal da Toda Deseo, da ocupação Izidora, entre outros. São diferentes práticas. Pedimos, então para o filósofo Oliver Lucas, que é poeta, e para o Igor, que estuda ocupações, para eles produzirem um momento de registro dos afetos que foram gerados em nós a partir dos vídeos e dos relatos de experiências. E aí foi proposto a cada uma e a cada um elencar cinco palavras que pulsavam no coração a partir dessa experiência formativa. Assim, a partir delas, tínhamos que escrever alguns versos. Depois trocamos esses versos, disponibilizamos na página do Observatório da Juventude no Facebook, e espalhamos, multiplicamos esse registro. Então, eu separei só três aqui, pra gente também fazer essa experiência visual, oral, de nos atravessarmos por essas palavras também, carregadas pelos afetos que nós produzimos em agosto. Então, quem pode ler pra nós? Ou declamar, se quiser?

**Vanessa Brandão:** Eu posso!

“Parei na INQUIETAÇÃO  
Fui AFETADO  
O NOVO e o VELHO

---

<sup>1</sup>Apresentação do vídeo disponível em <https://youtu.be/yvb6mxyOx0g>

Movendo OLHARES  
Na mesma jangada  
Não encontrei ‘peri’ na estrada  
e voltei para buscá-lo  
não se vence a guerra isolado”  
(Lucas Oliver – Nossa Sarau)

“Que nos reconheçamos enquanto MULTIDÃO,  
Buscando através da EXPERIÊNCIA individual  
E coletiva vencer o DESAMPARO em um  
Continua processo de AFETO PÚBLICO”  
(Nivea Sabino – Fórum das Juventudes)

“Resgatar a MEMÓRIA para viver a  
ATUALIDADE, sempre na PERSPECTIVA de  
Acolher as DIVERSIDADES de afetos, histórias  
e MÚLTIPLAS IDENTIDADES”  
(Rafael Silva - Toda Deseo)

**Gabriel Santos:** Obrigada, profa. Vanessa! Bom pessoal, então essa foi a nossa experiência, a partir de uma composição de experiências de círculos diferentes, contextos e práticas culturais. O que ficou mais forte foi perceber isso, como o nosso espaço urbano pode ser um conjunto de circuitos de afetos e como os nossos afetos se relacionam com a maneira como nós somos atravessados pelos diferentes artefatos culturais. Isso influencia no modo como agimos politicamente, como nos construímos e nos produzimos enquanto corpos, e transcorpos políticos. Então, é isso! Muito obrigado por esse espaço.

### **Quatro freios para o movimento gerado pelos afetos**

**Jean-Luc Moriceau:** Obrigado por essa apresentação que faz reverberar a questão que nos reúne nesses quatro encontros: como deixar-se afetar? Como deixar o afeto trabalhar e como mantê-lo atuante em nossas reflexões e nossa escrita? Muitas pressões e regras vão tentar impedir essa pulsão de movimento e de transformação dirigida pelos

afetos. Eu diria que existem quatro elementos que podem ser identificados como forças contrárias à ação dos afetos: a) uma determinada visão da pesquisa, ou seja, um formato a ser alcançado para cumprir requisitos; b) uma ênfase nas representações, ou o fato de nós buscarmos e quereremos produzir representações; c) uma visão dos papéis e dos lugares a serem elaborados para os sujeitos de pesquisa (podemos nos lembrar aqui da noção de partilha do sensível, de Jacques Rancière); e d) a ausência de um pensamento da individuação.

Gostaria de lembrar que, com relação a esse quarto elemento, a individuação não se refere somente à singularidade que distingue um sujeito do outro. Ela é um processo comunicacional que nos mostra como os indivíduos não são entidades fixas, mas estão em constante transformação e devir dentro de relações intersubjetivas situadas. Uma individuação deriva do gesto de elaborar, de criar uma nova subjetividade (singular e coletiva) a partir das transformações em curso. Dito de outro modo, o processo de individuação resulta das tensões e conflitos evidenciados pelos hiatos entre o “aparecer” do sujeito autônomo e o lugar imposto à ele por narrativas e expectativas consensuais e hierárquicas.

No caso do pesquisador, a construção da individuação se dá junto aos colaboradores da investigação: que se esclarecem reciprocamente sobre dúvidas, exploram as várias ambivalências de suas percepções, identificam tensões e poderes, sempre negociando respostas, articulações e possibilidades. A presença dos afetos em processos de individuação que transformam a pesquisa se relaciona majoritariamente com o trabalho realizado junto com os sujeitos, e não apenas sobre eles. É importante responder eticamente às suas demandas e presenças, sair de si mesmo para abrir-se ao outro e à sua história, pois esse é o caminho – ainda que mais complicado – para a autotransformação e para uma quebra de expectativas com relação aos passos iniciais da pesquisa.

### **Freio 1: uma visão sobre a pesquisa**

Com relação ao primeiro “freio” imposto aos afetos, a visão da pesquisa, podemos reafirmar o distanciamento entre a importância que os afetos possuem na vida ordinária, e sua localização periférica no agir dos pesquisadores, que teimam em afirmar uma racionalidade desti-

tuída de afetos. Não haveria, assim, sequer a possibilidade de considerar uma racionalidade afetiva agindo na produção de textos acadêmicos. É possível entender essa recusa, uma vez que existe uma enorme pressão para que nossa produção acadêmica siga formatos habituais e só deve ter como ambição máxima preencher pequenas lacunas (“*gaps*”) em abordagens teóricas já consolidadas. Como colocar movimento no pensamento, estar atento ao que não é a única repetição do mesmo, se quase tudo já está fixado, determinado, a ser estabelecido com uma sólida certeza? Parece que todo o esforço empreendido resulta em apenas trazer um pequeno acréscimo a um conjunto já assentado de teorias e paradigmas, como se devermos comprovar uma verdade. Não nos abrimos ao novo, ao intuitivo, ao contingente, ao que é misterioso, aos paradoxos e aos detalhes controversos. No geral, o mais importante é exibirmos que mantemos uma distância segura entre o que percebemos e o conjunto de ferramentas que utilizamos para apreendê-lo. Manter-se aberto aos afetos não é uma das metas da pesquisa, mas sim a objetividade e o rigor. Tal ideia de pesquisa marcada mais pelo distanciamento do que pelo engajamento do pesquisador é, assim, um obstáculo à perspectiva afetiva. Os afetos não deveriam afetar os edifícios pesados e sólidos do pensamento. Os afetos seriam pré-acadêmicos, a serem dissecados *post-mortem*, antes de entrar na pesquisa.

## **Freio 2: a primazia das representações**

O segundo obstáculo aos afetos na pesquisa é a ênfase excessiva na produção de representações. Reforça-se a ideia de que o conhecimento é uma representação. É possível dizer, como lembrei no início deste encontro, que havia um movimento bem interessante nos anos 1980, que contestou a etnografia como representação, que afirmava que sua especialidade durante muito tempo era entendida como produção de representações, mas que isso levantava um conjunto de problemas políticos e epistemológicos. Na pesquisa em Ciências Humanas tornou-se uma grande preocupação o gesto de não falar descuidadamente pelo outro, especialmente não pretendendo saber o que o outro está pensando, o que ele precisa e o que ele quer dizer. Com demasiada frequência, o que escolhemos falar sobre os outros é algo que não necessariamente os

representa. Decidimos os tipos de representações que consideramos que melhor descrevem as pessoas sobre as quais estudamos, tentando falar no lugar delas. Contudo, essa é uma posição política que não podemos continuar a ocupar: um lugar que não preserva o outro, uma vez que sempre vamos falar a partir de um lugar acadêmico, e que tem suas próprias regras e preconceitos.

Há muitas questões políticas envolvidas no processo de elaboração e escolha de representações como, por exemplo, quem tem o direito de falar em nome de quem? A voz do pesquisador, autoritária e muitas vezes monológica, poderia alcançar legitimidade para falar em nome de alguém? Os etnógrafos vão buscar outras maneiras de apresentar, de representar, de evocar os outros. Especialmente, a virada anti-representacional na etnografia foi uma virada sobre os textos: o pesquisador é um escritor e a tarefa do escritor é escrever. Quero dizer que a maior part da pesquisa vai ser feita no próprio texto.. A escritura não é reflexão que vem depois do encontro: ela é justamente onde a pesquisa vai estar. O etnógrafo, sob essa perspectiva, é apenas o narrador que vai evocar a cultura e reverberá-la, criá-la em narrativas. Esse momento foi a crise da representação, o momento em que o texto acadêmico passou a não ser mais a soma de representações. E o texto começou a ser mais uma *poiesis* do que somente uma mimese, sobretudo porque o pesquisador passa a refletir mais detidamente acerca do efeito político de suas representações.

A representação foi criticada como exercício de poder, exercendo uma forma de controle sobre as percepções e modos de legibilidade do mundo. Para Gilles Deleuze, a representação ocasiona um bloqueio do pensamento: ela impede o movimento, impõe fronteiras, cristaliza os devires, exclui o nômade, prescreve uma ordem, define identidades e lugares, é um elemento de poder que reprime as forças que querem eclodir em seus interstícios. A representação está ligada, segundo Deleuze, a um mundo estático, ordenado, hierarquizado, que não pode captar as forças dionisiacas das diferenças e repetições. É como se ela bloqueasse os acontecimentos, os encontros, as reterritorializações e linhas de fuga.

Deleuze trata politicamente dessa questão ao enfatizar os devires, as vivências, as possibilidades de transformação e afirmação das diferenças, em detrimento da representação. Segundo ele, na representação não sobrevivem as diferenças, nem as diferenciações. Acontecimentos, encontros, linhas de fuga são devires impedidos pela representação. *Diferença e repetição* é, assim, um livro contra a representação. Todo o livro é sobre isso. E, o que fazer para preservar a diferença? Segundo Deleuze, o primeiro movimento, é se deixar afetar. Ele afirma que quando temos uma representação, não estamos em contato, em relação com o que está acontecendo. O pensamento não pode abarcar a diferença, a singularidade, as forças emergentes e em desenvolvimento de seu potencial. A ideia aqui é a de experimentar o contato bruto, o contato direto, sem mediação física e também sem mediação pela representação. É uma crítica que ele faz a Hegel, ao revelar como uma representação contraria outra representação, e vai ligar-se a uma terceira representação. Nesse processo, não se encontra algo diferente do que existe no começo, não há criação. Vai existir apenas um elemento, um outro elemento, e, como uma operação mágica, você vai chegar a um terceiro elemento. Mas esse tipo de associação não nos permite encontrar as forças obscuras e perigosas do mundo, as vibrações, rotações, torvelinhos, gravitações ou saltos que alcançam diretamente o espírito.

Deleuze experimenta o contato sem mediação e procura esses saltos e redemoinhos que desafiam o poder. Sob esse aspecto, a representação é uma defesa contra o perigo, contra os devires, contra as inquietações do mundo, contra os afetos. A representação mantém as distâncias, reitera as hierarquias e as ordens majoritárias. E se o pesquisador mantiver a distância, não vai ser afetado realmente. A abertura é perigosa, certo? A diferença é algo bom, mas perigoso, porque nos coloca diretamente em contato com a natureza, a história, com uma linguagem que fala antes das palavras, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes dos personagens.

As forças que sustentam os devires não podem ser facilmente apreendidas e não dependem de nossas decisões. São forças que vêm antes da individuação. Quando experimentamos com pensamentos, com encontros e com a criação de leituras em movimento, deslocamos um

elemento de poder, fazemos gaguejar o que é majoritário: tudo tem que se reorganizar, porque a representação não consegue mais dar conta do movimento e da transformação. Se acionarmos o exemplo do teatro, podemos perceber que se removermos o rei e a rainha todas as personagens vão mudar, assim como a relação que possuem entre si e que sustenta a história. Isso ocorre porque a representação sempre garante o equilíbrio que impede todo o movimento. Um problema político como esse da representação em crise é sempre um problema de pesquisa. Deleuze faz com que ele seja também um problema filosófico de relação com o mundo.

Foucault também mostrou como o pensamento representativo funda uma ordem política fundada em verdades a serem constantemente reiteradas. Essa é uma das principais reflexões feitas em *As palavras e as coisas*. Ele critica a ideia de que quando representamos algo do mundo, todos poderiam e até deveriam ver a mesma coisa. Ele também critica, sob esse aspecto, que não existe um lugar privilegiado a ser assumido por aquele que tece a representação, buscando que ela seja objetiva, que seja livre de tudo, dos atos políticos e das crenças sociais. Nos séculos XVII e XVIII, acreditava-se na objetividade e na verossimilhança da representação. Sabemos que essa concepção não é mais aceita, exceto na pesquisa. No mundo acadêmico ainda encontramos que pense que uma representação não somente é uma forma “normal” de construção da pesquisa, mas seria a única maneira de fazer ciência. Felizmente, essa crença não é aceita em todos os lugares.

Podemos também encontrar na obra de Jacques Rancière uma reflexão potente sobre a arte e sua relação com a representação. Ele traça uma clara oposição entre o regime representativo (que atribui lugares, tempos e papéis para os sujeitos; mas que também ordena o mundo via articulação hierárquica de causas e efeitos) e o regime estético (que confere liberdade ao espectador para se relacionar com as artes e com o mundo sem um roteiro prévio definido). Assim, o regime representativo é consensual, enquanto o regime estético é dissensual e traz de volta a possibilidade de reconfigurar o sensível, ou seja, de alterar as formas de inteligibilidade e legibilidade por meio das quais percebemos o mundo e os outros. De modo geral, no regime estético o esforço do artista se

desdobra em dois movimentos: no primeiro ele busca um contato mais bruto com as situações e acontecimentos (veremos como isso se dá mais adiante, quando mencionarmos o teatro), e não somente contar uma história, dar uma representação. O segundo movimento demanda um jogo com códigos e referências, na busca de uma maneira de endereçar a obra ao público, de construir um efeito de presença, e também de jogar com todas as regras da representação para inventar novas maneiras de afetar, novas maneiras de atrair a atenção. O leitor ou espectador não é o observador passivo de uma representação, ele é convidado a trabalhar para co-criar o sentido.

Gostaria de salientar que os espaços nos quais tecemos nossas relações, sejam eles institucionais ou não, são produções criadas na prática: não existem previamente e não produzem sempre o mesmo. No caso da pesquisa, podemos dizer algo parecido: uma investigação é um processo de criação em movimento e não uma simples adaptação de percursos já trilhados. Nossas pesquisas chegam a momentos em que tecemos conexões com ideias, histórias, enunciados, trazendo outras possibilidades narrativas. Esse processo de montagem e sistematização é necessário para compreendermos a pesquisa e seu percurso metodológico. A pesquisa não é a representação final que entregamos com o término da escrita: ela se constitui a partir de todos os processos comunicacionais e afetivos que nos instigam a nos engajarmos com as intensidades e forças das experiências sensíveis nas quais estamos mergulhados. A pesquisa como processo de afetação, engajamento e individuação faz com que o pesquisador abandone sua autoridade presumida e coloque de lado as certezas amparadas pela teoria em favor de uma abordagem mais generosa, atenta e responsiva. Não temos tempo para desenvolver esse aspecto, mas podemos dizer a conexão é clara aqui com esse movimento nascido na geografia e que afirma buscar teorias não representativas.

Sob esse ponto de vista, a ideia é fazer com que o pesquisador se deixe afetar pelo encontro com diferentes tipos de espaços de pensamento e de experiências, ou seja, tanto movimentos processuais de pensamento, quanto um espaço privilegiado no qual esses movimentos são amplificados por novas configurações de ideias, objetos e corpos. Essa é uma perspectiva instigante: os lugares de pensamento permitem

uma experiência e uma relação estética com a pesquisa conferindo a ela outra intensidade e ressonância. Não se trata de testar uma teoria, um pensamento, mas de fazer alguns pensamentos ressonar uns com os outros, e ressonar com a experiência, com os afetos.

Mas, claro, a questão do lugar onde o pesquisador vai pensar é importante. Quando se está no escritório, na sala de aula, discutindo com outras pessoas no campus universitário, enfim, o contexto de encontro e ressonância dos pensamentos é modelado por todos os afetos que o atravessam. Por isso, a pesquisa baseada nos afetos se torna uma prática política. Temos e espaços são continuamente reelaborados através da fabulação de atmosferas, da modulação do sensível em cenas dissensuais, como bem formulou Rancière. Assim, todos os autores que citamos - Deleuze, Foucault, Rancière, entre outros - vão afirmar que a pesquisa não se reduz à elaboração de representações, mas se desdobra através de uma racionalidade afetiva que organiza tempos, espaços e movimentos de acordo com a reflexividade acionada pelo gesto político e ético do pesquisador. Gostaria de apresentar o seguinte exemplo a vocês, pois ele envolve a elaboração de um testemunho e não de uma representação:

A enfermeira da pequena clínica de Swari parou nosso veículo enfaticamente, pedindo-me para vir e ver esse paciente dele, embora talvez fosse tarde demais. Entrei, passei pela sala de espera, no interior simples, com sua mesa simples. Ela estava lá, uma menina pequena, talvez com oito anos de idade, lutando para respirar enquanto seu pai apertava furiosamente um fole para bombear mais ar em sua frágil garganta. Sem oxigênio, apenas um fole ... agora eu estava olhando impotente para a queridinha deste pai ... Não, eu disse que não pode ser tarde ... sentamos o pai no banco do motorista traseiro com a garotinha no colo dele ... precisávamos fugir... o momento era grave, terrível, insano, e eu queria ir embora... finalmente nos afastamos. Nós conseguimos uns mil pés, eu acho e então alguém me disse para parar o carro. Assim que o carro parou, pude ouvir os gritos e o ulular da mãe da menininha... (que) soube o que a parada significava antes de mim. Eu me virei no meu lugar para olhar... A menininha... estava lutando por sua respiração como se algum animal a estivesse perseguindo, e então ela começou a se aproximar de mim ... ela esticou os braços e apertou as palmas, seus olhos pedindo

por algo... ela Não estava olhando para mim, eu podia ver isso, e eu estava absolutamente aterrorizada. Ela continuou alcançando, agarrando... até que finalmente conseguiu recuperar o fôlego para a qual estava trabalhando – um último suspiro, a respiração mais alta que eu já tinha ouvido ... e imediatamente o cheiro da morte estava sobre nós. Eu nunca soube até aquele momento que a morte tinha um cheiro. (BILINDA STRAIGHT, *Miracles and Extraordinary Experience in Northern Kenya*, 2007, citado por LETICHE e LIGHTFOOT, 2014).<sup>2</sup>

Esse testemunho não pode ser confundido com uma representação. Alguém vivenciou algo, foi “golpeado” e tenta trazer essa experiência ao leitor. Não é uma representação, porque ela não consegue capturar o que aconteceu, ela não dá conta de apreender um evento que é processual, que ainda reverbera na mente da narradora. Ele tenta nos contar esse processo: longe de falar sobre a pesquisa que faz no Kenya, ele nos fala sobre o que sentiu. Para nós é importante também destacar como o narrador estava no lugar certo, na hora certa. A descrição [autêntica] de sua experiência e a escrita ajudam a reconstituir os afetos que a atravessaram, ainda que registrá-los pela escrita seja muito mais difícil do que escrever na forma de um artigo. Achar a boa maneira de testemunhar quando a pessoa que fala não está aqui conosco é uma tarefa árdua. O pesquisador se apropria muitas vezes de um testemunho oferecido por

---

<sup>2</sup>Do original: “The nurse at the little Swari clinic stopped our vehicle emphatically, asking me to come and see this patient of his, although maybe it was too late. I went inside, past the waiting room, into the simple interior with its plain table. She was there, a tiny girl, maybe eight years old, struggling for breath while her father squeezed a bellows furiously to pump more air into her fragile throat. No oxygen, just a bellows... now I was staring helplessly at this little father’s darling... No I said it can’t be too late... we seated the father in the rear driver’s side seat with his little girl on his lap... we needed to get away... the moment was loud, terrible, insane, and I wanted to drive away... at last we drove away. We managed a thousand feet, I guess and then someone told me to stop the car. As soon as the car stopped I could hear the screams and ululation of the little girl’s mother... (who) new what stopping meant before I did. I turned in my seat to look. The little girl... was struggling for her breath like some animal was chasing her, and then she began to reach towards me... she stretched her arms and squeezed her palms, her eyes asking for something... she wasn’t looking at me, I could see that, and I was absolutely terrified. She kept reaching, grabbing... until finally she got the breath she was working for – one last breath, the loudest breath I had ever heard... and immediately the smell of death was upon us. I never knew until that moment that death had a smell.”

alguém que realmente vivenciou um acontecimento, sem poder falar no lugar da testemunha, ele deve achar uma forma de dialogar com ela.

O que quero evidenciar aqui é que o processo da pesquisa não vai terminar com a representação, mas o pensamento que resulta da reflexão teórica é extraordinário e ultrapassa a ideia de representação. Podemos sentir o contato mais bruto com a realidade, no limite do suportável, e podemos sentir, ao ler este texto, mil idéias, memórias, impressões, reações, afetos mistos, vínculos com outros textos. É possível navegar entre a presença imediata e tocante e os vínculos concorrentes, mas nunca se consegue ficar a uma distância segura de uma história (representação) que está sendo contada a nós. O pensamento não é monopolizado e congelado pelo autor ou por uma teoria, as palavras nos afetam para nos colocar em movimento, para nos forçar a pensar, a sentir. A experiência não é capturada, não pode ser capturada, ela circula. Ela pode ressoar e criar afinidades com certas teorias, mas será sempre mais do que uma ilustração.

Outro exemplo que quero apresentar mostra de maneira um pouco diferente a questão da recusa à representação. Há um caso envolvendo o diretor de uma companhia de teatro famosa no centro de Paris. Ele fez uma longa greve de fome por causa do corte de subvenções do Ministério da Cultura e da Prefeitura e pensou em uma estratégia de apresentar a questão para sensibilizar o público. Como ele poderia afetar as pessoas acerca de uma questão que, na prática, está distante do cotidiano delas? Ele chama um dramaturgo, um amigo que também é diretor de teatro, para escrever uma peça na qual haveria a encenação desse próprio diretor, fazendo, de fato a greve de fome. Quando eu vi essa peça, senti um conjunto de afetos estranhos e poderosos, porque não sabia de nada do contexto. Contudo, a peça é perpassada por uma emoção muito grande. A greve de fome era de verdade, o ator, que era o diretor do teatro, que estava de fato em greve de fome. Mas, ao final da peça, ele encena a própria morte, no trigésimo terceiro dia da greve. Então, o cansaço em seu corpo era bem visível e nos atingia em cheio. Em todas as apresentações havia um médico na sala, caso algo mais grave acontecesse. Assim, não se tratava de contar ao público o que

estava acontecendo, e que significava a provável morte do teatro, mas de fazê-lo viver o acontecimento, experimentar.

Aqui existem dois termos que podem ser aproximados: um deles é o de “peça de teatro”, que diz respeito a uma representação e se insere em uma longa história que referencia o teatro político. Vimos em outro momento, como Deleuze considera que, no teatro, as ações, gestos, atitudes, e variações da língua podem ser combinadas de modo a não reproduzir de maneira automática as estruturas sógnicas que preservam as hierarquias. Para ele, apenas representar conflitos já mapeados não implica necessariamente em transformações. Uma vez que a maioria dos conflitos já está codificada e normalizada, é preciso escapar das representações que apenas afirmam padrões de dominação que distribuem papéis já codificados entre atores sociais reconhecidos amplamente como fortes e fracos. “A representação quer apenas que os conflitos sejam compreendidos, que o espectador tenha os elementos de uma solução possível (DELEUZE, 2010, p.57). O teatro político ou crítico pretende, então mudar a situação política. A outra noção que podemos mobilizar é de a performance que vai ressaltar o processo, o movimento concreto em que um ator decide fazer uma greve a de fome de verdade, implicando os espectadores em seu gesto de resistência. Para opor os dois termos, cito aqui uma frase de Marina Abramovic, uma performer:

O teatro é falso, há uma caixa preta, você paga o ingresso e olha para alguém que desempenha o papel da vida de outra pessoa. A faca não é real, o sangue não é real, e as emoções não são reais. A performance é exatamente o oposto: a faca é real, o sangue é real e as emoções são reais. É um conceito diferente. Esta é a verdadeira realidade. (Citado por DANAN, 2013, p.18).

Essa citação reforça a oposição entre os dois termos, mas temos que considerar que o teatro pós-dramático tem muitos segmentos da performance no teatro e a performance, muitas vezes, assume traços do teatro. O que essa citação ressalta é que a performance quer se distanciar ao máximo possível da representação, ficar mais perto do real, alcançar outro contato, outras formas de afeto. O fato de fazer uma performance política não somente implica dar uma voz, mas requer um ser, um fazer,



Figura 3 - Cartaz da peça de teatro *Subvention*, do Centro Cultural Lucernaire, em Paris.

um mostrar-se (retomando as três frentes da performance segundo Schechner). E o que é importante aqui é que não vai ser uma operação somente conceitual: a voz não aparece sem corpo, sem pessoas concretas experienciando uma situação. O que importa é uma exposição do corpo à situação de vulnerabilidade. Se você me fala “ah, tem um teatro em que o diretor faz uma greve de fome.” Vou receber intelectualmente essa informação. Vou imaginar como seria e pode ser que possa associar a outra situação que eu conheça. Mas aqui, a diferença em relação à performance é que a voz ganha corpo, é a nudez da presença viva, do presente, reivindicando sua urgência. Não tem nada de comum, pois a voz ganha um corpo, um corpo emaciado, gritando de fome, diante da “anorexia” orçamentária. Tem uma questão de precariedade e de ética lévinasiana aqui: a voz ganha um rosto que implora para não matar o teatro, atribuindo e evidenciando responsabilidade àqueles que estão presentes e às instituições de fomento à cultura. A performance está

redobrada em uma peça, e foi bastante interessante nesse caso, pois o teatro como jogo, como arranjos situados de confrontação e tensão na busca de produzir arranjos possíveis para encontrar uma saída. Com a peça de teatro é mais fácil apresentar as tensões e colocá-las em jogo. O teatro mostra que a palavra é construída e faz parte do jogo democrático. Ao mesmo tempo, a performance lembra a participação existencial: o ator constrói sua voz, ou seja, sua subjetivação (individuação) é uma construção, um processo de transformação.

É importante dizer que há nesse exemplo uma parte bem real, existencial mesmo, uma questão de vida e de morte: a performance revela um jogo democrático e podemos discutir sobre problemas concretos tendo a porta sempre aberta para a um debate possível. Provavelmente nesse caso, a performance é mais performativa, porque mais perigosa. O que está em jogo é uma exposição do corpo vulnerável, que fica mais em perigo por causa da performance. Mas a performatividade não é somente isso, mostrar o corpo emaciado. Ela abrange também a questão das reverberações, uma vez que muitas pessoas que foram afetadas pela situação escreveram cartas ao Ministério da Cultura, cartas à prefeitura, ações que fizeram algo paralelamente. Chamo essas ações de “parasita” (no sentido de Serres) porque não necessariamente elas caminham na mesma direção, mas vão utilizar a situação para fazer alguma coisa. A reutilização vai fazer uma ampliação da situação vivenciada, ainda que não consigam atingir aqueles que têm o poder de decisão.

A performatividade depende também do contexto (como mostram Austin e Derrida). Nesse caso específico, quatro ou cinco meses antes houve uma greve no Festival de teatro de Avignon, um grande festival da França. E foi a primeira vez depois da segunda guerra mundial que o festival não aconteceu por causa da greve. Então, tem algo muito sensível aqui, algo performativo, porque envolve uma tradição de luta, somando à mensagem muitos fantasmas que reúnem elementos do teatro político. Esse teatro foi criado em maio de 1968, envolvendo muitas lutas, muitas delas utilizando a greve de fome. Não é somente a performance de um corpo que se apresenta, mas também todos esses fantasmas e contextos, tem uma performatividade, uma dimensão de resistência à norma, ao consenso, à hierarquia. Essa é sempre uma questão bem difícil de

alinhar, pois concentra muitos segmentos na performatividade. Mas, o que eu queria evidenciar com esses dois exemplos é o modo como cada um, à sua maneira, está buscando elementos através dos quais se pode manter o movimento, onde o movimento pode ser preservado. Será um desafio para a escrita manter tais movimentos vivos.

### **Freio 3: a partilha do sensível na pesquisa**

Gostaria agora de tratar da questão dos freios e dos bloqueios ao movimento ao nível do sensível. Um elemento que vai impedir o movimento é a distribuição dos lugares e dos papéis, ou seja, quando se engessa a partilha do sensível que atribui a cada um e cada uma, uma visibilidade, uma temporalidade e uma atividade específicas, como nos aponta Rancière. Nesse caso, a performatividade pode ser também algo negativo. Especialmente, ela pode ser autoritária. Em muitos textos, o pesquisador e a pesquisadora são bem autoritários com relação a seus interlocutores. É importante esse ponto, pois frequentemente o pesquisador se coloca em uma posição hierárquica e assume que vai decidir qual aspecto é mais importante. Ele escreve um texto e seus leitores têm que aceitar que o entendimento deve ser produzido naquela direção específica. O texto se torna uma espécie de argumento que comprova a “boa teoria”. O texto não reflete, não vibra com o prazer de pensar, não convida o leitor a questionar ou pensar, ele prova com autoridade. Essa posição autoritária impede que o leitor tenha escolhas e caminhos possíveis de construção de outras interpretações. Tudo que bloqueia o fluxo, o movimento, bloqueia também os afetos. Assim, o texto é a afetação de uma representação, mas não é uma apresentação. Na relação com o leitor, ele não faz com que o leitor possa exercer sua inteligência e sua reflexividade, transformando-o. Há uma citação de Jacques Rancière, no livro *The flesh of words*, que traduz um pouco o que quero dizer:

Não é pela descrição que as palavras adquirem seu poder: é por meio da nomeação, do chamado, do comando, do desafio, da sedução que elas cortam a naturalidade das existências, colocam os humanos em seu caminho, separam-nos e os unem em comunidades. A palavra possui muitas coisas para imitar do que seu sentido ou seu referente: o poder de fala que a traz para a

existência, o movimento da vida, o gesto de uma oração, o efeito que ela antecipa, aquele a quem se endereça a mensagem e cuja escuta ou leitura a palavra mimetiza de antemão.<sup>3</sup>

Com essas palavras, é possível dizer que o autor de um trabalho acadêmico pode, ao contrário, enredar o leitor de modo que ele seja convidado a sentir algo muito importante, sem conduzi-lo de forma autoritária. O texto acadêmico não é uma representação, é uma relação, mas uma relação que pode ser, dependendo de como o texto é concebido, bem autoritária. Uma possibilidade seria tentar evitar isso.

No livro *Aisthesis*, Rancière tem um texto que se chama “The cruel radiance of what it is”, que revela como o fotógrafo Walker Evans trabalhou com o escritor James Agee para publicar o livro *Let Us Now Praise the famous men*. Walker Evans havia sido contratado, em 1939, pelo Programa *Farm Security Administration* (FSA), para documentar o modo como comunidades rurais e extremamente empobrecidas pela grande crise de 1929-30, estavam conseguindo se manter graças às políticas sociais do governo. Rancière destaca nesse texto o modo como as imagens e os textos de Agee produzidos no contexto da FSA exploravam os detalhes do cotidiano, das casas, dos modos de vida de sujeitos rurais produzindo inventários nos quais objetos, pessoas e paisagens se articulavam de maneira não hierárquica, não autoritária, concentrando-se no fato de que cada detalhe, coisa e pessoa era parte de uma existência concreta, inevitável e irrepetível. Tais inventários questionavam a romantização dos pobres, ressaltando como formas de vida são constantemente reelaboradas em meio às vulnerabilidades e ao sofrimento. Dito de outro modo, eles permitiram questionar, através das imagens e descrições, como não se pode viver a partir de uma reafirmação previsível de uma suposta “distribuição correta das coisas”.

---

3Do original : “For its not by describing that words acquire their power: it is by naming, ny calling, by commanding, by intriguing, by seducing that they slice into the naturalness of existences, set humans on their path, separate them and unite them into communities. The word have many other things to imitate besides its meaning or tis referent: the power of speech that brings it into existence, the movement of life, the gesture of an oration, the effect it anticipates, the addressee whose listening or reading it mimcs beforehand.”

Rancière descreve como Agee não queria falar em nome dos povos empobrecidos, e recusa qualquer hierarquia. Ele não quis definir em sua escrita o que considerava importante. Há um repúdio a qualquer eleição de enquadramentos ou objetos. Ele opta, então, por fazer descrições longas, com igual dignidade para cada sujeito ou objeto. Ele decide apenas escrever e registrar meticulosamente o inventário de coisas encontradas no interior das casas mais modestas. E o texto magnífico descreve tudo, tal como se o leitor pudesse ser transportado para esses cenários da vida real. A descrição de todo e qualquer detalhe é inserida no texto sem hierarquia, nos convidando a pensar e entender de outra maneira. Tudo o que é capturado pelo olhar de Agee entra, porque ele não faz um julgamento ou seleção do que é importante, segundo sua própria visão estética e moral do mundo vivido daquelas pessoas empobrecidas. São descrições que nos afetam e nos convidam à reflexividade, e que não terminam com a construção de uma representação, uma espécie de guia que determina o que você precisa pensar ou entender, oferecendo explicações que limitam a interpretação.

Como o texto de Agee, as fotos de Ewans mostram o “reflexo cruel daquilo que é”, tentando não enquadrá-las em uma narrativa ou um clichê (ao qual se acrescenta a fratura entre New York/interior e, talvez, brancos/descendentes de escravos...). Assim como o texto, as imagens podem congelar, bloquear, ou podem colocar em movimento ou, mais que isso, exigir do leitor um trabalho de inteligência, para se indagar o que essas imagens podem dizer a ele. Tornar estranho, não imediatamente inteligível, ao invés de mostrar. Esse gesto tem a ver com a ideia de igualdade de inteligência, apresentada por Rancière, que pressuposta que todos possuem habilidades e capacidades para entender e refletir sobre as coisas do mundo. Para tanto, os espectadores e leitores são “emancipados”: não seguem um roteiro prévio de apreciação e fruição, mas recebem todas as pistas, todos os elementos, e têm que realizar um trabalho reflexivo, porque todos possuem igual inteligência.

É bem interessante notarmos que o livro Kathleen Stewart, *A space in the side of the street* (1996), seguiu os passos de Agee, ela foi para a mesma região aproximadamente 60 anos depois. Entre os dois períodos houve uma crise bem grave na região do leste da Virgínia e a cidade perdeu

60 por cento de sua população, o trabalho nas minas nas áreas rurais sofreu drástica diminuição, e a cultura descrita por Agee e Ewans havia sido abalada. Com as pessoas vivendo com pouco dinheiro, temos um cenário de enorme vulnerabilidade. Assim como nas áreas rurais observadas pela FSA. Assim, de novo, cenas simples nos tocam e demandam maior reflexividade no gesto de descrever. Essa escritura dos afetos não é uma representação, uma mímese, mas uma performance, pois há uma inevitável falha da representação em captar o real: por isso mesmo, para Stewart, a performance tem um compromisso com o ato político da poiesis. Para Agee e Stewart, não se pode representar a vida dessas pessoas em situação de vulnerabilidade. Seria um ato de autoritarismo daquele que vai representar. Mas é possível fazer um trabalho de *poiesis*, de criação, porque o espectador/leitor é transportado para a cena, ele pode estar lá e vivenciá-la “como se” estivesse junto do narrador: ele vai conhecer, sentir e vai ser afectado da mesma maneira que o narrador foi tocado. Deste modo, quem performa a escrita e quem lê o texto trabalham e refletem juntos. Mas não fazem isso a partir de uma representação, porque, como dissemos, não há uma representação que possa dar conta da vida dessas pessoas. Agee e Stewart nos convidam a viver com as pessoas pobres do leste dos EUA e temos a oportunidade de entender como elas vivem no momento da crise, a cultura de um lugar de trabalho nas minas que de repente se vê sem essa fonte de trabalho. Qual tipo de vivência é essa? O capitalismo mostra aqui sua face mais brutal: as vidas precárias que não importam são deixadas à sua sorte: quando um tipo de pessoas não é mais necessário, “*we don’t care for them anymore*”. Quando representamos tais pessoas com nossos pressupostos, nossas dialéticas e lutas, nossas imagens e nossas armas conceituais dadas a priori, usamos e fixamos essas pessoas em uma identidade de vítimas sem capacidades. Arriscamos a perder sua singularidade, ou o movimento de suas vidas, ou a complexidade de suas experiências e pensamos em abraçar tudo em uma imagem, um conceito, uma representação.

Em *O espectador emancipado*, Rancière propõe que o espectador não é aquele que vai simplesmente acolher a autoridade do artista em impor-lhe um sentido de orientação e interpretação de uma obra. O que ele

pretende é questionar as hierarquias, a ordem consensual que uma autoridade impõe de maneira insuportável. No livro, há uma passagem em que Rancière afirma que os movimentos emancipatórios do espectador seguem os seguintes fluxos:

Ele observa, ele seleciona, ele compara, ele interpreta. Ele conecta o que observa com muitas outras coisas que observou em outros palcos, em outros tipos de espaços. Ele faz seu poema com um poema que é feito diante dele. Ele participa do espetáculo se for capaz de contar a sua própria história a respeito da história que está diante dele...os espectadores vêem, sentem, e entendem algo na medida em que fazem os seus poemas como o poeta o fez, como os atores, dançarinos ou performes o fizeram.

O que Rancière propõe é outra partilha do sensível, ou seja, uma reconfiguração dissensual da ordem policial que determina o que deve ser visto, como deve ser visto e por quem. Além disso, a “ordem policial”, o consenso, define regimes de visibilidade, legibilidade e audibilidade que tendem a privilegiar apenas um sentido, um grupo, uma forma de enquadrar as experiências e as formas como os sujeitos habitam o mundo. Dito de outro modo, a partilha do sensível “é um sistema de evidências sensíveis que dá a ver, ao mesmo tempo, a existência de um comum e as divisões que nele definem os lugares e partes respectivas.”

Há uma dimensão da partilha que envolve percebermos que, por exemplo, em uma peça de teatro, compartilhamos as regras, alguns conhecimentos sobre a arte de atuar, o significado das cortinas abrindo e fechando, o intervalo entre atos. Mas essa linguagem e grande parte de suas regras (o papel do roteiro, do dramaturgo, da cenografia, etc.) pode envolver que não sermos envolvidos na peça como coautores, como aqueles que encontram um espaço de liberdade e autonomia para terem uma experiência estética a partir da fruição dessa peça. A partilha envolve a percepção e entendimento de regras, dos lugares e tempos destinados a cada um e cada uma. A emancipação do espectador envolve a possibilidade de um desentendimento, ou seja, a capacidade de questionar a ordem que define, segundo Rancière, “um recorte dos tempos e dos espaços do visível e do invisível, da palavra e do ruído que

define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como uma forma de experiência”.

Sob esse aspecto, uma partilha do sensível é política, porque lida, segundo Rancière, com as formas de legibilidade do mundo, isto é, com o que se vê e o que se pode dizer, quem tem a competência para ver e a qualidade para dizer, as propriedades dos espaços e os possíveis dos tempos. Se traduzirmos essa reflexão para uma situação de pesquisa, uma partilha policial do sensível revelaria que quem tem a competência para ver e a qualidade para dizer é o pesquisador, e somente ele. Ele produz uma representação, que detenha a autoridade do pesquisador, detalhando a distribuição dos papéis que localizam as pessoas com as quais ele se encontrou no trabalho de campo. Muitas vezes, esses papéis atribuídos dizem apenas da forma como o pesquisador encontrou para às suas próprias perguntas: ele escolhe as pessoas, os depoimentos e trechos de testemunho, tudo definido de acordo com o que é tido como relevante para a pesquisa e para o quadro teórico adotado.

Contudo, a partilha política do sensível, pode tentar ser emancipadora, recusando essa distribuição. O pesquisador vai escutar, acolher, avaliar. Depois vai discutir, refletir, buscar uma forma mais hospitaleira de escrita, uma forma que privilegie os conhecimentos e vivências dos sujeitos com os quais se encontrou, com os quais conversou. Na escrita, ele poderá trazer elementos das falas, contextualizados, descritos, mas nunca totalmente brutos.

Além disso, há pelo menos as duas direções de busca por menos autoridade e bloqueio. A ideia da partilha do sensível é também atribuir mais papéis nas pesquisas aos atores do campo. Achamos as discussões muito interessantes, e muito perturbadoras para a forma como a pesquisa é geralmente conduzida, em torno do lugar de fala. Mas aqui eu destaco a centralidade de buscar um jeito fazer a audiência participar e criar o seu próprio “poema”. É preciso pensar em como a pesquisa pode se entendida, o que é o “resultado” da pesquisa, porque, se voltarmos ao texto da criança morrendo no Kenya, para entender o que se passa o leitor não pode ter à mão tudo explicado: ele deve mergulhar na situação do encontro, deve ter elementos da atmosfera vivenciada e pistas de experiência que mostram que o pesquisador esteve lá. A credibilidade de ter

experimentado em primeira pessoa o que é dito e o modo como isso é relatado da maneira mais direta, sem distorção intencional, é essencial. O leitor vai, então, produzir imagens e sentidos a partir dessas pistas. Não se trata de reconstituir exatamente o que se passou, mas da habilidade de criar uma escrita que apresente ao leitor uma ambiência para fabular junto, refletir junto com o autor ou pesquisador.

#### **Freio 4: Não pensar em termos de individuação**

Para finalizar, o último elemento que auxilia a não bloquear os movimentos na pesquisa com os afetos está relacionado ao processo de individuação. O que é interessante aqui, pensando junto com Rancière, são os efeitos políticos implicados na construção de si mesmo. As questões políticas não são mais aquelas de neutralizar a autoridade do pesquisador, mas avançam para constituir sua emancipação e sua autonomia. Uma autonomia política que é conquistada justamente no processo da pesquisa, quando o pesquisador começa a acreditar mais em sua própria experiência do que nas teorias e paradigmas acadêmicos. Isto pode levar a abalos em nossas concepções e posições, mas também, de forma mais discreta (mas não menos decisiva), a movimentos para a construção de si, para a elaboração de uma narrativa de si. Acredito que os processos de subjetivação, de construção de si, de individuações são também políticos, uma vez que produzem deslocamentos importantes na trajetória do sujeito que constrói a pesquisa.

A individuação pode ser a dos sujeitos que estudamos, de situações e problemas, mas também pode ser a do/da pesquisador/a. Pensar a pesquisa como individuação é aceitar que o caminho do pesquisador importa, que ele ou ela aprende, que ele ou ela constrói conhecimento no decorrer de sua vida. Isto é por um lado óbvio, mas por outro lado vai na direção oposta de uma visão limitada da objetividade. Não pensar em termos de individuação muitas vezes significa trancafiar sujeitos em identidades e situações fixas, e não aceitar que o pesquisador se permita ser profundamente afetado, que esteja pronto para ser transformado por sua pesquisa, enfim, que a pesquisa é um encontro, e não uma auscultação remota, neutra, asséptica, onde ninguém é afetado, onde nada é afetado, de uma forma que não há comunicação.

A individuação não pode ser confundida com a individualização. Não se trata de destacar as singularidades de indivíduos e grupos, mas de enfatizar a ideia de que nós não somos indivíduos completamente prontos, “finalizados”, que não temos mais para onde nos movimentar ou nos transformar. Bem ao contrário: estamos sempre inventando, criando, deslocando, produzindo formas de vida caracterizadas justamente pela maleabilidade do arranjo, do ajuste da reconfiguração. Nesse sentido, Judith Butler elabora uma abordagem instigante sobre a individuação. Ela afirma que passamos a existir em virtude de nossa dependência fundamental em relação aos outros. Ela localiza uma condição de vulnerabilidade e precariedade das vidas, que estão inevitavelmente presas ao modo como são moralmente avaliadas e julgadas.

Contudo, as vulnerabilidades não são imutáveis: é justamente a habilidade que temos de reorganizar nossas redes de sociabilidade que pode produzir alterações em nossa condição de exposição às injustiças. Um sujeito precário não é, portanto, resultado de uma determinação que não lhe deixa escapatória: ele é um agente de constante transformação, uma vez que, na tessitura intersubjetiva do cotidiano, o sujeito precário inventa e re inventa um modo de vida que revela que seu destino não está traçado de antemão e que existe uma margem possível de mudanças. Claro que esse trabalho de individuação não depende somente das ações dos sujeitos: é preciso alterar profundamente padrões de avaliação moral das vidas. Bulter salienta como a maneira como outras pessoas estão falando de nós é importantes na construção de nosso auto-entendimento e da forma como somos vistos e apreciados pela comunidade. O reconhecimento não é apenas uma validação da diferença: ser reconhecido significa ser apreciado a partir de um quadro de valores moventes, que não enquadre as formas de vida a partir de padrões totalitários e universalizantes. Como reconhecer um sujeito se ainda temos os mesmos quadros padronizados para produzir julgamentos de apreciação e depreciação? Se ainda temos os mesmos quadros para gerar palavras de incentivo e palavras de ódio, de aniquilamento de determinadas vidas?

Discursos de ódio também moldam a construção de si, pois indicam o que circula socialmente, amparando modos complexos de legibilidade

e legitimidade das vidas que podem ser contadas como valorizáveis e apreciáveis. Além disso, são discursos que dizem de nós a partir do que internalizamos, do olhar do outro que incorporamos à ideia que fazemos de nós mesmos. A construção de si é uma construção complexa e tem uma performatividade que se liga ao fato de que as narrativas que tecemos sobre nós se conectam com narrativas precedentes que com elas se entrelaçam. Além disso, como vimos, as mesmas palavras que foram usadas para ferir podem ser re-significadas em proclamações e afirmações positivas. Tais discursos estão profundamente enraizados em nós mesmos, e notavelmente em uma parte de nós mesmos, ainda que opacos ao autoexame.

O interessante aqui é que o processo da construção de si pode ser definido como uma forma de individuação, revelando que nos transformamos todo o tempo. Os afetos são fontes de individuação e, para Simondon, criam uma forma singular de vida, a partir do pré-individual, para tentar solucionar um problema. Gosto da maneira como Simondon entende o processo de individuação como os arranjos que produzimos para enfrentar determinados problemas concretos que configuram nossas experiências: segundo ele, essa invenção produz não só soluções possíveis, mas produz também o sujeito que a articula. Trata-se de inventarmos quem vamos ser: um processo que ocorre sempre em um contexto, podendo mesmo até ser o contexto de discurso. Mas não é o auto-empreendimento de um sujeito autônomo, a individualização é tanto coletiva quanto individual, sempre já em um ambiente, seja ele cultural, histórico, tecnológico, político e/ou social. Já Stiegler utiliza essa noção para destacar uma dimensão da individuação que é psíquica e coletiva. Isso porque quando um indivíduo se transforma, ele vai afetar a individuação de todos aqueles que estão próximos, produzindo transformações com temporalidades distintas, mas a partir do desencadeamento do mesmo processo. Para Stigler, não são somente indivíduos e grupos que podem se individuar, mas também coletivos e técnicas.

A noção de individuação não se aplica somente às pessoas. Para mim, Butler, por exemplo, descreve um processo de individuação. Mas a noção de subjetivação em suas obras é importante, porque são sujeitos

políticos que vão surgir ou não de processos de articulação de demandas e performatividades.

O ponto que quero destacar aqui é que não só ganhamos em ver os sujeitos e situações constituídas pelos processos de individuação, mas também nós podemos ver a pesquisa como um processo de individuação. Não como UMA individuação, mas como muitos processos de individuações que vão acontecer juntos. O pesquisador, a pesquisa, o método e, esperançosamente, o conhecimento se individualizam. Nesta abordagem, os textos que nos antecedem não agem como conhecimento estabelecido, mas são elementos pré-individuais que permitem a comunicação e atuam como recursos potenciais para inventar novas formas de escrita e expressão.

Na pesquisa, como disse antes, a individuação não se faz no vazio: ela vai acontecer em um dado contexto político e histórico, não é uma escolha que fazemos. Na maioria das vezes, nos deparamos com um problema e vamos imaginar algo, uma saída, uma solução e, até mesmo, um entendimento diferenciado do problema que se manifesta. Nesse processo de tentar encontrar uma possibilidade de continuar pesquisando e agindo, o pesquisador vai individualizar a si mesmo e à sua pesquisa. O pesquisador pode escolher a comunidade onde vai fazer sua pesquisa, seria um elemento. Mas o ponto importante é que a pesquisa pode se transformar, evoluir com o que encontramos, e podemos observar também um efeito sobre as pessoas que vão ser convidadas a pesquisar junto. Existem muitos elementos que podem se transformar, evoluir, alcançar outros modos de significação e relevância. A individuação é o contrário da visão da pesquisa onde normalmente no começo temos um projeto de pesquisa, cheio de hipóteses traçadas e no qual tudo é estabelecido a priori para ser seguido sem muitas alterações. A ideia que proponho é que a pesquisa é um processo de individuação que, por sua vez, individualiza o próprio pesquisador e todos os sujeitos que são afetados pela pesquisa e seu fazer. Isso é perigoso, é difícil de aceitar, porque exige de nós uma mudança profunda da visão e da prática da pesquisa, para aceitar ser afetado não só na pesquisa, mas pela pesquisa.

Para finalizar e dar um exemplo do papel da individuação, quero mencionar o trabalho realizado pela Isabela Paes em sua tese de douto-

rado. Ela realizou uma pesquisa etnográfica num grupo de teatro contemporâneo famoso na Dinamarca, o Odin Teatret. No início, a ideia da pesquisa etnográfica foi de seguir os passos de Geertz, tentando achar momentos de performance cultural bem importantes para traçar uma descrição densa e uma compreensão profunda da situação: olhando para todas as relações de performances com a cultura, as linguagens, os gestos. Vendo também como uma palavra ou uma prática tem significação em relação com outra, de modo a dar origem a momentos bem fortes, nos quais essas relações se tornam visíveis. Mas houve um momento da pesquisa que foi difícil. Se lermos suas descrições do treinamento no grupo, podemos ficar assustados com o modo como as técnicas e os ambientes eram descritos. Poderíamos pensar que a companhia exigia demais dos atores, exaurindo suas forças e seus corpos. Mas isto não foi nada coincidente com a sua experiência ou com o que os outros participantes pareciam sentir. Isabela recuperou os diários de pesquisa, leu as páginas antigas, e se deu conta de que algo estava acontecendo. Ficou claro que com essa experiência em Odin, com todos esses exercícios e encontros, algo estava se transformando nela, um movimento que mais tarde ela chamaria de individuação. Ela chegou à conclusão de que não era mais a mesma, de que algo nela havia mudado. Que essa individuação foi um elemento chave para entender o que estava acontecendo, o que era importante nesse grupo, mas também o movimento em seu pensamento, em sua pesquisa. Então foi o início de outra tese.

Fazer exercícios durante várias horas do dia, exercícios cansativos, difíceis, estava um treinamento que impedia os atores de ficarem reproduzindo padrões, que exigiu uma busca contínua por outras formas de expressão. Ela sentiu que estava experimentando o movimento, ela sentiu a capacidade de se mover, de evoluir e de se transformar. E essa individuação parecia estar em oposição a todo um conjunto de processos de padronização. Ficou claro que isto foi muito além de uma técnica teatral, que fazia sentido no contexto da nossa condição contemporânea. Tudo isso estava ressoando justamente com o nosso contexto, tal como Stiegler argumenta. Stiegler comenta que as sociedades capitalistas estão padronizando as subjetividades, e o que ela queria mostrar era justamente isso, neste contexto as dificuldades de investir em uma indivi-

duação, ou em pequenas individuações. O capitalismo e suas formas de realização de si são freios para esse processo de transformar-se, de desejar, de se individuar, porque o capitalismo quer vender fórmulas massivas de produção, precisando por isso de des-singularizar os indivíduos. Se todas as pessoas desejam o mesmo, é perfeito para o capitalismo: ele pode prever, pode fazer mais produção em massa, pode obter muitos benefícios para poucos, orientando comportamentos e desejos.

Nesse processo, a tese de Isabela se transformou, Isabela se transformou, o foco do trabalho passou a ser o papel do treinamento e alguns princípios do teatro para a individuação dos atores, dos espectadores, da peça, do texto de inspiração do roteiro e dela mesma como pesquisadora e atriz. Nessa ação, percebemos que todos estão se movendo, que os afetos estão atravessando a construção da escritura e da vivência e experiência de todos os envolvidos. Tudo era posto em movimento, um movimento que de certa forma tentou manter todos vivos, presentes em sua própria existência, rompendo com a omnipresente padronização. A tese teve que ser repensada, colocada novamente em movimento para capturar, pensar nesse movimento e transmiti-lo ao leitor - mesmo que colocar um júri de tese em movimento, fazendo mover certos hábitos acadêmicos, não seja fácil.

Então aqui está o desafio: uma vez acolhidos os afetos, uma vez aceito o convite de nos deixarmos afetar, devemos conseguir manter esse movimento, mantê-lo presente e vivo para que ele trabalhe em nós, nos afete, afete nossos pensamentos e teorias. Mas é importante mantê-lo vivo em sua capacidade de afetar também pela forma de escrita, a fim de tentar transmiti-lo ao leitor. O próximo desafio, depois daquele da hospitalidade para afetar; depois também daquele de manter o movimento vivo, será o da escrita, de uma escrita reflexiva e performática.

\*\*\*\*\*

## Debate

**Sônia Pessoa:** Jean-Luc, eu gostaria que você retomasse a questão da escritura de um trabalho acadêmico e de como seria possível encon-

trarmos formas de traduzir as afetações que têm lugar na travessia da pesquisa para um formato de texto menos engessado.

**Jean-Luc Moriceau:** Acho que o que eu tentei enfatizar hoje com vocês é o fato de que a escrita dos afetos é uma escrita-performance, voltaremos a este assunto no próximo encontro. A escrita de trabalhos acadêmicos nas Ciências Humanas nos coloca atualmente frente a uma dupla impossibilidade. Por um lado, a impossibilidade de não falar do vulnerável, de não ser abalado pelas situações contemporâneas, ainda que reconhecendo a impossibilidade de descrever o todo de uma condição, de querer explicar ou mesmo compreender. Por outro lado, a impossibilidade de falar do vulnerável, sem de certa forma falar por ele, sem se colocar num centro que o exclua numa periferia, sem subalternizar, reduzir, fixar. Examinamos algumas possibilidades abertas pela virada afetiva para nos colocarmos em pesquisa, pesquisar frente a rostos, abertos ao estranho e ao estrangeiro, sensíveis ao frágil, numa postura modesta pronta para acolher, considerar e aprender pela escuta e pelo encontro. Em primeiro lugar, é preciso que nos interroguemos sobre as possibilidades de uma escrita-performance: motivada e guiada por afetos, escrita-movimento, escrita-tremor, escrita feminina, escrita menor, preocupada com a sua ética e com a sua política. O que pode dizer uma escrita que se tenta fora do falocentrismo: qual seria a sua voz, a sua carne, o seu rosto, qual lugar e autoridade para seus autores, que efeitos sobre seus leitores? O objetivo foi fazer com que os pesquisadores se indagassem acerca do que é “estar em pesquisa” (MORICEAU, 2019) e não “fazer uma pesquisa”, posicionar-se diante da alteridade, dando abertura ao que não é familiar, privilegiando os aspectos vulneráveis da expressão e performance das demandas e dos encontros. A forma de se fazer pesquisa foi discutida como uma experiência que nos permite ter contato tanto com o jogo das estruturas, quanto com sua criação. Assim, aposto muito nos exemplos ligados à autoetnografia (MORICEAU, 2019), os relatos de si e a “performance ethnography”, como nos exemplos bem sucedidos de performances artísticas para reflexão e inspiração.

**Camila Mantovani:** Minha questão tem a ver justamente com essa demanda que é feita ao pesquisador de se manter responsivo e hospitaleiro com relação aos outros sujeitos que integram a pesquisa e participam de sua elaboração. Como cultivar essa postura ética?

**Jean-Luc Moriceau:** Buscou-se evidenciar como, ao se deixar guiar pelos afetos, o pesquisador encontra a experiência do outro, o que produz uma interrogação ética. Se deixar afetar pode nos levar a repensar e reconstruir nossa posição, nossas convicções e nossa ideia de justiça. Voltaremos a isso. Esse encontro também nos convida a nos engajarmos com o contexto e os sujeitos da pesquisa, contribuindo para modificar (ao menos um pouco) sua percepção de si mesmos e sua relação com o mundo. Os afetos configuram, assim, um fascinante e exigente programa ético de trabalho: escapar à representação e retardar o seu aparecimento na escritura exige relançar a reflexão a partir de um saber contaminado, de uma reflexividade política e ética que nos coloca diante da irreduzível e radical diferença da alteridade. Mas como guardar os afetos no árduo trabalho da escrita acadêmica? Como aproximar e convidar o leitor a experienciar e criar sentido a partir de uma escrita que hoje se quer performativas, mas ainda sucumbe aos ditames da representação? Qual é o papel possível dos afetos, da experiência em primeira pessoa, da sensibilidade que eles podem trazer para a pesquisa? Essas continuam sendo questões que me movem e para as quais não tenho respostas prontas, apenas alguns apontamentos e pistas.

**Isabela Paes:** Talvez fosse importante lembrar que a relação ética e estético-afetiva entre pesquisador e sujeitos pesquisados no âmbito da produção de trabalhos acadêmicos no campo da Comunicação precisa da criação recíproca de um intervalo comumente habitado. O pesquisador deve estabelecer uma comunicação de proximidade, de afetação recíproca, tentando produzir um espaço ético e moral no qual pesquisador e sujeitos pesquisados têm a chance de transformarem-se juntos, em ação, e na partilha do próprio gesto do diálogo.

**Jean-Luc Moriceau:** Sim, você tem toda razão. Por isso tentei mostrar possibilidades de escrita que desconstróem o lugar autoritário do pesquisador na composição de seu relato, pautado geralmente em uma escrita muito segura e guiada por conceitos pouco desafiados pela empiria. É sempre bom procurar trazer para o texto acadêmico as citações literais das narrativas dos sujeitos pesquisados, acrescentar fotografias, descrições de campo, procurando reencontrar as experiências, as emoções que despertaram os dizeres ou as performances presentes nos contatos iniciais. Isso permite recriar ou restituir uma presença mais originária, mais próxima daquilo que o pesquisador vivencia na pesquisa empírica, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas, compartilhando com os leitores o trabalho de compreensão e de fabricação de seus próprios textos. Trata-se de confrontar o leitor com os efeitos que nascem do encontro com o pedaço de mundo em estudo, mas nenhum desses elementos “brutos” vem sem problemas e perguntas. Você sabe melhor do que eu os problemas relacionados, por exemplo, a testemunhos ou imagens. Eles são construídos no encontro. Só podemos conhecer o encontro, e isso levanta não só questões epistemológicas, mas também éticas e políticas.

**Vanessa Brandão:** Esse trabalho com o texto acadêmico me parece partir de uma abertura que o pesquisador tem que ter à experiências que atravessam o traçado inicial de seu percurso. Ele tem que abrir mão de sua autoridade e dialogar com o conhecimento que é elaborado pelo outro que escapa da condição de sujeito “pesquisado”. E, se entendi direito, além dessa destituição, seria preciso também envolver o leitor de uma forma que ele também construa o texto acadêmico. Quais estratégias devemos adotar para fazer isso?

**Jean-Luc Moriceau:** A meu ver, o autor tem que confiar ao leitor seus desejos, hesitações, frustrações, certezas e alegrias. O lugar habitual de narrador autoritário pode transformar o pesquisador em juiz. O leitor por sua vez precisa experimentar os afetos e trabalhar para chegar a uma interpretação, ele vai seguindo as pistas. O autor não pode começar pela resposta: ele oferece todos os elementos que possui em mãos, sobretudo

aqueles que resultam de sua experiência vivida. Ele não assume uma postura autoritária e diz: “de acordo com o saber que acumulei, é assim que devemos refletir acerca de tal tema”. Pelo contrário, ele constrói seu texto sabendo que os leitores são, como afirma Rancière, espectadores emancipados, de igual inteligência e livres para construir sentidos sem se aterem a uma prescrição. Talvez a melhor forma de tornar o leitor co-participante da elaboração do texto da pesquisa seja apresentar-lhe os detalhes de um contexto, as relações de poder que aí se desenham, as temporalidades, alianças e dificuldades que se apresentam no contexto em estudo, mas também que se associam aos dilemas e hesitações do próprio fazer científico. Descrever as tentativas, fracassos e influências sob as quais a pesquisa ganha seus contornos é uma chave importante desse processo de criar uma escritura que se distancia da representação. Essa resistência à representação não somente faz justiça à pesquisa, mas também cria as lacunas através das quais o leitor pode inserir suas próprias reflexões e referências. Vejo a escritura como pesquisa, como exploração das possibilidades de fazer reviver, pelos afetos e afecções, experiências únicas e transformadoras. Para isso, a escrita lida com as conexões entre várias temporalidades, acelerando ou desacelerando o ritmo conforme a necessidade de evidenciar, na teia, as linhas de fuga essenciais à dúvida, ao estranhamento, à reflexividade.

**Isabela Paes:** Só mais uma pergunta com relação ao modo como construímos o texto da pesquisa a partir de testemunhos oferecidos por outras pessoas. Conhecendo a perspectiva do Hugo Letiche, percebo que a maneira como ele organiza a proposta de escrita é diferente do que propõe Alphonso Lingis. Para Lingis é a repetição que auxilia o texto a incorporar os materiais dos outros, mas em Letiche é como se tivéssemos partes diferentes desses testemunhos misturadas no mesmo discurso, ou seja, você traz o material bruto de um lado e intercala com a reflexão teórica, depois traz um pouco mais de material testemunhal... É isso mesmo?

**Jean-Luc Moriceau:** Não há uma boa maneira de compor o texto, uma fórmula única e universal. A questão vai ser como escrever um

texto completo, pois falamos no encontro de hoje apenas sobre extratos e exemplos de testemunhos. A forma de fazer com que os afetos atravessem e informem a escritura pode ser através de uma maneira de relatar, de apresentar o campo, as informações geradas nos encontros. Pode ser uma maneira de falar desses encontros, mas o importante mesmo é que a escritura não seja o resultado de uma teoria que tem a pretensão de explicar tudo. A escritura, como mostrei hoje, pode ser criada a partir de um testemunho que conduz pesquisador e seus leitores a refletirem juntos acerca do que a pesquisa gerou. Ou seja, é uma outra maneira de misturar momentos vivenciados e reflexões teóricas, buscando acima de tudo apresentar as experiências e não representá-las. Para Lingis devemos apenas apresentar o encontro, deixando a teoria para bem mais tarde; ou melhor, mantendo a teoria e o encontro em dois níveis diferentes, chamando-nos a refletir sobre suas correspondências e implicações recíprocas, mas sem ligá-los diretamente. A escritura é como a arte: não há como reproduzir fórmulas, porque se reproduzimos a mesma maneira de expressar, perdemos a capacidade de “tocar” os espectadores, os leitores de nosso texto. É bem difícil mesmo, mas é a tarefa do escritor, do artista, que tem que tomar decisões acerca da performatividade de sua escritura, sabendo da importância teórica que elas implicam. Quando vamos escrever, todas essas questões da representação, da performatividade, da reflexividade são parte da pesquisa e do pensamento sobre a pesquisa, acionando uma possibilidade de escrever, entre várias outras possibilidades. Aqui entra em cena a arte de traçar um percurso que permita o movimento, o caminhar, a experiência da exposição que nos auxilie a conhecer o inesperado, o que não sabíamos de antemão.

**Carlos Mendonça:** É sempre complicado pensar em como alcançar uma performatividade da escrita acadêmica que esteja afinada com os afetos. Você nos trouxe vários exemplos sobre como a escrita pode acolher a diferença... Ainda assim, acho que seria importante destacar alguns pontos. Você poderia retomar essa questão acerca da necessidade de acolher a diferença, de acolher o inesperado?

**Jean-Luc Moriceau:** Acho que tem duas coisas na sua pergunta. Uma é acolher a diferença, acolher a alteridade radical, escutar o rosto do outro e me tornar responsável por ele, no sentido levinasiano. Os sujeitos que encontramos no processo da pesquisa não são meros objetos de análise, mas emergem como rostos que nos interpelam e reivindicam uma hospitalidade que deve se refletir na composição do texto acadêmico. Outra coisa é acolher o inesperado na pesquisa: se manter aberto e poroso aos afetos requer que estejamos em contante movimento, em constante processo de individuação. As duas formas de acolhida estão entrelaçadas eticamente: uma diz de como o pesquisador se relaciona com os interlocutores de sua investigação e a outra se refere à reflexividade adotada na conduta de sua investigação. Nesse segundo caso, ainda que tudo nos impulse a seguir o que está previsto, a conservar a distância, filtrar, reduzir e representar, me parece que a pesquisa ganha ao se expor diante do que estuda, diversificando as zonas de contato para encontrar, mais do que perscrutar. Assim, não se faz pesquisa para preencher lacunas em um muro legitimado de saberes, mas sim para fazer mover ou para abalar o que é tido como dado, trazendo diferenças e complementaridades, novas perspectivas e conceitos. Isso tem a ver com a reflexividade acionada no contexto de desenvolvimento da pesquisa. Se eu acolho a diferença e o inesperado, isso quer dizer que me exponho, que alimento um desejo de contato e uma hospitalidade ao que vem, que se aproxima. Entrar em contato com o campo não quer dizer abrir mão do apoio da teoria, mas requer não fingir tudo saber de antemão e deixar de querer controlar autoritariamente a totalidade do encontro. A hospitalidade ao inesperado envolve aceitar que o terreno nos interroga, nos demanda acolher a surpresa. Esse tipo de pesquisa não se resume a testar uma teoria ou verificar pressupostos, mas criar possibilidades de nos deixarmos afetar, transformar, colocar-se em movimento, iniciar um caminho de aprendizagem e formação. Mais uma vez quero ressaltar que o encontro, o terreno da pesquisa não se oferece sozinho, é preciso criar o contato: criar o encontro sabendo que ele nos levará a mudar o modo de interação. Trata-se de captar e não de capturar: expor si mesmo, seu saber e seu método. É como tentei mostrar no caso da pesquisa de doutorado de Isabela: há outras maneiras de se colocar em movimento

na pesquisa, sobretudo deixando mais espaço para os atores na organização no desenho da pesquisa, buscando modos não representacionais de escrita para manter o processo aberto e mutante.

**Sônia Pessoa:** É essencial, pelo que entendi, ver a pesquisa como individuação, a partir da exploração de escrituras performativas, de abordagens ativistas, de registro conjunto das experiências. Conservar vivo o movimento conquistado no contato com a pesquisa de campo para deslocar teorias e autores.

**Jean-Luc Moriceau:** Isso. A individuação requer a reflexividade que almeja tentar compreender o que estamos fazendo, quais as possibilidades e limites de nossas ações. Quais os efeitos de nossa pesquisa e nossos textos sobre as pessoas vulneráveis ou expostas? Quais as implicações do modo de interpretação, e como isso terá impacto no leitor? Quais as transformações em mim e as transformações daqueles que estão em contato com a pesquisa que faço? Todas essas questões e gestos metodológicos e interpretativos possuem consequências sobre a pesquisa e seus resultados: desenham uma maneira de contar o que é estudado, de se expor e ser atento às suas respostas. A reflexividade consiste em sempre nos perguntarmos sobre como conduzir o trabalho interpretativo, como comunicar nossa pesquisa, saber a quem ela serve e a quem beneficia. Obrigar-se a seguir um método pronto interpõe um grave obstáculo à individuação, pois nem sempre traz respostas à singularidade das perguntas que se descobrem no que se encontra. As correções e adaptações que realizamos ao longo da pesquisa, longe de ameaçar a validade do método, reforçam-na, permitindo desenvolver a reflexividade e a individuação, como no caso da pesquisa de Isabela. É importante também convidar o leitor a seguir as reflexões e evoluções dos momentos de hesitação do pesquisador: apontar o problema metodológico e expor suas escolhas é permitir que o leitor compreenda o caminho interpretativo seguido. É por isso que insisti na necessidade de pensarmos a pesquisa como uma individuação: uma mudança de forma a partir de um potencial e uma singularização, conduzindo a pesquisa a assumir uma forma específica. Ou seja, na individuação o método, a

pesquisa e o pesquisador evoluem juntos. Fazer uma pesquisa é criar uma situação problemática que demanda inventar soluções criativas a partir dos potenciais dessa situação. Isso requer não controlar tudo, como você diz, para acolher o que acontece, para lhe dar hospitalidade, ou seja, para deixá-lo se instalar, para trazer sua diferença e fazer suas perguntas, para nos questionar. O inesperado não é apenas algo que acontece quando o que não estávamos esperando se apresenta de forma surpreendente, mas fazer com que algo aconteça que não estávamos esperando, que possivelmente não poderíamos esperar que acontecesse. Isso não é tarefa fácil, entretanto é tarefa vital para assumirmos a responsabilidade de transformarmos nossas formas de vida e nosso entorno a partir do trabalho que optamos seguir e do contexto acadêmico que nos permite pensar, avançar e resistir.

## ENCONTRO 4:

### Reflexividade e escrita

Como vimos anteriormente, uma pesquisa se estrutura em torno de três momentos: i) abertura, exposição, acolhimento, contato; ii) movimento, mudança, deslocamentos; iii) reflexividade teórica, reflexividade sobre todo o caminho, sobre o método, o tipo de contato estabelecido e o entrelaçamento com a teoria. Esse terceiro momento não deve se separar do momento da escrita (e do que chamo aqui de escrita performativa), porque uma parte importante da reflexividade acontece no mesmo momento em que você está escrevendo. O desafio maior é como transmitir o afeto e o movimento se não captamos as singularidades, espessuras e sutilezas das experiências, se não estivermos em contato com os afetos que nos modificam e, assim, modificam nossa escrita. Certamente a reflexão começa antes da pesquisa: ela está em todo lado. Mas ela ganha contornos mais precisos a partir do momento em que o pesquisador entende que precisa fazer algo para além de encontrar a interface mais adequada entre teoria, metodologia e empiria. O momento da reflexividade mostra nosso desejo de transmitir os afetos, porque se nós somente representamos o afeto, se apenas nomeamos o afeto, ele pode morrer. Então, um grande desafio que se apresenta é:

Como manter vivos os afetos, sobretudo em suas capacidades de gerar reflexividade e de afetar o leitor?

Gostaria de começar destacando que o termo “reflexividade” pode ter, à primeira vista, dois sentidos: o primeiro seria a ação de refletir, como a superfície de um espelho reflete uma imagem. O segundo é a reflexão como processo de elaboração, de construção de um conhecimento não previamente dado por uma teoria e a reflexão sobre este processo de elaboração. Para mim, a teoria é o resultado, a representação, o sistema que pode ser fechado, que não vai mudar. De modo contrário, a reflexividade – a reflexão acerca das trajetórias, escolhas e análises – traz o movimento, a abertura ao inesperado. O importante aqui não é usar um método estabelecido, mas usar a reflexão e perguntar-se constantemente: “O que eu estou fazendo com isso, e como fazendo isso? Quais são os efeitos desses tipos de contato com as pessoas, ou com a organização? Se eu vou fazer desta maneira, o que eu não vou ter, o que posso ou não trazer na minha pesquisa? E se é feito esse gesto, quais são as consequências? Por que as pessoas respondem desse jeito, ou não?” Tais questões nos transportam para o campo da ética, para a consciência que um pesquisador deve ter acerca dos efeitos de sua investigação, efeitos que podem ser visíveis ou invisíveis, mas que indicam que a relação com as pessoas vai mudar, vai ser determinada pelo curso das interações e, quando chegar o momento das análises, vai ser necessário refletir sobre o percurso, pensar os materiais sob outra perspectiva. Os afetos nos colocaram em movimento, a pesquisa e nós mesmos nos tornamos individuais, é hora tanto de refletir sobre todas essas mudanças de posição como de nos perguntarmos como transmitir esses movimentos, como comunicar ao leitor, como compartilhar com o leitor, a chance que tivemos de aprender, de sermos colocados em movimento pelo encontro desses rostos, esse pedaço de mundo que estamos estudando. A escrita é o momento da reflexão e da transmissão.

Não existe uma forma de escrever com os afetos. A escrita é uma pergunta ou um problema que tem que ser feita de acordo com cada investigação, para delinear os contornos dos afetos e inventar uma maneira de transmiti-los. Então, ao invés de falar sobre escrever em

geral é provavelmente melhor seguir alguns exemplos, ou melhor, alguns mestres.

### **Alphonso Lingis, nossas convicções abaladas**

Um bom exemplo de reflexividade nos é oferecido por Alphonso Lingis (2016). No texto intitulado “Justice”, ele conta duas histórias. Inicialmente, o texto começa lembrando algumas noções teóricas, ressaltando a concepção de justiça distributiva. Ao retomar uma ideia da justiça como forma de “obediência à lei”, Lingis destaca o caráter universal presente na razão kantiana. Ao mesmo tempo, ele questiona essa dimensão universal de uma justiça pautada pelas normas e regras:

A justiça é um valor e uma virtude que cada um de nós reconhece. Justiça! Nós, individualmente e coletivamente demandamos. Mas assim que começamos a pensar sobre a noção de justiça, mais confusa e nebulosa ela se torna... E então, um dia, você vê a justiça, ela se materializa diante de seus olhos.<sup>1</sup>

Assim, depois de elaborar uma apresentação bem clara, ao estilo de um professor de Filosofia, lembrando os pontos-chave da teoria da Justiça de Kant que ressoa com nosso senso comum, aproximando-a de uma abordagem distributiva da justiça, ele nos conta duas histórias. Diferentemente da descrição e da representação do conceito de justiça via elaboração teórica, o gesto de produção de duas relações será suficiente para que nós compreendamos que justiça para ele é muito mais do que uma regra de ampla aplicabilidade. Além disso, a opção de oferecer um relato nos permite participar da elaboração do conceito de justiça que Lingis quer propor que nós repensemos. Ele nos convida a reagir, a refletir, sem prometer, ao fim, “uma moral da história”. Dito de outro modo, o texto não é uma afirmação, é um convite para um engajamento. Esse é um texto performativo, escrito como relato que demanda certa abertura de quem o recebe. Esse é o princípio da reflexividade. Ela

---

<sup>1</sup>Do original: “Justice is a value and a virtue that each of us recognizes. Justice! We individually and collectively demand. Yet as soon as we begin to think about the notion of justice, the more confused and nebulous it becomes... And then, one day, you see justice, it materializes in front of your eyes”.

requer uma atenção contemplativa ao que acontece conosco no dia a dia, e que depende de uma sensibilidade, de uma capacidade de acolher e refletir sobre a situação.

O gesto performativo de Lingis obedece a um desejo, que pode ser expresso da seguinte forma: “Eu tenho a impressão que, tendo vivenciado uma experiência singular, tem algo a dizer sobre justiça e vou compartilhar com vocês”. O relato oferecido dispõe os múltiplos elementos que o afetaram, mas a questão permanece aberta. Na leitura, nós somos tocados, temos uma curiosidade, intuímos que a experiência narrada tem algo de muito importante, mas que precisamos refletir sobre isso. Contudo, Lingis não diz explicitamente a seu leitor: “pense agora sobre o que narrei”. Nós precisamos fazer a reflexão, porque o modo de interagir como esse texto não é, de forma alguma, próximo do modo como seguimos uma história cinematográfica de Hollywood, por exemplo, que nos oferece pronto o enredo e nós só precisamos seguir a ação. No relato de Lingis, algo foi dado a refletir. Seu gesto não é o gesto de um teórico que apresenta uma verdade, mas de alguém que entende a pesquisa como movimento, como exercício constante de ativação das várias afetações que constituem uma experiência: ele prestou atenção à situação vivida, em seguida refletiu sobre os sentidos por ela despertados, sobre as suas lembranças e reações. Assim, sem que fosse necessário explicar o que seria sua concepção de justiça, somos guiados, junto com ele, através da trajetória reflexiva e conflitiva que o conduziu de um ponto de vista a outro, ou, melhor, de uma certeza a um desconcerto que força a repensar.

Sob esse aspecto, os afetos abrem uma fresta, uma brecha no pensamento, pois quando achamos que temos certeza sobre algo no mundo, somos convidados a rever e a revisitar nossos pressupostos, aquilo que é tido como dado. Lingis produz para nós um papel de “espectadores emancipados”, como disse Rancière, na construção desse relato sobre a justiça. E, ao mesmo tempo, destitui-se da obrigação de encarnar o papel de professor, daquele que detém a interpretação correta sobre um fato. Para fazer isso, ele tem que conferir especial centralidade ao corpo e à materialidade da experiência. Esse aspecto fica mais claro no exemplo

ligado ao assalto que ele sofreu no Rio de Janeiro, enquanto caminhava pelo calçadão da praia de Copacabana.

Temos, antes de tudo, que nos lembrar de que Lingis foi professor de fenomenologia, assim como Lévinas e Merleau-Ponty (que traduziu alguns livros chave de Lévinas). A fenomenologia se preocupa em investigar como as coisas apresentam-se, como um fenômeno vem a você e aparece para sua consciência (e, claro, como nossa consciência apreende os fenômenos que se manifestam a ela). Lingis não descreve aqueles que o assaltaram como crianças das favelas cariocas. Se ele, ao relatar, aciona esses enquadramentos desde o início, tanto ele quanto os leitores provavelmente irão produzir sentido através de categorias e esquemas imediatamente aplicáveis e explicativos. Ele fala de sua lembrança dos olhos, de os corpos estarem enrolados em cobertores, de ter visto uma faca em meio a esse jogo frenético de movimentos. O modo como ele escolhe apresentar a experiência que viveu possui uma abordagem única:

Enquanto mantinha meus olhos fixos na faca fálica em minha garganta, eles, reduzidos eroticamente a olhos reluzentes e cobertores, tinham levado meu relógio e minha carteira com os dedos leves como carícias.<sup>2</sup>

A descrição reflete a forma como ele sentiu a situação, com erotismo, destinando um lugar especial ao corpo, ao toque e à aproximação de uma alteridade radical cuja demanda se apresenta primeiramente aos sentidos, mediada por eles, na situação vivida. Ele não assume o lugar de um narrador distante dos acontecimentos, mas constrói um relato autoetnográfico sem colocar a si mesmo como herói que supera um assalto, ou como vítima. Assim, percebemos o quanto é importante para ele descrever como o afeto vem, como atravessa e encontra seu corpo, como ele percebeu o outro que o toma de assalto, que o faz refém.

O texto de Lingis questiona nossa idéia comum da justiça, mas também dá um passo decisivo: torna o leitor, de fato, um interlocutor, uma testemunha que não pode deixar de ser afetada pelo que está viven-

---

<sup>2</sup>Do original: "Keeping my eyes fixed on the phallic knife at my throat, they, reduced erotically to gleaming eyes and blankets, had taken my watch and wallet with fingers light as caresses".

ciando, e a quem são negados os quadros habituais de tal narrativa. Nós não sabemos, em momento algum da leitura, qual é o argumento que ele tem a defender, pois não há uma representação do vivido, não há a preocupação de prover uma explicação. Mas nós podemos sentir e intuir, através das pistas que ele oferece, os elementos necessários para refletir. Ele explicita ao início que, para pensar a justiça, é preciso considerar a questão da razão universal e da contextualização do dilema enfrentado, mas esse contexto não é totalmente conhecido. Lingis nos mostrou que quando estamos imersos em uma cultura diferente, mas acima de tudo em um acontecimento singular, em um encontro com a alteridade, nunca sabemos exatamente o que está acontecendo. Assim, você precisa esquecer tudo que você sabe para acolher o afeto, acolher a situação do jeito que ela vem e se apresenta. E a ideia da justiça distributiva que foi explicada no início do texto, se ele seguisse essa ideia, pode ser que três jovens fossem presos ou mortos pela polícia, pela ideia da justiça, pela razão que fortalece um senso comum de justiça (a polícia pediu-lhe que reconhecesse três jovens da favela, provavelmente estranhos ao caso, para que a justiça pudesse ser feita). Ele nos revela que a ideia da justiça não é somente uma ideia intelectual, acadêmica, ainda que essa ideia seja muito importante, tem um efeito sobre as vidas. Contudo, Lingis diz que a justiça se manifesta, ela não é pré-configurada. O que importa é como ela vai aparecer: e ela pode aparecer como relances de gestos e movimentos, como olhos, como rosto, como a potência do corpo do outro, como aquilo que brilha no encontro com essa outra pessoa, o encontro da situação.

O que acontece não são apenas pessoas e uma situação, mas rostos. Lévinas destaca o rosto como aquilo que se manifesta no encontro em relação com a alteridade. Para ele, o rosto não se confunde com a face humana, mas se manifesta como uma demanda, um chamado, uma interpelação na qual o outro pede uma resposta, solicita algo, instaura uma situação na qual uma relação especial se apresenta: uma relação que não exige diálogo, ato de palavra, mas requer responsabilidade e acolhimento. Em um outro extrato do relato de Lingis, percebemos que os policiais que interpelam os garotos insistem de desumanizá-los, em apagar seus rostos expondo sua nudez, sua vulnerabilidade, silenciando

qualquer clamor que pudesse nascer entre os garotos e aqueles que os observavam:

Os policiais fizeram cada um dos três garotos ficarem de pé, se virarem e tirarem suas roupas. Aí eu pude ver todos d'eles enquanto insistiam que havia sido aqueles três.<sup>3</sup>

A polícia militar estava acusando e humilhando, revelando a nudez dos corpos e dos rostos, afirmando que aquelas vidas não valiam nada. Mas Lingis percebeu que não poderia dizer que foram os três jovens que o roubaram. Ele estava chocado com a situação e com a autoridade da polícia militar em afirmar “nós conseguimos achá-los, buscamos os culpados, somos heróis, a justiça vai acontecer”. A isso, Lingis só podia responder: “não, não são eles”. Essa postura não nada a ver com as nossas formas de pensar a justiça pré-enquadradas. Essa história do assalto, que pode acontecer a todo mundo, nos revela como essa ideia de justiça pode ser falha. Na condição de saber ouvir, de ter essa sensibilidade a essa ‘palavra’ que vem da experiência, do mundo, da vida. Não tenho tempo para desenvolver aqui essa reflexão, mas depois de ter falado sobre a injustiça, Lingis mostra a injustiça que acontece diante de seus olhos em um mercado indonésio onde um policial sabe como “distribuir” a todos o que é mais valioso e onde os papéis de ladrões e vítimas circulam entre os protagonistas.

A percepção de outra forma de justiça faz tremer, mudar nossas ideias preconcebidas, porque não podemos só seguir uma única ideia de justiça. Se adotamos uma perspectiva na qual a justiça se confunde com a aplicação da lei, da força da lei, dificilmente produzimos essa justiça da qual nos fala Lingis, extremamente entrelaçada à ideia da ética que se produz no encontro com o rosto do outro, com a situação. Lingis joga Lévinas contra Kant, mas não é um sistema contra outro sistema, porque Lévinas não é um sistema. É mais um acolhimento ao que nos convida, ou nos obriga, a pôr em movimento um sistema que julgávamos seguro-

---

<sup>3</sup>Do original: “The cops made each of the three kids stand up, turn around, take off his clothes, so that I could see all there was to them as they insisted it was these three”

mas que deixa de fora certos rostos, rostos minoritários, rostos vulneráveis. Os rostos dos três jovens funcionam como uma rachadura.

Aqui é preciso esclarecer que o processo de escrita e reflexão de Lingis não é convencional, não segue o roteiro acadêmico do qual partimos de um autor ou conceito e depois tecemos críticas e apontamos contradições. Lingis não escolhe a teoria kantiana de justiça para desconstruí-la e provar que estava equivocada. Longe disso: ele parte de um acontecimento para então elaborar toda uma enunciação que não tem como objetivo desafiar autores e teorias, mas produzir e ressaltar a singularidade de momentos únicos e fugazes. Ele se posiciona contra uma razão universal, pois deseja a particularidade, o encontro com a alteridade radical. Não se trata de rejeitar nossa concepção majoritária de justiça, mas de mostrar que ela pode nos tornar insensíveis ao rosto do outro. Lingis busca uma ética não majoritária. Lingis dialoga com Lévinas uma vez que ele pretende fazer valer uma ética da responsabilidade pelo outro que aparece diante de mim e a quem não posso negar uma resposta. A justiça kantiana é baseada na letra da lei e não na singularidade do encontro com a alteridade radical. Assim, o rosto do outro vem antes de minha ontologia, de todas as formas de conhecimento, pois não se pode apreender um rosto pelo conhecimento: somente podemos responder a ele, nos responsabilizarmos por ele. O evento, a situação, ou o outro podem vir antes do projeto do conhecimento. Nós geralmente fazemos o contrário: elaboramos o projeto de pesquisa e depois nós aplicamos conceitos, nós vamos apagando os vestígios da alteridade e, como dissemos ontem, o que essa reflexão nos indica é que nossa autoridade acaba prevalecendo e, como discutimos, há muitas questões éticas implicadas nessa maneira de fazer pesquisa.

É importante ter em mente aqui que esse texto de Lingis não é um modelo, não é uma tentativa dele em apontar a boa maneira de fazer pesquisa, ou mesmo a maneira “certa”. É uma maneira apenas, uma forma de enfrentar as dificuldades de se responder ao rosto do outro que nos interpela e nos implica eticamente em uma relação que nem sempre está baseada em diálogos, conversações e acordos. Não se trata de encontrar receitas, mas de formular questões e dilemas sobre os quais nós precisamos pensar, refletir, encontrar uma forma de agir,

fazer e produzir. Não se trata de aplicar um método, mas de refletir eticamente sobre a questão: “como vamos fazer?”. Mais uma vez, aqui está o sistema de pesquisa que o encontro com o rosto do outro nos pede para movimentar: como sentir e escrever a voz que o sistema majoritário não consegue ouvir, e pensar?

### **Kathleen Stewart, o dizer de impressões opressoras**

Ao lado de Lingis, mas um pouco diferente de sua abordagem, gostaria de mencionar o trabalho de Kathleen Stewart. Os dois propõem maneiras bem diferentes de fazer pesquisa e eu gostaria de explorar alguns exemplos e fazer considerações acerca das proposições de Stewart. A introdução do livro *Ordinary Affects* é muito densa: seu pensamento, muito vinculado à Deleuze, apresenta as conexões entre afetos, devires e escrita, em poucas linhas impressionantes. No restante do texto, com descrições impressionistas e um vocabulário escolhidos de maneira minuciosa – ela nos apresenta uma série de pequenas pinturas da vida cotidiana que nos oferece impressões opressoras de que algo vai acontecer. Na primeira página da introdução, ela afirma que conceitos como “neoliberalismo, capitalismo avançado e globalização”, os quais rotulam os tempos que vivemos, não servem para descrever a situação na qual nos encontramos, porque eles são grandes demais. Em todo o texto vemos a sombra desses termos, mas ela encontra uma forma de não utilizar essas palavras, pois elas podem explicar o sistema, mas não explicam e nem descrevem a situação ordinária, a cena de potência e exaustão, o contínuo fluxo e as contingências da vida cotidiana, uma vez que o significado destes termos confere sentidos, afeta e imprime o contemporâneo.

Assim, o que ela consegue fazer é, em alguns momentos, salientar que algo vai acontecer, que há uma emergência do inesperado e do imponderável. A questão, como autora / pesquisadora, é como ela vai reconhecer esse algo e por que esse vai ser da ordem dos afetos. Stewart, então, afirma que os afetos se agenciam ao momento em que ela sente que algo está acontecendo – algo acontece, mas ela não sabe o quê... porque é múltiplo, em devir, sempre ainda a ser pensado. A definição

que ela oferece apresenta os afetos ordinários como “capacidades emergentes que podem fazer com que alguém afete e seja afetado, conferindo à vida cotidiana a qualidade de um movimento contínuo de relações, cenas, contingências e emergências” (2007, p.2).

É interessante notarmos as palavras que ela utiliza: movimento, cena, contingências, emergências. Esse não é o vocabulário usual da representação, mas uma sintaxe do processo, um jeito de construir a enunciação para evidenciar que algo está sempre em movimento, nunca estabilizado ou bloqueado, à mercê de várias contingências. Isso, claro, não significa que processos de transformação são isentos de historicidade, mas que a organização dos relatos que fazemos das experiências não precisa obedecer à causalidade normalizante da produção de representações que tendem a querer explicar o real. Toda pesquisa, por exemplo, pode ser entendida como movimento, como processo situado e não como a execução de uma regra ou protocolo universal. Poderíamos dizer que, quando estamos ‘em pesquisa’, algo está em processo, algo vai acontecer, e é nesse momento que você sente algo importante, ainda que não consiga nomear ou descrever de imediato. Vital para a pesquisa é essa zona de experimentação e de indecidibilidade na qual nos permitimos duvidar e colocar em xeque os pressupostos que nos conduzem através do trabalho de produção constante de inferências.

Acredito ser de extrema relevância o modo como Stewart denomina os afetos ordinários como um tipo de “zona de contato”, uma vez que, na pesquisa, é central encontrarmos uma zona de contato “na qual as sobredeterminações de circulações, eventos, condições, tecnologias e fluxos de poder podem literalmente ocorrer” (2007, p.5). Quando ela fala dos afetos, ela quer abranger tudo que nos desperta interesse, sem nos esquecermos de que nossos “objetos” de pesquisa são um entre vários elementos que produzem arranjos distintos em meio a fluxos de poder, usos da tecnologia, emergência de eventos e reprodução da condição social. Por exemplo, quando realizamos uma pesquisa acadêmica, a zona de contato em que emergem os afetos, é composta por uma articulação de vários elementos: a condição de ser um professor na universidade pública, a pressão para publicar, a oferta escassa de periódicos e revistas (que quase ninguém vai ler), os entraves de circulação do conhecimento.

Não se trata, contudo, de fazer uma crítica do sistema como algo intrinsecamente nocivo: Stewart vai se perguntar sobre quais tipos de afetos são gerados pelos sistemas, e aí serão os afetos que irão demarcar os dissensos, as concorrências e tensões, o desenho das redes de influência e conflito. Assim, essa autora define o problema da produção acadêmica como um arranjo que articula as injustiças do sistema, do funcionamento do sistema, e o circuito dos afetos ordinários, ou seja, aquilo que nós sentimos todos os dias enquanto precisamos fazer nossas pesquisas. Assim, os efeitos oferecem uma zona de contato entre dois mundos (o mundo estudado e o mundo do pesquisador) sem que um domine, explique ou conheça o outro completamente.

Stewart nos fala acerca de coisas moventes, de processos que possuem a capacidade de nos deslocar, de não repetirmos as mesmas trajetórias, de nos colocar em movimento e de promover a circulação de nossas ideias, de incentivar a criação constante de novas possibilidades. Os afetos não são fixos e nem existem previamente: eles precisam ser mapeados através de diferentes formas de composição e articulação de eventos. Esse ponto é muito importante na reflexão da autora, uma vez que não há uma maneira de apresentar ou representar a situação. O que os afetos requerem de nós não é a segurança da explicação fundada em conceitos, mas justamente a insegurança do não saber, a dúvida que surge diante de nós quando somos interpelados por acontecimentos para os quais não temos definições prontas. A escrita é sempre um problema nesse caso: como escrever sobre aquilo que não encontra correspondência nos livros? Como escrever ou apresentar o vivido, como comunicar uma experiência sensível da ordem da transformação radical?

O objetivo de Stewart é nos mostrar que podemos adiar a tendência de rapidamente construir representações para nossos achados de pesquisa, de modo a termos condições de nos acercarmos dos complexos e incertos objetos e fenômenos que nos fascinam, justamente porque eles nos impactam e nos desestabilizam. Sob esse aspecto, o trabalho da escrita tem que se configurar como um esforço contínuo para contemplar as intensidades e sutilezas dos encontros com o “comum” – aqui entendido tanto como aquilo que é rotineiro, quanto como o que é partilhado com os outros – a partir de uma atenção construída através do olhar

etnográfico para gestos e fluxos que tendem a despertar nossa atenção e curiosidade para o infamiliar, o insólito, aquilo que nos interpela a partir do espanto. É justamente porque algo é incomum, não imediatamente compreensível pelos nossos padrões habituais, que esse algo nos pede para pesquisá-lo, nos coloca “em pesquisa” junto com ele.

A questão trazida pelos afetos não se refere ao que eles poderiam significar em uma ordem de representações, mas ao rumo através do qual podem nos conduzir. Ao mesmo tempo, os afetos nos desafiam a descobrir “quais potenciais modos de conhecimento, produção de relações e apreensão das coisas já estão presentes nos objetos de nosso interesse em um estado de potencialidade e ressonância” (STEWART, 2007, p.11).

Seguir a potencialidade e a ressonância das relações que já se encontrariam presentes de modo latente nos objetos e eventos de nosso interesse não é nada fácil, porque não é algo que se encontra habitualmente visível, perceptível, aberto à exploração cientificamente interessada. É no plano de uma sensibilidade, de algo que nós não estamos acostumados a sentir, mas que, de modo intrigante, pode ser alcançado por meio de uma estratégia ordinária (o que não quer dizer, em absoluto, simples). Estar sensível às experiências de contato trazidas pela pesquisa não se reduz a ativar, racionalmente, uma espécie de “radar” ou “sensor” previamente instruído ao que possa relacionar-se aos interesses e objetivos de um projeto, mas requer assumir uma responsabilidade ética pela produção do percurso e pelos desdobramentos dos gestos desenhados para que os contatos se tornem possíveis. Dito de outro modo, mostrar interesse pelos afetos não é somente uma estratégia epistemológica, há uma questão ética envolvida, uma necessidade de atentar para as condições nas quais cuidamos não só da elaboração de nossa pesquisa, mas também das transformações que ela possivelmente terá nas vidas de todos os que nela estão e estarão envolvidos.

### **Um lugar para outros afetos**

Acredito ser importante retomar aqui uma pesquisa que desenvolvi com o professor Carlos Mendonça e que ganhou seus primeiros

contornos no contexto da disciplina que ministramos juntos no PPGCOM em 2015. Partimos das considerações feitas por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy no livro “*A estetização do mundo*”. Os autores argumentam que a lógica concorrencial do capitalismo - que coloca empresas disputando com empresas, cidades disputando com outras cidades, pessoas querendo superar as qualidades e habilidades de outras -, se faz na dimensão estética. A beleza é valorizada globalmente e tudo o que entra em disputa tende a querer ser superior em relação a elementos de beleza, diversão, fruição prazerosa. Ao contrário da crença generalizada de que o capitalismo só produz coisas feias, desprovidas de qualidades estéticas; beleza e qualidades estéticas constituiriam uma vantagem competitiva. O esforço que fizemos em nossa pesquisa foi de dizer: não, o movimento não é geral, universal. O que Lipovetsky e Serroy afirmam é interessante e partimos dessa reflexão, mas tem algo que não podemos aceitar, algo que não corresponde à nossa experiência. Nosso contato com o universo das artes, especificamente as artes das ruas, que são movimentos estéticos que são contra uma dada racionalidade ou se realizam fora de circuitos hegemônicos, constituem outro lugar que resiste ou subverte esse processo da estetização do mundo. Nós falamos em uma guerrilha. Não se trata de uma guerra, pois guerrilhas são lutas menores e múltiplas, mas muito importantes para aqueles que fazem as lutas. Não é uma guerra de grande vulto, na qual há o antagonismo que coloca um pretense inimigo contra outro. E uma dessas guerrilhas é o Duelo de MCs, realizado embaixo do viaduto do bairro de Santa Tereza, aqui em Belo Horizonte.

Chamamos de “guerrilheiros do sensível” as pessoas que tomam a experiência dos corpos e das artes como armas. Então, são pequenas batalhas que se servem do estético para a produção de resistência. Enquanto o espaço é cada vez mais gentrificado, essas pessoas, com seus efeitos de presença, conseguem estabelecer condições de insurgência e denúncia, utilizando a performance como instrumento central para a elaboração de suas demandas e enunciações. O “guerrilheiro do sensível” vai trabalhar e operar nesse sentido. Em um primeiro momento, fizemos uma experiência na cidade do Recife, com o grupo de pesquisa do professor Jéder Janotti e uma companhia de dança, na ocupação cultural de um

espaço degradado. Na cidade de Belo Horizonte, houve o acompanhamento da experiência da Praia da Estação e do Duelo de MCs.<sup>4</sup>

Quando nós começamos essa pesquisa, o Duelo foi interrompido por mais de um ano, porque o lugar onde esses duelos aconteciam foi “estetizando”. Havia em pauta a implementação de um projeto para refazer e reconfigurar o espaço localizado embaixo do viaduto Santa Tereza, no qual os duelos aconteciam todas as sextas-feiras à noite. Posto em prática pela prefeitura, o projeto de “revitalização” entendi que era necessário transformar o espaço em lugar de convivialidade pelas famílias, pelas “pessoas de bem”, que desejam maior segurança em locais que deveriam ser agradáveis ao convívio social. Assim, os Duelos de MCs foram suspensos em uma clara batalha pela reapropriação desse lugar. No nosso encontro do primeiro dia, a Isabela Paes leu um texto que elaboramos a partir da experiência que tivemos na primeira vez que fomos a um duelo. A impressão que tivemos era de uma grande energia, como se fios eletrizados articulasse os corpos jovens, em uma potente aliança, no sentido utilizado por Judith Butler. Não se tratava somente de definir onde os duelos dos MCs vão acontecer, era fácil sentir que tinha algo mais importante sendo desenhado como pano de fundo, mas o quê?

Sabemos que esse momento da proibição dos duelos estava relacionado com muitos outros eventos que se desdobraram a partir da administração da cidade à época, envolvendo outras relações de poder e redes de tensões com o poder público. Contudo, seria fácil demais dizer que a situação era essa ou aquela, vinculando-a a uma imagem ou a uma teoria já conhecida. Na pesquisa que envolve os afetos ordinários, não queremos nos contentar com explicações rápidas, com esquemas de inteligibilidade facilmente disponíveis. Para nós, houve estranhamento: algo nos acontecimentos resistia à nossa apreensão e busca de entendimento. Foi possível sentir que havia algo muito pesado na situação, algo que relacionava uma batalha contra o higienismo, contra a privatização dos espaços públicos, contra a falta de transparência e participação, contra as barreiras que cerceavam o acesso a determinados espaços da cidade, a seus monumentos, etc. Somava-se a isso uma restrição de

---

<sup>4</sup>Para saber mais, ver: MENDONÇA, MORICEAU (2015)

certos estilos de vida populares, o aumento das legislações da vida cotidiana e tributações, a crescente impressão da estetização que pesa sobre as habilidades, as expressões, sobre a potencialidade dos vários mundos habitados pelas pessoas.

Era também possível sentir que as pessoas que se reuniam embaixo do viaduto tinham uma grande capacidade para resistir. Seu agir era minoritário, no sentido de que sua possibilidade de expressão e desterritorialização colocava em xeque a organização habitual dos espaços, das legibilidades e das formas de ocupação da cidade (o viaduto foi ocupado por muito tempo, foi palco de ações movimentadas em redes sociais...). A situação de troca, comunicação e enunciação que presenciamos nos permitiu ver como a palavra e o excesso de palavras cria constrangimentos para as ordens hegemônicas a ponto de instaurar dissensos onde o consenso era para ser supostamente semeado. Além disso, para fazer você sentir aquele ambiente pesado e envolvente, escolhemos demarcar dois territórios bem distintos, a partir de duas possibilidades diferentes de ver o viaduto: poderíamos percebê-lo a partir do olhar da estetização do mundo. A princípio parece um lugar abandonado, feio, pixado, deteriorado. Mas esse lugar era uma parte central da cidade, espaço de passagem de poetas e artistas que por ali flanavam e criavam seus versos e obras. Poderia ser associado a um lugar para passeios agradáveis para gente “de bem” ou a um monumento para turistas, mas é também um lugar habitado, com uma alma, um passado, cheio de emoções e lembranças, um lugar onde se desenvolvem práticas não maioritárias, mas vibrantes e inventivas. O lugar de uma outra estética.

A estetização do mundo não é o fim da história. Ela procura impor uma única estética, mas ela não consegue estabelecer uma ordem e um controle social dos quais o movimento de insurgência seria excluído. Não podemos nos esquecer de olhar para as contra-estetizações, como os duelos de MCs. Assim, existe uma guerrilha entre essas estéticas: a expansão global de um padrão único do que é considerado “belo” e expressões desestabilizantes de artes e línguas menores. Embaixo do viaduto de Santa Tereza, as pessoas ocupam esse espaço público como forma de contestação e recusa de uma estetização que se aproxima do controle biopolítico. Na França nossa forma de lutar é fazendo mani-

festação nas ruas, com cartazes, bloqueando passagens e impedindo os fluxos normais de circulação, há também agachamentos, invenções e intervenções dos artistas. Mas nesse caso específico dos duelos, assim como em *Wall Street*, na Grécia e na Turquia, a ocupação se configura como um modo de protesto que tem uma relação outra com a propriedade, com autogestão dos espaços urbanos, fazendo com que reparamos nossa relação com o bem comum.

Mas aqui estou falando do contexto, sem falar das performances. O que a escrita tem que expressar é a ressonância entre a presença viva durante os duelos, como ela nos afeta e como ela nos obriga a repensar a situação. O modo como nós sentimos a situação constituída em torno dos Duelos que presenciamos abarcava o espaço, o tempo e as performances corporais dos sujeitos que estavam no palco e também dos espectadores. Os jovens MCs subiram no palco e, naquele momento, cada um deles tenta superar com seu brilho a outra pessoa que os desafia com rimas: o sentido da luta não é tanto o embate antagônico, mas a construção conjunta de um jogo prazeroso e de uma visibilidade que pode projetá-los como interlocutores em espaços almejados de reconhecimento. Vencer nesse espaço significa também construir uma reputação, ter a possibilidade de gravar discos, ter contato com pessoas muito importantes. Subindo no palco, eles podem se tornar famosos ou permanecer desconhecidos. É um momento muito liminar. Nas entrevistas que fizemos com alguns desses jovens eles afirmam que as apresentações abrem a possibilidade de mudarem de vida devido ao sucesso.

O que encontramos de forma impactante foi uma energia colossal, uma vontade de existir e, acima de tudo, um lugar e uma experiência de liminaridade. Nós fomos para a cena dos duelos esperando uma situação de batalha, de guerra contra a estetização do mundo, contra a prefeitura. E isso estava lá, de algum jeito, mas nosso primeiro desafio era suspender a racionalidade trazida por nossas leituras e pelo quadro teórico-reflexivo que nos guia. Assim, ao assistirmos a esses duelos, o primeiro afeto que nos tomou de assalto veio da energia da juventude, do comum, das emoções que atravessam todo mundo. E, num segundo momento, o movimento foi de tentar entender como essa impressão de que não era uma luta (um embate no qual se “elimina” um oponente)

podia ser expressa em uma escrita que evidenciasse os duelos como liminar, como esforço negociado e tenso para subir, para viver, sobreviver, ser considerado. Não era uma questão de mobilizar os jovens e dizer: “vejam como estamos todos juntos contra a prefeitura”, mas de expressar como “jogam” juntos e como, em situações extremamente adversas e liminares, “conseguimos transformar o mundo em um lugar habitável, em um espaço de realização de devires, de transformações e aprendizados”.

Se a escrita perde o jogo, o prazer das palavras, a energia e, sobretudo, essa liminaridade, então não será justo, não poderá oferecer ao leitor uma peça da experiência. Ficaremos presos às concepções iniciais: não teremos sido colocados (e o leitor) em uma situação de liminaridade, jogo e energia. Encontrar esses mestres de cerimônia, mestres que nos ensinam muito do que sabem nas ruas, nos palcos dos duelos e nos espaços liminares da cidade, foi muito diferente do que esperávamos, pois não se tratava apenas de uma luta “contra”, mas também era uma luta “com”, ao lado de, diante do outro (outro que não pode conhecer totalmente, dominar ou representar). Havia concorrência, mas não a concorrência do capitalismo predatório, e sim uma concorrência que é um jogo, um jogo sério. E que é muito mais liminar do que o mundo dos negócios, que reivindica legitimidade devido ao permanente desafio dos lugares. Lá, todo mundo parabeniza, aplaude e saúda algo que foi uma luta e um jogo ao mesmo tempo. E os lugares podem mudar bem rapidamente.

É a partir dessa diferença de atmosfera, ambiente, energia que sentimos que tínhamos que aprender algo, que não era o oposto, mas de uma natureza diferente do que esperávamos. Percebemos aqui um choque entre estéticas distintas: a estética do espaço liminar e a estética bem ordenada e organizada da cidade. Para que essa diferença seja sentida, passamos para a estética, que é bem diferente dos discursos e do que a estetização do mundo busca promover: atratividade e ordem para os negócios. E que podíamos sentir como uma estética do *junkspace*, dos não-lugares com seu paroxismo em os shopping centers.

Quando você entra no shopping, sabe que seu lugar não vai mudar, não vai ter jogo, porque nada está em jogo. Tudo é estável, todos sorriem

no “junkspace”, nada questionam e nada colocam em suspenso. Essa é uma expressão de um arquiteto holandês, Koolhaas, que diz que estar no *junkspace*, é como estar em uma jacuzzi com milhões de amigos sorrindo, mas que, na verdade, é uma definição do inferno, porque não tem uma relação, não há movimento, transformação ou criação de vínculos. O *junkspace* é o não-lugar, nada atinge você, nada afeta você. Nós temos a teoria, ou quadro teórico, nós temos impressões, afetos, nós temos o movimento, como teorizar? Como pensar isso?

Chegamos, então, no momento em que era necessário escolher uma forma de escritura que nos permitisse evidenciar ao leitor como a estética do espaço liminar promove movimento, ruptura, transformações e variações constantes. Ao contrário da estética no *junkspace*, que nada coloca em movimento, que veta o livre jogo e que tem nada a ver com a batalha dos jovens por um novo estilo de vida. Partimos do pressuposto de que a performance dos jovens nessas cenas de duelos continha algo que a conectava com uma forma de teatralização. Nesse sentido, recorreremos à reflexão que Deleuze (2010) faz sobre o teatro, ao distinguir entre o que ele chama de teatro da representação e teatro da repetição, crítico.

### **Repetir em vez de representar**

De modo geral, Deleuze nos apresenta um tensionamento entre duas formas de teatralização distintas. De um lado, ele define o teatro de representação como aquele que se limita a trazer os conflitos de maneira a torná-los inteligíveis ao público, deixando inalteradas as regras, normas e conceitos que enquadram os acontecimentos. Não há movimento de mudança ou transformação, o sentido é distanciado e explicado, não produz emancipação, e atua reafirmando as subjetividades liberais. De outro lado, há o teatro da repetição, configurado como espaço potencialmente liminar, capaz de afetar e transformar através de agenciamentos e performances que relançam constantemente o jogo político, histórico, relacionando com o presente os espectros de batalhas passadas. Os momentos de subjetivação política proporcionados pelo teatro crítico são capazes de conferir visibilidade e dizibilidade aos enunciados daqueles que sofrem e padecem. Utilizando os termos de

Deleuze, é como se o teatro da repetição fosse capaz de pintar o grito ao invés do horror, colocar em contacto com o dizer dos insurgentes, adiando ou mesmo recusando a narrativa do horror (representando-o corre o risco de reforçá-lo). É nesse sentido que o teatro da repetição é minoritário, produtor de devires e linhas fuga, de relatos que são mais fugazes, desfocados e difíceis de serem organizados de maneira explicativa, causal.

O teatro da repetição salienta a captura de linhas de força, o não confinamento de corpos, as possibilidades de valorizar gestos de ocupação, articulação e cuidado, a configuração de agenciamentos que não reproduzem as normas e nem os quadros de sentido e avaliação coletiva que dão origem às normas. Isso implica que há um processo de transformação em curso, uma aventura, pois os atores e espectadores envolvidos nesse teatro não sabem o que vai acontecer. Estão tomados por atos que quebram expectativas e derrubam a causalidade de uma narrativa que contém a insurgência ao tentar organizá-la racionalmente. Deleuze deixa claro que, no teatro da repetição, não se encena ou se representa um conflito apenas: isso traz conforto aos espectadores e aos atores, sem deslocá-los e sem deslocar as molduras de sentido que os definem enquanto humanos. Os conflitos devem ter a chance de emergirem subitamente, a partir de uma variação criadora, inesperada, sub-representativa. Por isso, as ocupações se aproximam da análise que Deleuze faz do teatro de Carmelo Bene quando este ele está removendo um elemento de poder, o que vai fazer o desviar-se do modelo, do fato majoritário, permitindo uma variação contínua, uma exploração por excesso ou por falta, o rompimento do limiar representativo e do padrão majoritário. O teatro crítico é capaz de tornar uma potencialidade presente, atual, o que se opõe à representação de um conflito.

O importante no teatro da repetição, assim como nas performances que constituem as ocupações, é ter em mente que seu objetivo não é representar, mas apresentar e abrir possibilidades de florescimento do devir minoritário, o devir que puxa linhas de transformação e de alianças múltiplas, expandindo as mudanças para além dos espaços nos quais estão os atores e suas experiências. Dito de maneira muito breve,

não são as soluções e interpretações que importam, mas os esforços constantes de elaboração e negociação dos gestos ético-políticos minoritários.

Há elementos fortes nos duelos de MC que saem do teatro da repetição, do liminar, da performance; e idealmente a escrita deve fazer sentir essa liminaridade, todas essas conexões e ressonâncias que envolvem os duelos, as forças e intensidades, o grito. A escrita deve ser pensada como uma performance, capaz de repetir em vez de representar as cenas, trazendo os afetos, as forças e as intensidades. De certa forma, elas devem ser, por sua vez, capazes de gritar.

Podemos estender isto a uma reflexão mais geral sobre a escrita na virada afetiva. O papel da escrita é mais de repetir, reproduzir os efeitos do que representá-los, no sentido de nomeá-los, de dar-lhes um lugar e uma forma demasiado claros e ordenados. Se o pensamento deve ser reavivado a partir dos contatos com afetos que perturbam nossas convicções, então o movimento da escrita é de confrontar o leitor, por sua vez, com a experiência, e os estranhos afetos que ela contém, a fim de compartilhar a reflexividade com ela ou ele. A repetição, no sentido de Deleuze, não é refazer a mesma coisa, mas convidar-nos a repetir o percurso de cada vez, a realizar uma jornada que nos ensina, que nos forma e que, a cada vez, com suas diferenças, nos abre à complexidade do mundo, bem como à pluralidade de seu devir. Um mundo esticado por forças e intensidades, que nos afeta, que distorce nossos corpos, nossos pensamentos, nossos modos de viver.

### **Stephen Linstead: escrita afetiva, crítica e performativa**

No primeiro encontro, vimos como Stephen Linstead argumenta a favor de uma escrita performática que não busca representar a experiência do outro, mas convidar o leitor a avizinhar-se da intriga, até mesmo a imergir nela, enredando-o de maneira a deslocá-lo e a fazê-lo trabalhar. A escrita crítica, para Linstead (2007) tem que resultar em textos performativos criticamente afetivos que, através da arte, podem mover o público afetivamente, intelectualmente e praticamente. É um texto para mover, deslocar, alterar. Importa, para ele, usar as possibi-

lidades da arte para escrever, ou para apresentar as coisas. Linstead vai seguir os passos, por exemplo, de Dwight Conquergood, para refletir sobre o papel das performances na elaboração de uma escrita afetiva. Segundo Conquergood, as performances produzem criatividade, crítica e civismo; misturando arte, análise e ativismo. O que Linstead vai fazer é mostrar que podemos usar as performances para escrever textos críticos ou fazer textos que nos tragam uma inquietação, um desassossego. Textos que tendem a abrir ambiguidades, complexificar questões, pontuar o caminho de mistérios e, muitas vezes, exigir ao leitor o investimento em um pensar reflexivo. Esse texto de Linstead nos mostra que um texto performativo tem quatro momentos críticos que perturbam os pressupostos usuais e que possuem um impacto afetivo, que envolve os sentidos e o corpo, criando um trabalho criticamente afetivo. O texto performativo pode se configurar para performar para uma audiência, agindo no pensamento e no sentimento. E ele também pode se configurar como texto em uma concepção bem abrangente, articulando vozes, perspectivas, imagens, técnicas, materiais e ações, produzindo portanto textualidades. Dito de outro modo, o texto performativo tenta instaurar novas formas de pensar, instiga novas formas de ver e ouvir, afetar ou novas formas de experimentar e produzir movimento.

Além disso, os textos performativos criticamente afetivos (*critically affective performative texts*) estimulam uma poiesis de criatividade, afetos e críticas que abre e provoca mudanças e inovações não-prescritivas nos níveis pessoal, organizacional e social. Linstead utiliza o exemplo de uma emissão de rádio (*The radio ballads*, 2007), feita pela BBC, e que teve início em 1957, com Ewan MacColl, Charles Parker e Peggy Seeger. Durante um ano de preparação, um pesquisador acompanhou pessoas que trabalhavam, por exemplo, na construção de uma autoestrada, em uma mina, na pesca de arenques, registrando os sonhos das pessoas através de longas entrevistas. Na sequência, as narrativas eram transformadas em canções por músicos profissionais, que resgatavam o folclore e a cultura local através da participação de letristas atentos à linguagem deste mundo desenhado pela pesquisa. Assim, canções e baladas criavam a atmosfera, os afetos, as experiências vividas e padecidas. Um dos temas desse programa, em uma versão mais recente, era

a experiência de mulheres vivendo com HIV (*The ennemy that lives within*). Na letra da canção transcrita abaixo, vocês vão perceber que algumas falas produzidas no encontro das entrevistas foram misturadas com a letra da música.

“The Sum of What I am”<sup>5</sup>  
I am a woman,  
I have a big life  
A Mother and Daughter  
My lover’s widowed wife  
These things are so much bigger than  
The enemy that lives within  
The shadow underneath my skin  
Is not the sum of what I am.  
I am an exile, I fled alone  
From a civil war that tore apart  
My family and home  
These memories are bigger than  
The enemy that lives within  
The shadow underneath my skin  
Is not the sum of what I am.  
Give it a label, call it by name  
But the life I made before this  
It cannot claim  
That life was so much bigger than  
The enemy that lives within  
The shadow underneath my skin  
Is not the sum of what I am.  
The poison running through my veins  
Spills and leaves a dirty stain  
But it’s not all that will remain  
It’s not the sum of what I am.

Acredito que nenhuma representação que queira descrever a situação narrada possa trazer as emoções, os afetos, como essa canção. E mesmo se pegássemos alguns extratos das entrevistas para trazer a voz

---

<sup>5</sup>Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/radio2/radioballads/2006/hivaid/lyrics\\_thesum.shtml](http://www.bbc.co.uk/radio2/radioballads/2006/hivaid/lyrics_thesum.shtml)>.

das pessoas, soaria falso. Se a canção revela também a atmosfera, a situação, ela é capaz de nos atingir a partir do que as mulheres estão dizendo: elas afirmam que suas existências não se reduzem à doença, pois elas são muito mais. Elas dizem em poucas palavras muitas coisas que têm múltiplas ressonâncias e ecos, mas que fazem sentido em uma atmosfera. Se em nossos relatos não somos capazes de expressar esses afetos e essa atmosfera, certamente estaremos traindo as vozes das mulheres que compartilharam seus testemunhos. Como fazer diante de relatos testemunhais de sobreviventes? Uma possibilidade de fazer justiça a esse estilo do relato é a poesia. Expressões como: “the enemy that lives within”, “the shadow underneath my skin” or “running through my veins”, são expressões que dizem de maneira mais tocante uma parte do sentimento e do padecimento experimentado por elas. São expressões que não dizem exatamente a experiência, entregando-a pronta aos ouvintes, mas evocam um “para além” da representação. Sob esse aspecto, se não trazemos a atmosfera para o acolhimento do outro, para a aproximação do outro que nos chega a partir da dor, não alcançamos a hospitalidade, não conseguimos fazer justiça ao dom que o outro nos faz através de sua narrativa. Há aqui uma relação ética: o pesquisador, no encontro da interlocução para as entrevistas, recebe narrativas que não podem ser reduzidas a citações, explicações ou ilustrações da teoria utilizada no desenvolvimento do trabalho. Se isso ocorrer, estaremos traindo as pessoas com as quais conversamos. Então, como fazer?

Uma saída é apresentar os sujeitos, os relatos, suas vivências e seus dizeres: adiando ao máximo possível a representação. É justamente contrapor o dito ao dizer do rosto, ou seja, atentar para o clamor do outro que nos interpela, deixando de lado os quadros de sentido que nos tornam surdos à voz que nos arranca de nós mesmos para, enfim, conseguirmos criar proximidade com a alteridade. A letra da canção que acabamos de ouvir tenta alcançar o dizer: o enunciado que vai além do que as pessoas podem expressar por meio do signo, mas que pode tocar a partir do sensível presente no som, nas notas musicais, no timbre da voz, na melódica aparição do outro, na cena dissensual criada em torno de um trauma e problematizada reflexivamente.

Linstead argumenta que existem quatro momentos críticos e afetivos que criam textos performativos criticamente afetivos: a) momento estético: momento de amnésia epistemológica em que aquilo que conhecemos é deslocado pelo que sentimos, que nos impede de continuar a corrente de pensamento habitual, a respiração é muitas vezes cortada. Estamos imersos em uma experiência estética, que podemos tentar relacionar com outras experiências estéticas, experiências sensuais, afetos subjetivos, sensações, sentimentos, expressões. O texto também pode recorrer a um uso menor da linguagem ou a presença de metáforas. O momento estético é o momento do encontro, do espanto, quando ainda não temos explicações, quando estamos bloqueados e tentamos entender uma obra de arte, uma peça de teatro, uma música; b) momento poético: aqui, a realização da *significançe* se precipita tão poderosamente e tão rapidamente que vamos ligar o momento estético a múltiplos inícios de sentido, muitas idéias se apressam para tentar conexões, aproximações, um trabalho de recriação de sentido. O momento poético ocorre quando você vai tentar produzir sentido sobre esse contato primeiro, mas ele vai chegar tão rapidamente, que muitas ideias vão chegar juntas, vão se mexer, vão conectar-se com cada um a partir da criatividade. Esses momentos são muito potentes, ou seja, quando a cabeça é tomada por muitas ideias; c) momento ético: é o momento inescapável de contato com o rosto, de proximidade à alteridade que chega e exige resposta e responsabilidade à sua interpelação. Somos confrontados diretamente com a alteridade, muitas vezes com vulnerabilidades, e isso não pode nos deixar indiferentes. No terceiro momento, de movimento ético, como nos posicionamos diante de uma situação que parece novidade, mas que vamos alterando com nossa própria presença em cena e na produção de entendimentos para essa situação?; d) momento político: momento em que as diferenças se tornam visíveis, audíveis ou tangíveis como desigualdades, manifestam-se a divergência de interesses e as disparidades de poder, até mesmo a supressão e a opressão - levantando questões de conflito e mudança. O momento político é aquele em que as diferenças se tornam visíveis, audíveis ou tangíveis, como desigualdades, divergências de interesses e disparidades de poder, até mesmo a supressão ou a opressão, levantando questões de conflito e ódio. São

todos esses momentos que dão origem aos movimentos que o texto vai tentar produzir. Movimentos, forças que afetam, que não deixam um sujeito indiferente, que obrigam a pensar e a se posicionar: nenhuma semelhança com a fria e distante característica da representação, que vai guardar tranquilamente os gestos da pesquisa em uma caixa bem ordenada.

### **Escrita e performance**

Aquela que me parece estar indo mais longe das conexões entre afetos, pensamentos e performances em nosso mundo acadêmico é Alphonso Lingis. Quando ele apresenta um texto dele é sempre através de performances desconcertantes. A cada vez, a apresentação começa com uma música (cinco minutos de Bach, por exemplo) para apagar os afetos e os pensamentos com os quais nos deparamos e mudar a recepção do texto. Lingis vai discutir com a teoria, afetos vão se misturar com a história que ele conta, imagens vão nos atingir, nos tocar, nos envolver, a música vai variar nosso humor e acima de tudo a voz de Lingis vai tornar presentes as cenas, seus sorrisos ou mágoas vão repetir a experiência, causando uma implicação que é bem mais que a simples relatos. E, ao final, novamente um momento no escuro apenas com música promove quatro ou cinco minutos de reflexão. Antes de passar para as perguntas, precisamos de um momento para que os afetos possam trabalhar dentro de nós, pois eles não são uma reação a algo preciso, mas um convite para fazer um trabalho, um trabalho bem importante.

Para finalizar, gostaria apenas de deixar claro que todas essas questões e gestos metodológicos e interpretativos possuem consequências sobre a pesquisa e seus resultados: desenham uma maneira de contar o que é estudado, de se expor e ser atento às suas respostas. A reflexividade consiste em questionar a validade das fontes utilizadas, a oportunidade de certas ferramentas, as implicações de nossas escolhas. Sempre nos perguntarmos sobre como conduzir o trabalho interpretativo, os limites do que podemos afirmar e pensar, pensar o sentido da pesquisa e sua individuação (o assumir uma forma específica e singular). Método, pesquisa e pesquisador evoluem juntos. Fazer uma pesquisa, estar em

pesquisa, é criar uma situação problemática que demanda inventar soluções criativas a partir das potencialidades dessa situação e das articulações que ela permite produzir e negociar.

Sob esse aspecto, a questão da performatividade nos revela que não só precisamos ter uma boa ideia, mas, mais do que isso, precisamos ter ciência do objetivo do texto a ser produzido. A performance da escrita requer o que Deleuze e Guattari dizem acerca de como usar a linguagem, de como fazer um uso menor da linguagem maior. Esses autores comentam que temos que tentar fazer gaguejar a língua. Porque a língua majoritária, a língua acadêmica, com seus formatos impostos, torna particularmente difícil desestabilizar os ditos em prol do dizer e da sensível emergência do rosto do outro.

\*\*\*\*\*

## Debate

**Jean-Luc Moriceau:** Carlos, você quer dizer mais alguma coisa sobre a guerrilha do sensível?

**Carlos Mendonça:** Não, eu só queria lembrar que, em português, fica estranho falar em teatro da representação e teatro da repetição. A ideia do teatro da repetição foi traduzida como teatro crítico, porque está referenciando a reflexão proposta por Deleuze no livro “Sobre o Teatro”, escrito a partir do teatro de Carmelo Bene. Quando o livro dele foi traduzido no Brasil, fica claro que há uma reivindicação relativa ao uso de alguns conceitos e, por isso, ele vai exatamente questionar o “teatro da representação”. É preciso lembrar que Barthes tinha acabado de escrever um livro sobre o encontro dele com o teatro do real, então tinha toda aquela discussão, especialmente a partir de uma montagem da peça “Esta Noite Mãe Coragem”. E aí Deleuze afirma não haver aí nenhuma grande mudança, mas apenas uma mudança de posicionamento da estrutura de poder. Segundo ele, o poder continuava agindo da mesma forma, por isso seria preciso pensar o teatro crítico. É nesse sentido que Deleuze escreve sobre a obra do Carmelo Bene, trazendo uma conceituação bastante importante, em que reivindica um teatro que

seja mais performático, que escape da representação por uma espécie de linguagem minoritária. A representação reiterava um modelo, um padrão que abafava os conflitos e tensões que realmente promovem mudanças. Assim, um teatro crítico seria aquele que tivesse uma função antirepresentativa, que não aceitasse simplesmente encenar um conflito para que fosse compreendido e solucionado. Para Deleuze, Carmelo Bene pretende substituir a representação do conflito pela variação constante, pela subversão minoritária da língua, da arte. Assim, mesmo que Bene utilizasse alguma condição de representação, seria a re-apresentação de algo, a configuração de um momento em que aquilo pudesse acontecer também como evento, por assim dizer, não simplesmente um teatro comprometido com uma ilustração visual de uma literatura dramática.

**Jean-Luc Moriceau:** Muito obrigado, Carlos. Acredito que sua resposta nos remete à questão do que é fazer uma pesquisa permeada pelos afetos. Deleuze percebe no teatro de Bene um deslocamento da representação para o devir minoritário que requer abertura contínua para as mudanças e variações que modelam nossa forma de expressar através da linguagem. Então, assim como o teatro crítico requer certa recusa à representação – muito embora não possamos evitá-la – a pesquisa que se faz pelos afetos requer algo além da teoria e de seu viés condutor. Não se trata de defender uma pesquisa sem teoria, isso é impossível. Se tomarmos o livro de Kathleen Stewart *On the side of the street (A Space on the Side of the Road?)*, veremos que o nível teórico é extraordinário. Mas, ao mesmo tempo, é um livro sobre os afetos, o campo foi descrito com a condução dos afetos. Mas, por exemplo, quando tratamos da pesquisa sobre as “guerrilhas do sensível”, e nos detivemos acerca de como discutir a produção escrita de um relato acerca das situações vivenciadas, sempre tínhamos cuidado com a questão do poder, e a questão da mudança dos fluxos de poder entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Acreditávamos em duas possibilidades: a possibilidade de trazer uma discussão teórica como guia principal da discussão, ou a possibilidade delineada através da estratégia de Lingis, ou seja, de dar pistas ao leitor, de oferecer rastros e vestígios em profusão permi-

tindo que, por sua vez, o leitor também trabalhasse e refletisse junto com a pesquisa, endereçando-lhe não um relato, uma representação pronta, finalizada, imposta com a autoridade do discurso acadêmico, mas uma intriga ainda à espera da contribuição do leitor, diante do que lhe é endereçado.

**Isabela Paes:** Sobre essa questão dos afetos na pesquisa, gostaria apenas de lembrar e realçar um aspecto que, para mim, é muito importante quando falamos da pesquisa que envolveu os duelos de MCs. Estar em baixo do viaduto com eles nos permitia claramente apreender uma enorme diferença entre um discurso que era sustentado pela prefeitura para trazer mais segurança e controle para o centro da cidade, sobretudo diante do nomeado “problema das drogas”, e um discurso que recusava o enquadramento conferido pelas autoridades através das letras das músicas, dos grafites e pixações, das linguagens artísticas minoritárias como bem lembrou o Carlos. A sensação que tínhamos, era de que seria muito fácil “comprar” o discurso de estetização imposto pelos agentes do governo, principalmente quando ele se torna mediatizado a partir de imagens que ressaltavam o viaduto como decadente, esvaziado, frequentado por usuários de drogas, entregue a “gangues” perigosas. Eu me lembro que na época da pesquisa de campo eu estava no final da gestação e, de um lado, a espetacularização da mídia incutia temor. Mas, de outro, quando chegávamos perto do viaduto sentíamos que não havia nada que se assemelhasse a um lugar perigoso. As pessoas estavam lá por um motivo maior do que a festa que ocorria: quando conversávamos com elas, ia ficando claro que tinha uma história dessas pessoas ali, que elas estavam ali nesse espaço há muito tempo. Mas mesmo antes de descobrirmos isso sentíamos que elas tinham um engajamento com o que estava acontecendo, tinham um cuidado com o evento e com todas as redes de contato que o sustentavam. Estar ali para eles era importante, já havia uma historicidade de lutas, não era só uma festa, mas uma responsabilidade que criava um sentimento de conjunto, de família, de coletividade. Esse laço atravessava e enredava a gente de um jeito que era muito diferente do que recebíamos como discurso e como uma ideia pré-concebida a partir das fotos e representações da mídia. Era, no

vocabulário de Lévinas, um dito que se desarmava diante de um dizer e diante do “rosto” de jovens dedicados em promover mudanças em suas vidas e nas vidas de vários outros. Nosso desafio foi manter em mente a necessidade de sentir que havia algo de importante nos duelos e que isso não era possível de ser facilmente explicado pelo quadro conceitual por nós mobilizado. Tínhamos que estar lá e sentir o que os movia, sentir que ali há uma história muito complexa e profunda, um engajamento muito grande e que não deriva de um encontro esporádico.

**Jean-Luc Moriceau:** Certo, muito boa lembrança. Além desse desafio ético de nos mantermos sempre à escuta, sempre atentos à dialética entre o dito e o dizer do encontro e da proximidade com a alteridade, tínhamos também o desafio de como traduzir nossas percepções para um texto reflexivo que pudesse registrar nossa pesquisa. Sob esse aspecto, a escrita performativa é, para mim, uma das coisas mais importantes nesse tipo de pesquisa. Claro, toda pesquisa é performativa, mas a questão é o que ela vai performar. Nós pensamos comumente na escritura mais como representação. Mas se deslocamos a questão para o modo como devemos endereçar o texto, a relação com o leitor se torna o ponto mais importante. O dilema é qual tipo de performatividade, de performance nós vamos trazer? Diante desse dilema, questões teóricas centrais para a pesquisa vão acontecer, vão emergir. Segundo, a elaboração da escrita é bastante relevante, porque é nossa competência. O que nós fazemos em pesquisa é, primeiro, escrever. O que fazemos é ler textos, discutir textos, escrever textos. A profissão do pesquisador é uma profissão que se faz com os textos. A escrita é nossa competência. Nós falamos um pouco sobre isso o primeiro dia, das limitações, restrições, e empecilhos ligados à produção acadêmica. Não podemos escrever de qualquer jeito, mas podemos usar toda a nossa capacidade, competência de escritura, de maneira inteligente, conhecendo o contexto e as limitações da pesquisa. As limitações dizem respeito ao fato de que todos os escritores sabem que os textos são escritos com restrições e constrangimentos. A questão seria como usar essas limitações, de maneira favorável, para escrever o texto. Como disse antes, uma boa escrita requer o conhecimento aprofundado da situação que se desenha a partir da movi-

mentação do autor e de seus interlocutores. É preciso inclusive conhecer a situação que define as normas e regras que constroem a produção de um texto a ser submetido a uma determinada revista. Vamos ter que jogar com essa situação: se quisermos, por exemplo, escrever para um tipo de revista, precisamos conhecer as regras que regem o funcionamento e os fluxos editoriais do periódico. Mas têm tantas possibilidades, quanto constrangimentos. Por exemplo, a autocensura costuma ser mais alta que a censura feita por instituições hierárquicas.

**Sônia Pessoa:** Jean-Luc, estou aqui aflita para falar de uma coisa, porque hoje encerrei a disciplina de rádio e tivemos duas experiências ao longo do semestre que sempre me fazem pensar. Nós não trabalhamos com a noção de texto performativo, mas trabalhamos com as noções de “dar voz” e “dar presença” às pessoas que estavam envolvidas naquelas temáticas. Então, uma foi sobre a liminar da “cura gay”, em que nós não quisemos ouvir especialistas, mas apenas pessoas que foram afetadas, que eram da comunidade LGBT e foram afetadas por aquela decisão. Então, foram buscados depoimentos para que as narrativas fossem constituídas daquele modo. E uma outra, foi uma experiência que fizemos pelo campus, de circular com pessoas com deficiência, sendo que nós não construiríamos as narrativas, elas próprias as elaborariam. E hoje, no encerramento das disciplinas, vários alunos falaram exatamente isso, de como era diferente lidar com essas falas que eram muito mais fortes no sentido do impacto e do que estava afetando aquelas pessoas, e no que era inquietante e estranho para os próprios estudantes. Então, quando você traz o exemplo do rádio e está trabalhando essa questão da performatividade, eu acho que estávamos fazendo a mesma coisa sem perceber ou sem ter trabalhado conceitualmente essa noção. E ficou muito forte na fala deles hoje como que isso impactou e como eles mudaram o modo de circular e dese movimentarem a partir dessas experiências.

**Jean-Luc Moriceau:** Muito interessante. Sua pesquisa revela como podemos valorizar os sujeitos e seus saberes sem abordá-los como personagens, sem tratá-los como exemplos úteis para ilustrar uma narrativa de autoria do pesquisador. E o mais interessante é saber que os depoi-

mentos dos alunos revelam que o curso trouxe para eles outra perspectiva, outra forma de relação consigo mesmos e com os modos possíveis de habitar o campus. Esse desenho de pesquisa permite acolher o inesperado: ainda que tudo nos impulse a seguir o que está previsto, a conservar a distância, filtrar, reduzir e representar, nos parece que a pesquisa ganha ao se expor diante do que se estuda, ao diversificar as zonas de contato e a encontrar, mais do que perscrutar. Vocês valorizou o momento de mover-se, de caminhar, de deslocar-se explorando essa experiência de exposição para que ela movimente o pensamento, nos forçando a criar uma reflexão adaptada, que nos auxilie a conhecer o que não sabíamos de antemão. O que eu acho mais importante não é ter uma justificativa para esse tipo de pesquisa, mas tentar refletir juntos sobre como as zonas de contato são preparadas.

**Carlos Mendonça:** Gostaria de retomar o exemplo de Lingis, do assalto na praia, que traz uma descrição feita com sensualidade, quando os garotos se aproximam dele para assaltá-lo. Aqui, o movimento de aproximação dos corpos ganha uma sensualidade que não é erótica. E aí vem a ideia de que a experiência é capaz de nos tocar. Então, ser tocado, ser marcado, é ficar sem saber como reagir, porque inclusive para se perceber marcado exige certa reflexão – ou reflexividade – que vai oferecer para o sujeito a condição de percepção da experiência. Nós não percebemos por perceber. Nós percebemos a partir do aprender. Quando ele desconstrói os corpos dos jovens, dizendo que “eram olhos, mãos e gestos”, ele revela por que os corpos desnudos não podem mais caracterizar aqueles seres que deles se aproximaram. Assim, me parece que aquele momento se constitui menos pela noção de justiça e mais pela emergência do próprio corpo ou dos corpos naquela situação. Então, é a carne que se faz sentir naquilo que emerge junto com sujeito. A aparição do sujeito no pensamento fenomenológico pragmatista se relaciona com o discurso, com algo que é desligado do corpo e de sua concretude. Então, nessa situação descrita por Lingis, saímos de uma justiça abstrata para buscar a inscrição do corpo, trazendo certo modo de escrever a experiência, revelando como o que se constitui, ao final, é o sensível.

**Jean-Luc Moriceau:** Claro, Lingis elabora uma ética da responsabilidade que valoriza o corpo como mediação importante para escutarmos o clamor de justiça dos outros. É como se não houvesse a possibilidade de justiça sem pensarmos a corporeidade e suas dimensões interseccionais. Como mostramos, aos acionarmos os exemplos de lugares nos quais não há transformação nos sujeitos, como Shoppings e grandes superfícies de comércio, os espaços de disputa e de guerrilhas do sensível suscitam o corpo e sua materialidade para a formação concreta de redes de alianças: o povo insurgente como corpo coletivo, articulado, unido, em constante transmutação.

**Bruno Martins:** Eu estava lendo um texto esses dias sobre a arquitetura dos shoppings e duas coisas me chamaram muito a atenção. Nos shoppings você não consegue ver a luz do dia, justamente para você não ter a sensação de que seu tempo está passando, o dia está acabando e você está no shopping. E não tem relógio no shopping para você se situar em relação a tempo também, justamente para tirar de você a impressão de que seu tempo está passando e você está dentro do shopping. Eu achei super interessante, comecei a reparar em shoppings.

**Luciana de Oliveira:** Recentemente aqui no Brasil teve uma guerrilha do sensível muito importante nos shoppings: os chamados rolezinhos, que eram grupos organizados de jovens de periferias que realizavam encontros nos shoppings, justamente para quebrar essa lógica, reconfigurando toda uma relação com o mundo do universo de consumo preparado para esses jovens. Muitas vezes, quem não tem contato com as periferias, ou com as favelas, acha que são mundos homogêneos em si. Assim, o rolezinho foi um fenômeno importante, até porque ele é um contraponto ao viaduto do bairro Santa Tereza. A guerrilha dos rolezinhos pode mostrar que existem muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo, muitos modos de existir diferentes dentro daquilo que a gente julga ser uma mesma realidade. O rolezinho inclusive traz problemas para certa intelectualidade, porque eles não estavam organizando nenhum movimento político, nada disso, era só essa presença e

movimentação muito ligada aos próprios objetos de consumo que estão dentro dos shoppings.

**Jean-Luc Moriceau:** No exemplo que você traz, tem também a questão da negritude, a questão dos jovens das favelas, da periferia, exatamente, que em um ato bem simples – pessoas entrando no shopping – cause tanto debate sobre a questão, tantos relatos nos jornais, tantas pessoas que falam disso, ao mesmo tempo em que as economias morais julgam quem pode ou não ocupar os espaços, quem é ou não bem-vindo em certos lugares. É muito interessante ver que a partir deste simples fato, toda a teia da sociedade, da história, dos lugares de todos é convidada para a reflexão e é abalada.

**Laura Guimarães:** Então o corpo do jovem negro, principalmente o homem, ele é perseguido, ele é morto pela polícia no Brasil e é perseguido quando entra em um shopping center, ele é lido como um potencial ladrão, como ameaça. Então, quando esses corpos entram, em grupos, dentro do shopping, isso reverte algo pela simples presença desses corpos ali, só de estarem “de corpo presente”, promovem um dissenso que se coloca pela presença simples. Eles não estão lá fazendo rap, eles não estão lá falando. O simples fato de eles entrarem, desses corpos estarem presentes e em circulação nos shoppings, escancara uma situação que está presente, e é colocada todos os dias, que a gente vive ela e que a gente não nos dá tempo para pensar, ou não se quer assumir, certo? Enquanto as pessoas estão nos lugares designados a elas pela ordem policial, como diria Rancière, tudo bem, não é notícia, não causa... Agora, quando isso acontece, misturamos juntos os dois mundos que não deveriam supostamente se misturar.

**Jean-Luc Moriceau:** É exatamente o que queremos argumentar: a estetização do mundo não é geral, tem muitas outras ações estéticas muito importantes, mas a estetização do mundo é um perigo para esse tipo de manifestação. É só empurrar os sujeitos para a periferia, evidenciando que não são bem-vindos, que não favorecem a reputação da cidade. Talvez já tenha ficado claro que, no livro, essa estetização

do mundo é como se expandissem os shoppings centers, que a gente conhece como esse tipo de estética, esse tipo de distribuição de lugares, para a cidade inteira. Vários assuntos, principalmente começando no centro da cidade e, então, se desdobram para mais longe. É como se expandisse esse mesmo tipo de gestão e de estética, e de política, já que estamos falando do lugar de cada um no shopping, para a cidade toda, como se fosse ganhando. E a gente vê cidades que já são assim, estruturadas como vitrines. O primeiro dia mencionamos o Boulevard Olímpico, que acabou consistindo no gesto de colocar um shopping center ao lado do mar no Rio de Janeiro, para acontecerem as Olimpíadas. E com essas mesmas regras de dizer implicitamente – ou muito claramente, eu acho – quem é bem-vindo, quem não é bem-vindo, o que se pode dizer e o que não se pode dizer, qual é o meu lugar, como eu devo me comportar?

**Gabriel Santos:** Queria fazer uma pontuação justamente sobre essa dimensão das disputas de poder em todos os lugares. Pensando o poder na perspectiva de Foucault e tentando fazer um diálogo com Deleuze, e pensar a dimensão das disputas de poder em todos os lugares em que nós somos autorizados, ou não, a ocupar e também a dimensão dos afetos em uma perspectiva de disputa também. A partir de quais mecanismos os nossos afetos, nossas maneiras de afetar e de ser afetado são governados, como estão em disputa também os mecanismos políticos. Um exemplo disso pode ser o seguinte: faço parte do Observatório da Juventude da FaE e, há mais de dez anos, a gente tem pesquisado sobre práticas culturais juvenis. De modo muito especial, junto com os Mcs e o duelo de hip-hop, temos tentado justamente alargar essa perspectiva das práticas juvenis que não são autorizadas a estar em determinados espaços urbanos, para outras manifestações culturais juvenis como as questões de gênero. Então, temos acompanhado um coletivo chamado *Toda Deseo*, que organiza a gaymada aqui em Belo Horizonte, uma criação estético-urbana, que utiliza o esporte também como uma guerrilha do sensível para pensar justamente isso, como há corpos que realmente não importam para determinadas ordens discursivas. Butler vai falar muito disso no livro *Corpos que Importam* e temos tomado isso

como uma matriz também. Mas, nesse mesmo movimento de disputa, esses mesmos corpos que não são autorizados, eles reivindicam, eles ocupam através desses movimentos e de suas possibilidades. Acredito, pensando também em uma dimensão ética e estética, que eles também inauguram modos de agir, de existir que são resistências. E temos que pensar resistência não só como afrontamento, mas como re-existência, como a criação de um estilo de vida que afronta determinados modos normalizados de ocupar, de se afetar, enfim, de ocupar a cidade.

**Jean-Luc Moriceau:** Muito obrigado pelo uso da noção de “estilo de vida”, pois ela tem um significado especial aqui. A questão no liberalismo é de valorizar a concorrência, a meritocracia, a violência. Mas tudo é feito para que os lugares não mudem, todo mundo tem que ficar no seu lugar, zelar pela distribuição dos lugares, que são organizados de uma maneira que não vai mudar. A estetização do mundo é algo que me dá medo, porque o político, vendo que os negócios vão invadir seu domínio, a zona do estético, teme pelo perigo. O que você está dizendo do político dentro do estético faz com que a abordagem dos negócios a partir do estético seja bem mais perigosa que antes. Contudo, não podemos nos esquecer da potência das formas de vida, das múltiplas linhas de fuga que permitem aos mais vulneráveis se constituírem e aparecerem como agentes de suas vidas. Uma forma de vida é expressa nas escolhas e nas trajetórias que desenham os limites entre o que é preciso cuidar, desenhando dia a dia o “como” fazer para se dedicar à vida e à preservação de um modo de ser, de um estilo. Como sujeitos vulneráveis evidenciam tudo o que fazem para manter sua dignidade, integridade, como reparam continuamente o mundo ordinário, para que possam habitá-lo e construir condições de autopreservação? Essa é uma questão importante, uma vez que o modo como tecem juntos uma rede de manutenção da vida, articula a trama da solidariedade, dos pertencimentos, do traço de humanidade que teima em ser desrespeitado. O que permite à vida manter sua trama e encontrar um ritmo, um estilo viável? O que resiste à dor, ao sofrimento, ao desastre? Como vulnerabilidades e resistências atuam juntas para realizar uma reparação contínua da vida que ameaça romper-se a cada instante? Essas questões são importantes para Butler,

mas também para Marielle Macé, para quem o pesquisador deve sempre se manter sensível aos detalhes das vidas dos sujeitos, ao trabalho de manutenção contínua das teias do cotidiano, de seus gestos e acontecimentos minúsculos. Para ela, a abertura da pesquisa aos afetos possibilita observarmos a perseverança de um “COMO”: a maneira pela qual cada um encontra e experimenta um jeito de habitar o mundo e tornar um mundo específico habitável, apesar da ameaça da violência, do ódio, da perda. Afinal, é pela via dos afetos e dos agenciamentos políticos que os acompanham, que elaboramos demandas por dignidade, respeito, reconhecimento e redefinição das condições humanas de existência.

## Referências bibliográficas

### *Bibliografia recomendada sobre os afetos na pesquisa*

CLOUGH, Patricia Ticineto. *The Affective Turn: Theorizing the Social*. Durham, Duke University Press Books, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*, Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar. Tradução de Fernanda Bernardo, Viseu: Palimage Editores, 2003

ELLIS, Carolyn. *The autoethnographic I: A methodological novel about autoethnography*. Walnut Creek, CA: Altamira, 2004.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. *Autoethnography, personal narrative, reflexivity*. In Norman K. Denzin & Yvonna S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage, 2000, p.733-768.

ELLIS, Carolyn; ELLINGSON, Laura L. *Autoethnography as constructionist project*. In James A. Holstein & Jaber F. Gubrium (Eds.), *Handbook of constructionist research*. New York, NY: Guilford Press, 2008, p.445-465.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. *Autoethnography: An overview*. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 12(1), Art. 10, 2011.

GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. *The Affect Theory Reader*, Durham, Duke University Press, 2010.

GHERARDI, Silvia, MURGIA, Annalisa, BELLE, Elisa, MIELE, Francesco; CARRERI, Anna. *Tracking the sociomaterial traces of affect at the crossroads of affect and practice theories*, *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, Vol. 14, No 3, 2018, p. 295-316.

LETICHE, Hugo; LIGHTFOOT, Geoffrey. *The Relevant* PhD, Rotterdam, Sense, 2014.

LINGIS, Alphonso. *Justice*, dans H. Letiche, G. Lightfoot et J-L. Moriceau,

Demo(s): Philosophy, pedagogy, politics, Rotterdam, Sense, 2016.

LINGIS, Alphonso. *Cause Choice Chance, Society and Business Review*, (Forthcoming)

LINGIS, Alphonso. *Dangerous emotions*. Berkeley: University of California Press, 2000.

LINGIS, Alphonso. *Passion*: <https://www.youtube.com/watch?v=g3h2LAYPNF0>

LINSTEAD, Stephen. *Exploring culture and collective identity through the Radio-Ballads*. In Pullen, A., Sims, D., Beech, N. (Eds.), *Exploring identity: Concepts and methods*. London, UK: Palgrave, 2007, p. 251–273.

LINSTEAD, Stephen. *Feeling the Reel of the Real: Framing the Play of Critically Affective Organizational Research between Art and the Everyday*. *Organization studies*, 2017, p.1-26.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MASSUMI, Brian. *Politics of Affects*, Cambridge, Polity Press, 2015.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; DUARTE, Eduardo; CARDOSO FILHO, Jorge. (orgs.). *Comunicação e Sensibilidade: Pistas metodológicas*, Belo Horizonte, PPGCOM UFMG, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc. *Être en recherche* (p. 353-364), in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale: S'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*, Caen, EM, 2019.

MORICEAU, Jean-Luc. *L'autoethnographie*. *Conter soi-même comme un autre*, in JL. Moriceau et R. Soparnot, *Recherche qualitative en science sociale : S'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*, Caen, EMS, 2019, p. 53-66.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Vers une recherche pauvre*, *Revue Française de Gestion*, vol. 285, n°8, 2019, p. 161-168.

MORICEAU, Jean-Luc. *Can the researcher learn? Relatedness and the ethics of writing*, *Society and Business Review*, Vol. 13 n°3, 2018, p.242-53.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Les Organisations sensibles terres d'affects?* Stratégies de recherche pour The Affect Turn ou tournant vers les affects, de la recherche sur les Organisations, *Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels*, n°48, Vol. XIX, 2013, p. 367-379.

MORICEAU, Jean-Luc; SOPARNOT, Richard (dir.). *Recherche qualitative en Sciences Sociales: s'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode*. Caen: Éditions EMS, 2019.

SEDGWICK; Eve Kosofsky. *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity*, Durham, Duke University Press, 2003.

SPRY, Tami. *Body, paper, stage: Writing and performing autoethnography*. Walnut Creek, CA:Left Coast Press. 2011.

STEWART, Kathleen. *A Space on the Side of the Road: Cultural Poetics in an 'Other' America*, Princeton, Princeton University Press, 1996.

STEWART, Kathleen. *On the Politics of Cultural Theory: A Case for 'Contaminated' Cultural Critique Social Research*, vol. 58, n°2, 1991, p.395-412.

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*, Durham, Duke University Press, 2007.

### ***Bibliografia relacionada***

BENCHERKI, Nicolas. *Pour une communication organisationnelle affective: une perspective préindividuelle de l'action et de la constitution des organisations*, Communiquer [En ligne], n°15, 2015.

BERLANT, Lauren. *Cruel optimism*, Duke University Press, 2011.

BRENNZAN, Teresa. *The Transmission of Affects*, Cornell University Press, 2004.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography: A School of American Research Advanced Seminar*, Berkeley et Los Angeles, University of California Press, 1986.

ELLIS, Carolyn, *Maternal Connection*, in C. Ellis & A. Bochner, *Composing Ethnography: Alternative Forms of Ethnographic Writings*,

Walnut Creek CA: AltaMira Press, 1996, p. 204-243.

GOODALL, H. L. *Writing qualitative inquiry: Self, stories and academic life*. New York, NY: Routledge, 2008.

LINSTEAD, S. A. *Exploring culture and collective identity through the Radio-Ballads*. In Pullen, A., Sims, D., Beech, N. (Eds.), *Exploring identity: Concepts and methods*. London, UK: Palgrave, 2007, p. 251-273.

MACÉ Marielle. *Styles: Critiques de nos formes de vie*, Paris, Gallimard, 2016.

MENDONÇA, Carlos, MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Guerrilhas do sensível: estetização e contra-estetização do mundo*, Compós, 09-12 juin 2015, Brasília, Brésil, ISSN: 2236-4285, [http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensi-velcompos2015\\_2772.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/guerrilhasdosensi-velcompos2015_2772.pdf)

MORICEAU, Jean-Luc. *Écrire le qualitatif: écriture réflexive, écriture plurielle, écriture performance*, *Revue internationale de psychosociologie et de gestion des comportements organisationnels*, Vol. 24, n° 57, 2018, p. 45-68.

MORICEAU, Jean-Luc; LE THEULE, Marie-Astrid; FRONDA, Yannick. *Performativité de la prise de parole. Enseignements à partir du cas du Lucernaire*, *Management International*, vol. 22, n° 2, 2018, p. 41-51.

MORICEAU, Jean-Luc. *Longe da distância representativa: uma pesquisa que comunica e organiza*, in Ângela Cristina Salgueiro Marques Ivone de Lourdes Oliveira Fábila Pereira Lima, *Comunicação organizacional: Vertentes Conceituais e Metodológicas*, Vol. 2, Belo Horizonte (BR) : PPGCOM-UFMG, 2017, p. 205-222.

MORICEAU, Jean-Luc. *I thought I only had to have an idea*, *M@n@gement*, Unplugged – Academic non-fiction, 2017, p. 298-299.

MORICEAU, Jean-Luc. *The Turn to Performativity and the Democratic Concern: Four Orientations for a more Demos-Sensitive Debate*, in H. Letiche, G. Lightfoot & J.-L. Moriceau, *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics*, Rotterdam: Sense Publishers, 2016, p. 167-179.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *Performances acadêmicas e experiência estética: um lugar ao sensível na construção do sentido*, in B. Picado, C. Carmagos Mendonça e J. Cardoso Filho (org), *Experiência*

estética e performance, Salvador (Bahia, Brésil): EDUFBA, 2014, p. 107-129.

MORICEAU, Jean-Luc; PAES, Isabela. *An apprenticeship to pleasure: aesthetics dynamics in organizational learning*. Society and Business Review, Vol. 11 n°1, 2016, p. 80-92.

MORICEAU, Jean-Luc; GUÉRILLOT; Géraldine. *Gifted: The monolingualism of CSR*, Géraldine Guérillot & Jean-Luc Moriceau, Revista de Administração de Empresa, mars, vol 52, n°2, 2012, p. 153-164.

NANCY, Jean-Luc. *Making Sense*, in L. Collins et E. Rush, *Making Sense: For an Effective Aesthetics*, Oxford, Peter Lang, European Connections 33, 2011, p. 209-214.

NANCY, Jean-Luc. *The Gravity of thought*, Humanities Press, 1997.

POULOS, C. *Accidental ethnography: An inquiry into family secrecy*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: Scènes du régime esthétique de l'art*, Paris, Galilée, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do sensível: Esthtica et política*, Editora 34, 2005.

SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*, Bertrand Brasil, 2017.

STRATI, Antonio. *Organization and aesthetics*. London, UK: SAGE Publications, 1999.

THRIFT, Nigel. *Non-representational theory: Space, politics, affect*. London, UK: Routledge, 2008.

VEISSIERE, Samuel P. L. *Making a Living: The Gringo Ethnographer as Pimp of the Suffering in the Late Capitalist Night*, Cultural Studies Critical Methodologies, vol.10, n°1, 2010, p.29-39.

VEISSIERE, Samuel P. L. *Notes and Queries for an Activist Street Anthropology: Street Resistance, Gringopolítica, and the Quest for Subaltern Visions in Salvador Da Bahia, Brazil*“, Education, Participatory Action Research and Social Change. International Perspectives, New York, Palgrave MacMillan, 2009, p.209-222.

## Jean-Luc Moriceau

Doutor em Ciências de Gestão da Universidade de Paris IX Dauphine, e habilitado à dirigir as pesquisas (HDR) desta mesma universidade, ele é responsável pela formação de doutores do LITEM, Laboratório na Université Paris-Saclay. Professor do Programa de Pós-Graduação do Institut Mines-Télécom Business School (Evry, France), onde ele ensina métodos de pesquisa. Seus principais interesses de investigação relacionam-se aos temas: Estética e organização; Estudos críticos de gestão/pós-modernismo; Arte e construção de sentido; Performance e performatividade; Métodos Qualitativos de pesquisa. Publicou, entre outros, os livros *Demo(s); Philosophy – Pedagogy – Politics* (Sense, 2016) ; *Recherche qualitative en sciences sociales: s'exposer, cheminer, réfléchir ou l'art de composer sa méthode* (EMS, 2019); *L'art du sens dans les organisations* (PUL, 2019), *Turn to Film* (Sense, 2019) e *The Magic of Organization* (E. Elgar, 2020).

Esta coleção acolhe reflexões dedicadas a temas, fenômenos ou processos comunicacionais específicos e oriundas de pesquisas de campo, estudos de caso, experimentos e construções metodológicas, revisões e proposições teóricas diversas.